

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE PSICOLOGIA
PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
PSICOLOGIA SOCIAL E DA PERSONALIDADE**

Redes sociais – pessoais: conceitos, práticas e metodologia

**Tese para optar pelo título de
Doutor em Psicologia**

**Apresentado por
María Piedad Rangel Meneses**

**Orientadora:
Professora Doutora Neuza Maria de Fátima Guareschi**

Porto Alegre, abril de 2007

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE PSICOLOGIA
PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
PSICOLOGIA SOCIAL E DA PERSONALIDADE**

María Piedad Rangel Meneses

Redes sociais – pessoais: conceitos, práticas e metodologia

Banca Examinadora

**Profa. Dra. Neuza Maria de Fátima Guareschi
Orientadora/Presidente**

**Prof.^a Dra. Maria de Fátima Quintal de Freitas
Universidade Federal do Paraná, UFPR.**

**Prof.^a Dra. Helena Beatriz Kochenborger Scarparo
Pontifícia Universidade do Rio Grande do Sul**

**Prof. Dr. Peter Kevin Spink
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC/SP**

**Prof. Dr. Francisco Arseli Kern
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

R196r Rangel M. , María Piedad
Redes sociais: pessoais: conceitos, práticas e metodologia / María Piedad Rangel Meneses. — Porto Alegre, 2007.
136 f.

Tese (Doutorado) – Faculdade de Psicologia. Programa de Pós-Graduação em Psicologia. PUCRS, 2007.

Orientador: Profa. Dra. Neuza Guareschi

1. Redes Sociais Municipais. 2. Psicologia Social. 3. Famílias Imigrantes - Aspectos Sociais. 4. Cultura. 5. Estudantes Universitários. 6. Redes Sociais. I. Título.

CDD : 158.2

Bibliotecário Responsável
Ginamara Lima Jacques Pinto
CRB 10/1204

Agradecimentos

Esta pesquisa não teria sido possível sem a minha rede social. Deste modo os agradecimentos a cada um deles, nós importantes da rede:

Família: David fiel companheiro de amores, oferece incondicionalmente todas as funções que as redes prestam. Apoio emocional, guia e conselheiro, regulador social, ajuda material e principalmente “cumpai” de todas minhas propostas. Sem ele com certeza minha vida não teria a qualidade que tem. Obrigada pelos mais de vinte anos ao meu lado, me animando diariamente.

Amaranta e Federico, filhos da alma, pela paciência, entender as longas horas de ausência durante o tempo que fiquei dedicada às atividades acadêmicas; pelas perguntas *ingênuas* sobre o que faço, como é ser doutora, para que escrever tanto, para o que pensar tanto, por me questionar o que farei depois de terminar a tese. Sem estas perguntas certamente teria refletido de outro modo meu fazer e meu ser.

Minha mãe, quem sempre me animou para o progresso e a independência. Meu pai com quem aprendi a gostar das longas horas de dedicação a leituras e ao trabalho. Desde o além ainda exerce uma forte influência para minha busca na compreensão do humano e no amor pelo social.

Pata superando dia a dia seu câncer e me ensinando que a vida continua e que depende de nos o como viver-la. Lulú, preocupada pelo bem-estar de cada um dos irmãos. Toto conversando comigo quase diariamente, mantendo-me informada das novidades da família. Jorge o modelo, estudioso e inteligente. E Fídoly com seu bom humor, sempre me fazendo rir, aliviando momentos de tensão. Todos eles me perguntando “ya casi?” animando-me a concluir esta nova etapa da minha vida.

Norma, minha sogra, pela ajuda para que eu possa seguir percorrendo este caminho. Sempre curiosa pelas novas conquistas e etapas acadêmicas.

Amigos: Edinara Bisognin, apoio emocional, conselheira e companhia, pela escuta ativa, pela capacidade de me questionar pro-ativamente, pelo impulso para crescer em todas as dimensões pessoal e profissional.

Sheila Câmara, amiga, conselheira, guia cognitiva, pelas longas horas de discussão, escuta e apoio. Nó da rede que me ajuda a guiar através dos novos caminhos, pela nova cultura. Sempre atenta às publicações de meu interesse, presenteando-me livros, leituras e principalmente sua crítica animadora.

Anita Bernardes, modelo, guia cognitivo e conselheiro, com seu olhar diferente do meu e sempre respeitoso me permitiu momentos importantes de auto-avaliação.

Cláudia Cenci, sempre interessada no meu progresso, desejosa de compartilhar a compreensão das redes, e disposta a ler, crítica e questionadora, meus escritos.

Patrícia Peláez, com quem compartilhamos gostos acadêmicos e sociais. Sempre atenta a me animar nos momentos difíceis. Fiel parceira de novas propostas. Seu pai, Seu Manuel, animador e motivador para continuar andando o caminho e enfrentando os desafios.

Eduardo, Marcelo, Mariana, Kátia com seus estilos individuais enriquecem minha vida nos espaços que compartilhamos quando estamos próximos geograficamente e quando a distância nos dificulta ver-nos rosto a rosto. Suas vozes de alento me impedem parar.

Luis e Vicky, amigos, com quem compartilhamos momentos de lazer e tradição cultural de origem, fornecedores de bibliografias *y otras cositas más*.

Educação Trabalho: Professor Jorge Castellá Sarriera, meu primeiro orientador, quem desempenhou várias das funções, principalmente a de guia cognitivo e conselheiro. Através de suas constantes reflexões, críticas construtivas e orientações teóricas nortearam e delimitaram meu trabalho para este poder acontecer.

A Profa. Dra. Neuza Maria de Fátima Guareschi com suas funções de apoio emocional e guia cognitivo e conselheiro quem carinhosa e gentilmente me acolheu no seu grupo de pesquisa no meu último ano de doutorado. Com outro olhar e grande respeito pelo meu conhecimento me permitiu ampliar os horizontes da pesquisa, refletir desde outro lugar e crescer. Neuza seu acolhimento me fez vivenciar uma das funções da rede sem a qual não teria conseguido terminar este trabalho. Obrigada.

Aos professores de seminários Jorge Sarriera e Pedrinho Guareschi, e às professoras Adriana Wagner, Neuza Guareschi, Lílian Stein e Eliana Antonini, todos eles guias cognitivos, pelos espaços para a construção de conhecimento. Aos demais professores da pós-graduação pelas contribuições.

A Maria Lúcia Tiellet Nunes pela preocupação por me inserir prontamente em outro grupo de pesquisa assim que se desfez o GPPC quando da saída do prof. Jorge.

Aos colegas de aula, que através de seus olhares e diversidade permitiram-me a escutar a polifonia dos diversos paradigmas que transitam pelo programa de pós-graduação.

As ex-bolsistas da PUC Carolina, Júlia, Roberta, Paula e Ana Paula que ofereceram constantemente sua ajuda e colaboraram com minhas tarefas no grupo.

As secretárias Inês, Cláudia, Cláudia e Fernanda, sempre prontas a me auxiliarem e explicarem os procedimentos e fornecer informações sobre diversos processos da pós-graduação.

Jane Conterno Aquino e Edinara Bisognin coordenadoras do curso de Psicologia da Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões, campus Frederico Westphalen (URI), com sua ajuda pronta e carinhosa, atenderam prontamente a minhas solicitações de tempo e espaço, sempre de maneira incondicional.

Eduardo Peliccioli, o Duda, colega amigo que esteve pronto a me oferecer apoio nos momentos de stress e se dispôs a escutar por horas discussões sobre o tema, assumindo algumas tarefas na URI, enquanto eu me dediquei a leituras.

As minhas estudantes de IC e estagiários do Núcleo de Psicologia Social Comunitária da URI-FW Mariana, Camila, Marisa e Ana Rita que contribuíram permanentemente na coleta de dados e com suas perguntas sobre as redes possibilitaram a minha compreensão.

À URI local onde consigo consolidar o aprendizado nos espaços acadêmicos de docência e pesquisa que me fornece.

A Antonieta Pepe Nakamura coordenadora do curso de Psicologia da Universidade Luterana do Brasil, Canoas por seu acolhimento e impulso para continuar estudando.

Aos alunos e alunas das duas universidades que através de suas perguntas e interesse pela temática das redes sociais, me instigam a aprofundar no tema, possibilitando, desta forma, que eu possa ter maior compreensão sobre a mesma. Àqueles alunos que decidem realizar seus trabalhos de pesquisa junto a esta temática por aderir a um modo de compreender o mundo social.

Aos colegas, muitos deles interessados em vincular desde seus campos específicos de atuação e ensino, a compreensão das redes sociais.

Professor Enrique Saforcada e professora Maria de Fátima Quintal de Freitas, como guia cognitivo e conselheiro que com seus questionamentos, durante a defesa do *qualify* permitiram pensar desde outro lugar e avançar na tese.

Comunidade: Carla, mantendo sempre longe dos meus livros, papéis e *desordem* a poeira, mantendo meu lugar de trabalho acolhedor.

Os locais de estágio dos alunos que me facilitam conhecer as formas como tecem suas redes, me incentiva constantemente a pesquisar sobre esta temática, facilitando o espaço, oferecendo todos os recursos e levando minha voz a diversas organizações da sua própria rede.

Pessoas das comunidades nas quais transito, com seu acolhimento e proteção, fazem sentir-me segura e confiante no meu trabalho.

A todos e cada um dos participantes desta pesquisa, à família Live pela paciência em responder cada seis meses os mesmos instrumentos, me receber na sua casa para os espaços de conversação sobre sua rede social-pessoal e permitir-me intrometer na sua vida durante estes quatro anos de tese. Cada um dos estudantes dos três cursos diurnos que colaboraram respondendo os questionários e preenchendo os mapas de redes. Cada um dos diretores de todas as instituições que colaboraram com as informações necessárias para mapear a rede social municipal. Seria impossível e interminável nomear todas.

Sumário

Agradecimentos	4
Sumário	9
Índice de mapas	12
Índice de tabelas	13
Índice de ilustrações	15
Redes sociais – pessoais: conceitos, práticas e metodologia.....	16
Resumo	16
Introdução.....	19
Conceitos sobre redes sociais no paradigma ecossistêmico	22
A estrutura das redes sociais.....	24
A função das redes sociais.....	27
A Intervenção em Redes.....	29
O Apoio Social como Função da Rede Social.....	30
Referências	34
Transição ecológica da rede social-pessoal de uma família imigrante em Porto Alegre	36
Resumo	36
Introdução.....	38
Migrações	39
Migração e família.....	39
Migração e cultura.....	43
Rede social-pessoal	44
Método.....	46
Resultados e discussão	47
O Genograma Familiar de Três Gerações	47
FACES III: Family Adaptability & Cohesion Evaluation Scales.....	49
As redes sociais	50

Aspectos macrosistêmicos da migração.....	52
Econômico.....	52
A cotidianidade.....	54
Reflexões sobre as vivências da migração.....	54
Referências.....	56
A rede social-pessoal em transição: mudanças no tempo.....	59
Resumo.....	59
Introdução.....	61
Cultura e socialização.....	62
Redes de apoio e redes social-pessoais.....	62
Apresentação e discussão dos resultados.....	64
Reflexões.....	78
Referências.....	81
O tecido social de uma instituição de cuidados à criança e ao adolescente vulneráveis.....	84
Resumo.....	84
Introdução.....	86
Análise dos resultados.....	90
Análise estrutural.....	90
Análise funcional.....	96
Reflexões e considerações.....	104
Referências.....	105
Transversalidades e atravessamentos metodológicos na pesquisa de redes sociais.....	108
Socioanálise.....	108
Cibernética.....	109
Sistemas Mecânicos, Biológicos e Sociais.....	109
Socioanálise Cibernética no estudo das redes sociais.....	112
Referências.....	117
Apêndice A.....	119
Instrumentos utilizados para pesquisa sobre família imigrante.....	119
Apêndice B.....	124
Instrumentos utilizados para a pesquisa Transição ecológica: calouros.....	124
Apêndice C.....	128
Instrumentos utilizados na pesquisa Redes Sociais Municipais.....	128

Apêndice D.....	132
Cartas de aceite de pesquisa de comitê de bioética	132
Apêndice E	136
Termos de consentimento.....	136

Índice de mapas

Mapa 1 Mapa total da rede social comunitária da instituição. Exossistema	89
Mapa 2 Primeira rede institucional. Mesossistema	93
Mapa 3 Modelo gerado com o programa InFlow 3.1 - Social Network Mapping Software	114
Mapa 4 Modelo gerado com o programa Mathemática.....	114
Mapa 5 Detalhes de setores geográficos do mapa de Redes Municipal.....	114

Índice de tabelas

Tabela 1 Resultado das três aplicações do FACES III. E ^a : esposa. E ^o : esposo. Méd: média. DP: desvio padrão.....	49
Tabela 2 Mapa da rede social-pessoal do casal, duas semanas após a migração	51
Tabela 3 Mapa da rede social-pessoal do casal, seis meses após a migração	51
Tabela 4 Mapa da rede social-pessoal do casal, dezoito meses após a migração.....	51
Tabela 5 Dados sócio demográficos por cursos.	66
Tabela 6 Psicologia. Número de membros na rede segundo os quadrantes: família, amigos, comunidade, trabalho/universidade. E a percepção de proximidade ou distanciamento. Hs: homens, Ms. Mulheres; Inst.: Instituições.....	68
Tabela 7 Psicologia. Número de membros na rede segundo os quadrantes: família, amigos, comunidade, trabalho/universidade. E a percepção de proximidade ou distanciamento. Hs: homens, Ms. Mulheres; Inst.: Instituições.....	69
Tabela 8 Filosofia. Número de membros na rede segundo os quadrantes: família, amigos, comunidade, trabalho/universidade. E a percepção de proximidade ou distanciamento. Hs: homens, Ms. Mulheres; Inst.: Instituições.....	69
Tabela 9 Filosofia. Número de membros na rede segundo os quadrantes: família, amigos, comunidade, trabalho/universidade. E a percepção de proximidade ou distanciamento. Hs: homens, Ms. Mulheres; Inst.: Instituições.....	69
Tabela 10 Enfermagem. Número de membros na rede segundo os quadrantes: família, amigos, comunidade, trabalho/universidade. E a percepção de proximidade ou distanciamento. Hs: homens, Ms. Mulheres; Inst.: Instituições.....	70
Tabela 11 Enfermagem. Número de membros na rede segundo os quadrantes: família, amigos, comunidade, trabalho/universidade. E a percepção de proximidade ou distanciamento. Hs: homens, Ms. Mulheres; Inst.: Instituições.....	70
Tabela 12 Psicologia. Percepção da suficiência ou insuficiência dos membros nos diversos quadrantes do mapa de redes social-pessoais.....	73
Tabela 13 Filosofia. Percepção da suficiência ou insuficiência dos membros nos diversos quadrantes do mapa de redes social-pessoais.....	73
Tabela 14 Enfermagem. Percepção da suficiência ou insuficiência dos membros nos diversos quadrantes do mapa de redes social-pessoal.....	73
Tabela 15 Psicologia. Porcentagem de concentração de elementos por quadrante do mapa de redes social-pessoal na primeira e na segunda aplicação. Primeiro e último mês acadêmico.....	75
Tabela 16 Filosofia. Porcentagem de concentração de elementos por quadrante do mapa de redes social-pessoal na primeira e na segunda aplicação. Primeiro e último mês acadêmico.....	76

Tabela 17 Enfermagem. Porcentagem de concentração de elementos por quadrante do mapa de redes social-pessoais na primeira e na segunda aplicação. Primeiro e último mês acadêmico.....	76
Tabela 18 Cores dos alfinetes que identificam o caráter das instituições	91
Tabela 19 Percepção do vínculo entre as diversas instituições	92
Tabela 20 Indicação de reciprocidade a vínculos percebidos pela Instituição	94
Tabela 21 Identificação da percepção da qualidade da relação.....	98
Tabela 22 Cibernética de primeira e segunda ordem	112

Índice de ilustrações

Ilustração 1 Genograma à chegada.....	47
Ilustração 2 Genograma 24 meses depois.....	47

Redes sociais – pessoais: conceitos, práticas e metodologia

Resumo

Dois estudos sobre redes sociais-pessoais e um sobre redes sociais municipais fizeram parte da tese. O primeiro foi sobre a mudança da rede social-pessoal de uma família imigrante ao longo do tempo e o objetivo estudar o movimento ao longo de 24 meses, das redes sociais de uma família latino-americana, imigrante em Porto Alegre e sua relação com a estrutura familiar. Os instrumentos utilizados foram: o Mapa de Redes; espaços conversacionais; o FACES III escala que avalia a estrutura e o funcionamento familiar, nas dimensões de adaptação e coesão familiar; e o genograma transgeracional. Foi possível acompanhar várias crises culturais no microsistema familiar e avaliar como aspectos contextuais do macrosistema cultural e político impactam e dificultam aos imigrantes a inserção no país de acolhida. Também, evidenciam-se fortalezas da família quanto à ativação da rede, propiciando espaços para a inclusão na cultura majoritária. O segundo artigo apresenta o estudo que acompanhou, durante um ano, três turmas de calouros de cursos diurnos de uma universidade, localizada no norte do estado de Rio Grande do Sul, com o objetivo de estudar as mudanças estruturais e funcionais do mapa de rede social-pessoal. Observou-se a importância de espaços de reflexão para facilitar nos acadêmicos a inserção ao contexto universitário. Por fim o terceiro estudo mapeou as redes sociais de uma instituição de cuidado à criança e ao adolescente, em um município do norte do estado de Rio Grande do Sul. Os achados mostram uma rede de redes, isomórfica desde o microsistema até o exossistema e constituída por 69 instituições com 263 conexões entre elas. A respeito das funções encontramos dificuldade para dar conta da promoção do bem-estar da criança e do adolescente já que as necessidades demandadas pela comunidade, as famílias e os adolescentes e crianças não têm satisfação por sobreposição de tarefas e funções nas diversas instituições cujo propósito é auxiliar este tipo de população, o que produz dificuldade na manutenção da identidade institucional. Além dos artigos apresento dois capítulos no formato de livro, o primeiro sobre os conceitos das redes sociais-pessoais à luz do paradigma ecossistêmico e o último discute o percurso metodológico que atravessa as três pesquisas realizadas. Os referenciais teórico-metodológicos e paradigmáticos de orientação ecossistêmica construtivista permitiram a compreensão das transições e mudanças nas redes sociais.

Palavras chave: Redes sociais-pessoais, Família imigrante, Estudantes universitários, Redes sociais municipais.

Social - personal nets: concepts, practice and methodology

Abstract

Two studies on social-personal nets and one on municipal social nets had been part of the thesis. The first one was on the change of the social-personal nets of an immigrant family throughout the time and its objective to study the movement throughout 24 months, of the social nets of a Latin American immigrant family in Porto Alegre and its relation with the familiar structure. The used instruments had been: the Map of Nets; conversational spaces; FACES III scale that evaluates the structure and the familiar functioning in the dimensions of adaptation and familiar cohesion; and the trasgenerational genogram. It was possible to follow some cultural crises in family microsystem and to evaluate how contextual aspects of cultural and politician macrosystems impacted and diffculted the immigrants insertion in the receiving country. Also, the family strengths regarding the activation of the net are proven, propitiating spaces for the inclusion in the major culture. The second article presents the study that followed, during one year, three groups of freshmen of diurnal courses of a university, with the objective to study the structural and functional changes of the social-personal net map. Importance of reflection spaces to facilitate the academics insertion to the university context was observed. Finally the third study mapped the social nets of a child and adolescent care institution, in a city in the north of the Rio Grande Do Sul state. The findings show a net of nets, isomorphic from microsystem to exosystem and constituted by 69 institutions with 263 connections between them. Regarding the functions we find difficulty to accomplish the promotion of child and adolescent well-being since the necessities demanded for the community, the families and the adolescents and children do not have satisfaction due to tasks and functions overlapping in the various institutions whose intentions are to assist this population groups, thus producing difficulty to preserve the institutional identity. Besides articles I present two chapters in the book format, first on the concepts of the social-personal nets under the light of the eco-systemic paradigm and the last one argues the methodological passage that crosses the three researches. The theoretical-methodological and paradigmatic references of constructivist eco-systemic orientation had allowed to the understanding of the transitions and changes in the social nets.

Words key: Social-personal nets, immigrant family, university students, municipal social nets.

Redes sociales – personales: conceptos, prácticas y metodología

Resumen

Dos estudios sobre redes sociales personales y uno sobre redes sociales municipales hicieron parte de esta tesis. El primero fue sobre el cambio a lo largo del tiempo, de la red social personal de una familia inmigrante cuyo objetivo fue estudiar el movimiento, a través de 24 meses, de las redes sociales de una familia latinoamericana, inmigrante en Porto Alegre y su relación con la estructura familiar. Los instrumentos utilizados fueron: el Mapa de redes, espacios conversacionales, el FACES III escala que evalúa la estructura y

el funcionamiento familiar en las dimensiones de adaptación y cohesión familiar; y el genograma transgeneracional. Fue posible acompañar varias crisis culturales en el microsistema familiar y evaluar cómo aspectos contextuales del macrosistema cultural y político impactan y dificultan a los inmigrantes la inserción en el país de acogida. Finalmente, se evidenciaron fortalezas de la familia en relación a la activación de la red, lo cual le ha propiciado espacios para la inclusión en la cultura mayoritaria. El segundo artículo presenta el estudio que acompañó, durante un año, tres grupos de primiparos de cursos diurnos de una universidad ubicada en el norte del Estado de Rio Grande do Sul, Brasil, con el objetivo de estudiar los cambios estructurales y funcionales del mapa de redes social personal. Se observó la importancia de espacios de reflexión para facilitar en los estudiantes la inserción al contexto universitario. Por último, el tercer estudio realizó un mapeo de las redes sociales de una institución filantrópica que cuida de niños y adolescentes, en un municipio del norte del estado de Rio Grande do Sul. Los resultados muestran una red de redes, isomórfica desde el microsistema hasta el exosistema y constituida por 69 instituciones con 263 conexiones entre ellas. Sobre las funciones, encontramos dificultad para dar cuenta de la promoción de bienestar del niño y del adolescente puesto que las necesidades demandadas por la comunidad, las familias y los niños y adolescentes no encuentran satisfacción por sobre posición de tareas en las diversas instituciones, lo que produce dificultad para mantener la identidad institucional. Además de los artículos, presento dos capítulos en formato de libro; el primero sobre los conceptos de las redes sociales personales a la luz del paradigma ecosistémico y el último discute el recorrido metodológico que atraviesa las tres investigaciones realizadas. Los referenciales teórico – metodológicos y paradigmáticos de orientación ecosistémica constructivista me permitieron la comprensión de las transiciones y cambios en las redes sociales.

Palabras clave: Redes sociales personales, Familia inmigrante, Estudiantes universitarios, Redes sociales municipales.

Introdução

Esta tese é produto de três pesquisas em diferentes contextos. A forma de apresentá-la é no formato artigo, o qual me apresentou um desafio metodológico para dar uma coerência e principalmente dar visibilidade aos eixos condutores.

O percurso da tese é isomórfico ao meu processo de inserção cultural. Como imigrante, fui conhecendo gradualmente o contexto cultural de acolhida, no qual ingressei através do contexto de estudo. Tive a oportunidade, de ser aceita no grupo de pesquisa do Prof. Jorge Sarriera que estudava famílias hispano-americanas no Brasil, e foi aceita minha proposta de estudar as redes sociais-pessoais de uma família com estas características.

Depois, ao ingressar no contexto do trabalho foi possível ampliar minha rede social-pessoal e com outro olhar fui compreendendo melhor a cultura brasileira e me perguntei sobre as redes sociais dos alunos calouros, e como ingressar à universidade modificava sua rede social-pessoal; deste modo propus um segundo estudo sobre redes.

Compreendendo mais os contextos sociais, finalmente me propus trabalhar a rede social de um município. Desta forma passei da compreensão de microssistema para a compreensão de um mesossistema e, por fim de um macrossistema.

Todavia apresentar três artigos seria insuficiente para mostrar o trabalho realizado. Por isto apresento no primeiro capítulo, escrito no formato de capítulo de livro, conceitos gerais das redes sociais os quais estão presentes em todas as pesquisas realizadas. A partir das teorias ecossistêmicas de redes sociais pessoais, que se constroem nos microssistemas, fui re-pensando estas até conseguir compreender redes nos macrossistemas.

No segundo capítulo apresento o artigo de um microssistema familiar, *Transição ecológica da rede social-pessoal de uma família imigrante em Porto Alegre*, cujo objetivo

estudar o movimento, ao longo de 24 meses, das redes sociais de uma família latino-americana, imigrante em Porto Alegre e sua relação com a estrutura familiar. Este artigo foi escrito a partir da pesquisa *Aculturação em imigrantes econômicos e refugiados latino-americanos: aspectos psicossociais e estratégias de inclusão/exclusão social*, avaliado e aceito pelo comitê de Bioética da PUC-RS com ofício nº. 801/03-CEP (Apêndice D).

No terceiro capítulo apresento o artigo de um mesossistema acadêmico, *A rede social-pessoal em transição: mudanças no tempo*, que teve como objetivo compreender como se reestrutura a rede social de alunos calouros de três cursos universitários e visibilizar distinções entre os diversos cursos. Para isto fiz acompanhamento a estes cursos ao longo do primeiro ano de universidade, aplicando os mesmos instrumentos no primeiro e no último meses acadêmicos, para observar as mudanças neste período. Este artigo foi produzido a partir da pesquisa *Transição ecológica: ingresso à universidade e processo de aculturação*, avaliada e aceita pelo comitê de Bioética da URI-FW, com ofício nº. 026-2/PPH/05 (Apêndice D).

No quarto capítulo apresento o artigo *O tecido social de uma instituição de cuidados a criança e ao adolescente vulnerável*, cujo objetivo é fazer visíveis as redes sociais e discutir as características dos vínculos e funções desta. Este artigo foi elaborado a partir da pesquisa *Redes Sociais Municipais em Frederico Westphalen*, avaliado e aceito pelo comitê de Bioética da URI-FW, com ofício nº. 064-2/PIH/04 (Apêndice D).

No quinto capítulo faço uma discussão metodológica, escrita no formato de capítulo de livro, *Atravessamentos e transversalidades metodológicas no estudo das redes sociais*. O objetivo é fazer uma reflexão sobre como aconteceu o processo da pesquisa, a partir da aprendizagem de uma metodologia para estudo das redes que desse conta, tanto da análise estrutural quanto da análise das funções.

Para manter uma coerência metodológica na apresentação deste documento, e para facilitar a leitura, a paginação, normas metodológicas e números de página são contínuos. Porém para envio dos artigos a revistas da área, estes se formatarão de acordo com as normas editoriais de cada uma delas.

Nos apêndices encontram-se os três pareceres de comitês de bio-ética que aprovaram as pesquisas, os questionários utilizados para o levantamento das redes e das funções, e o gráfico de redes sociais-pessoais.

Conceitos sobre redes sociais no paradigma ecossistêmico

María Piedad Rangel M.¹

Neste primeiro capítulo discuto vários conceitos sobre redes sociais, à luz do paradigma ecossistêmico. O objetivo do mesmo é apresentar algumas distinções com conceitos como rede de apoio e psicologia comunitária. O segundo objetivo é refletir sobre a importância de estudar as redes nas duas dimensões: da estrutura e da função, toda vez que os sistemas de estudo para as redes sociais têm orientações estruturais ou funcionais, sem integrar estas.

Para pensar a rede na dimensão da estrutura, encontramos a Análise das Redes Sociais (SNA pela sigla em inglês) que consiste em traçar e medir relacionamentos que se estabelecem entre povos, grupos, organizações, computadores ou outra forma de interação e comunicação. Os nós na rede são pessoas, grupos e os povos, quando as ligações mostram relacionamentos ou fluxos entre os nós. A SNA fornece uma análise visual e matemática de relacionamentos humanos (Gould. 1980). Deste modo as redes se visibilizam, podendo observar nelas, através de códigos de cores e traços algumas características do modo em que se conectam estes nós. Quando utilizado como ferramenta de auto-observação e análise os participantes da rede vivenciam seu lugar social de forma concreta e parece haver possibilidades de refletir sobre a percepção que os nós da rede têm sobre o modo como estabelecem seus relacionamentos e sobre o modo como os outros os percebem.

Para entender as funções da rede encontramos propostas de cunho qualitativo, principalmente através de narrativas e da hermenêutica. Este outro modo de pensar a rede

¹ María Piedad Rangel mestre em Psicologia pela PUC-RS. Doutoranda em Psicologia na PUC-RS. Professora da Universidade Regional do Alto Uruguai e das Missões e da Universidade Luterana do Brasil - Canoas.

Endereço correspondência: Rua Castro Alves, 19/201 Porto Alegre, RS. CEP 90430-131. Telefone: 51-33124200 ou 51-92936530. e-mail: piarangelm@gmail.com

fala dela a partir do sentido e a partir das mobilizações que desta se demandam. Assim, pensar as duas dimensões estrutura e função pretende ao encontro da integralidade permitindo e facilitando nos participantes da rede de um lado conscientizar-se do lugar social que ocupam e de outro entender o que isto significa e qual seu papel dentro da sua rede.

Abordo conceitos sobre redes sociais, apoio social e psicologia comunitária. Esta opção, arbitrária até, tem a intenção de fazer distinções entre esses três conceitos-contextos, já que as redes sociais se constroem dentro da comunidade e o apoio social é considerado como uma função dentre as múltiplas oferecidas pelas redes sociais; é pensado como a principal função e, também, como promotor da construção das redes.

Início com conceitos apresentados sobre rede social, cuja epistemologia é ecossistêmica; após estabeleço a caracterização das redes sociais enquanto estrutura e função, e, por fim, a intervenção em redes dentro da psicologia, apresentando algumas críticas feitas à psicologia comunitária quando comparada com a intervenção em redes.

A rede social, a partir da metáfora da rede do pescador, está tecida por nós. Estes nós representam pessoas e instituições que criaram vínculos de diversas qualidades e intensidades. Os fios que permitem “amarrar” esses nós estão constituídos pelas relações, pelos vínculos, pelas diversas formas comunicacionais. Assim, um nó pode ser tecido por uma pessoa, por um grupo, por uma comunidade, em fim por um sistema auto-organizado. Quando encontramos sistemas auto-organizados formando um nó, podemos também estudar as suas redes internas já que as relações são isomórficas nos diversos sistemas. Portanto, os conceitos apresentados aqui, são operadores teóricos pertinentes para quaisquer sistemas, desde uma pessoa até comunidades e sociedades.

Attneave e Ross (1982), asseveram que a Rede Social é depositária da identidade e da história individual e grupal; é uma fonte de retroalimentação e reconhecimento social. Neste sentido, as interações dadas permitem a cada participante refletir e manter uma imagem própria, relacionada com os diversos papéis que cada um desempenha e/ou assume na relação.

Para Elkaïm (1989), a Rede Social implica num processo de construção permanente tanto em nível individual quanto coletivo; o autor considera a Rede Social um sistema

aberto que, através de um intercâmbio dinâmico entre seus integrantes e entre eles e outros grupos sociais, torna possível a melhor utilização de seus recursos. Cada membro da família e da comunidade se beneficia das múltiplas relações que estabelecem e que favorecem seu desenvolvimento.

Para Sluzki (1996), a Rede Social representa o conjunto de todas as relações que uma pessoa possui de forma significativa, assim percebidas por ela, definindo o nicho social próprio que contribui para seu reconhecimento. A Rede Social é uma fonte essencial de sentimento de identidade, do dever ser, de competência e de ação.

Outros autores que estudam as redes sociais destacam diferentes elementos de análise, além dos mencionados. Para Balcani, G. Ferraris, S. e Marano, G. (1995), as redes sociais constituem-se num intercâmbio dinâmico. Já para Primavera (1995), estas se constituem fundamentalmente em práticas sociais. Sintetizando, os constitutivos e características das redes sociais, segundo os diferentes autores apresentados, poder-se-ia dizer que as redes sociais são um sistema aberto em permanente construção, que se constroem individual e coletivamente. Utilizam o conjunto de relações que possuem uma pessoa e um grupo, e são fontes de reconhecimento, de sentimento de identidade, do ser, da competência, da ação. Estão relacionadas com os papéis desempenhados nas relações com outras pessoas e grupos sociais, constituindo-se nas práticas sociais que no cotidiano não se aproveitam em sua totalidade.

A estrutura das redes sociais

Para Sluzki (1996) e Attneave e Ross (1982), as redes sociais se estruturam segundo seu tamanho e sua dimensão. Elas estão determinadas pelo número de órgãos ou instituições que as compõem.

As redes sociais são modificadas na estrutura por imigrações e emigrações de seus membros, seja por adesão ou saída de alguns indivíduos ou por mudança de órgãos ou instituições componentes da rede.

Outro fator importante a considerar-se nesta transformação é o tempo decorrido. Com a evolução natural dos sistemas humanos, a conformação das redes sociais varia. Pessoas e grupos mudam, ao longo do tempo, as relações por diversas razões que fazem

parte da transição ecológica no curso da vida. Assim, uma pessoa nasce e faz parte da família constituindo-se esta a sua primeira rede. Após poucos anos de idade sai para a escola, da escola à universidade, sai de casa, casa, descasa, muda de cidade, ingressa no mundo do trabalho, muda de trabalho, pertence a grupos de fé e de lazer, os gostos artístico-culturais também vão mudando conforme a idade das pessoas, dos grupos em que esta participa, por fim se aposenta. Também migramos das redes quando estas não dão conta de satisfazer as nossas necessidades ou quando sentimos que os nós da rede demandam muito mais de nós do que podemos receber delas.

López-Cabanas (1997) e Sluzki (1997) assinalam os elementos estruturais da rede:

1. Tamanho: faz referência ao número de pessoas ou de instituições que fazem parte da rede social. Há indicadores de que as redes sociais de tamanho médio são mais efetivas porque permitem maior mobilização de seus integrantes e parecem ser mais eficazes. Já as muito pequenas tendem a converter-se em geradoras de tensão devido a que as informações sobrecarregam o sistema. Nas redes sociais muito extensas perde-se a capacidade de efetivar as diferentes funções, por um mecanismo de inércia, o qual favorece que ninguém assuma prontamente uma ação em benefício de seus membros.

2. Densidade: é a conexão e vínculo entre os diferentes membros da rede. A densidade moderada (por exemplo, número de instituições nas quais participa um membro da rede) aumenta a eficácia deste e de seu grupo, por facilitar o intercâmbio comunicativo. Uma Rede Social maior favorece o desejo de conformidade já que um grupo grande exerce pressão sobre o grupo e o indivíduo, para que se adapte às regras grupais. Pelo contrário, uma Rede Social menor tem uma eficácia reduzida, por diminuir o potencial de mudança.

Podemos entender esta característica através de uma metáfora. Quando um nó fica muito distante do outro o tecido da rede é mole demais e, quando se “joga” uma necessidade para ativar uma função dela, esta passa por entre os espaços existentes. Já quando os nós ficam muito juntos, o efeito seria o de uma cama elástica e quando se “joga” a necessidade, esta pula. Deste modo, a densidade moderada oferece um suporte flexível, que acolhe, absorvendo as necessidades e devolvendo para o sistema o que está precisando num determinado momento.

3. Composição e distribuição: refere-se ao número de instituições ou órgãos com que a pessoa, grupo, comunidade, etc. tecem a rede social. Quando as instituições da Rede Social são muito próximas são menos flexíveis e se tornam ineficazes porque permitem menos confronto com a realidade maior. As pessoas passam a ter uma dependência exagerada delas, sem realizar ações que permitam ampliar sua Rede Social (Attneave e Ross, 1982). É considerada, também, a proporção total de membros pertencentes à Rede Social e localizados num mesmo contexto: amigos, trabalho-estudo, amizades, comunidade: lazer, fé, saúde.

A diversidade de modos de pensar, de modos de agir e de costumes facilitam um leque maior de possibilidades e opções para satisfazer as necessidades e construir um lugar social. Este modo olhar para as instituições através de sua missão, visão, serviços e bens que oferece aos distintos grupos sociais a possibilidade de conhecer o que as pessoas têm para compartilhar, para oferecer e do que estas precisam originando formas particulares de auto-organização, de produzir cultura e identidade.

4. Dispersão: É a distância geográfica entre os membros. Também pode ser definida como a acessibilidade aos membros e instituições componentes da rede. Esta distância afeta tanto a eficácia quanto a velocidade de resposta ante uma situação da rede. Indica a facilidade ou dificuldade para contatar os membros da rede, em função do tempo e do espaço.

5. Homogeneidade ou heterogeneidade: Considera as semelhanças e diferenças sócio-demográficas. Idade, sexo, cultura, nível socioeconômico e reconhecimento das pessoas e das instituições que conformam a rede social.

A riqueza da homogeneidade/heterogeneidade permite a auto-observação pela diferença. É pela possibilidade de nos assemelhar dos outros que temos a consciência de pertencer. Mas é pelas distinções que conseguimos traçar que nos diferenciamos dos outros criando consciência do si mesmo, criando finalmente identidades pessoais, grupais, nacionais, etc. Assim, a rede social é produtora de identidades na medida em que pertencer a ela nos permite enxergar as ancoragens culturais compartilhadas ao mesmo tempo em que nos permite como sujeitos e coletivos, nos distinguir de outros sujeitos e coletivos.

A função das redes sociais

As redes sociais estão estabelecidas também enquanto interações entre seus membros. Estas interações se caracterizam, além dos vínculos, da comunicação e das relações, pela organização ao redor do fazer, de estruturar o tempo e o modo como este se utiliza. Assim, as relações sociais permitem dar sentido às vidas das pessoas que nelas participam, favorecendo a construção de suas identidades, propiciando a sensação de que estão ali para alguém, que tem os recursos necessários para dar conta de diversas tarefas e dar suporte social. Desta forma, promovem o sentido a suas ações e práticas de cuidado social e autocuidado.

Sluzki (1997) e López-Cabanas (1997) definem uma série de funções das redes sociais, que podem ser solicitadas e proporcionadas pelos membros em interação, diacrônica ou sincronicamente, em reciprocidade e diversidade de situações e contextos. Isto dependerá das necessidades particulares e do momento vital no qual esteja transitando a rede social-pessoal:

1. Companhia social: as redes sociais servem como elemento de companhia; são transmissoras da cultura, e promotoras da adaptação.

Na reciprocidade desta função, quando duas ou mais pessoas, grupos, instituições se encontram na relação, a cultura se reconstrói, recria e ambas as partes se acoplam, inserem, e incluem. Deste modo constroem sentidos ampliados aos costumes, criando novos rituais, novos modos de viver e de se relacionar. É, em suma, uma nova forma de produção cultural.

2. Apoio emocional: refere-se aos intercâmbios que conotam atitude emocional positiva, clima de compreensão, simpatia, estímulo e apoio. É característico das amizades mais íntimas, com baixos níveis de ambivalência.

É no apoio emocional que se vivencia o afeto, a percepção do aconchego e do pertencer. Quando solicitada e oferecida esta função atinge diretamente a auto-estima, a sensação de ser importante para os outros; se ganha o sentido de ser na relação, já que esta função, além dos níveis baixos de ambivalência é percebida como incondicional, tanto ao dá-la quanto ao recebê-la.

3. Guia cognitivo e conselheiro: compartilha informações pessoais e sociais, esclarece expectativas e oferece modelos de papéis.

Como podemos deduzir, esta função é importante na construção identitária pessoal, grupal, institucional. É pela necessidade de pertencer, de compartilhar características similares às de outros, que a nossa identidade vai se constituindo. Mas é também pela possibilidade de esclarecer expectativas e de os membros de uma rede realizar papéis e tarefas diferentes que a identidade se consolida. Como refere Gadotti (1983) podemos entender a identidade como um devir histórico vinculada ao conjunto das relações que (se) permeiam (n)a vida cotidiana.

4. Regulação social: funções que visam à regulação social do comportamento e reafirmam as responsabilidades. Permitem dissipar a frustração e a violência, favorecendo a resolução de conflitos.

Quando esta função é exercida nas relações de horizontalidade, como característica de rede, devemos pensar a função de regulação social não como uma forma de controle social, de hegemonia de grupos sobre outros, ou de ideologia. Penso que mais correto seria utilizar o modo de auto-organização social, em donde através da negociação no convívio cotidiano, os membros da rede, seja ela pessoal ou social, estabelecem acordos e normas de convivência, onde co-existe a diferença e graças a esta se possibilita a diversidade.

5. Ajuda material e de serviços: fornecem colaboração eficaz com base em conhecimentos especializados ou ajuda física, incluindo os serviços de saúde.

Esta é uma das funções mais estudadas, conhecida também como suporte social. No nosso contexto latino-americano quando esta ajuda é unilateral, quando usada como modo de agradar o povo se torna assistencialista. Mas por cima disto o que gostaria de questionar aqui é o tipo de sujeito que essas práticas assistencialistas produzem, toda vez que se naturaliza o receber sem o compromisso da reciprocidade. Deste modo, pode observar-se sujeitos asujeitados, alienados e talvez sem a possibilidade de enxergar e reconhecer em si próprios, recursos para serem autônomos e procurarem por si próprios meios para viver socialmente em liberdade.

6. Acesso a novos contatos: abre as possibilidades de conexão com outras pessoas e outras redes sociais que até o presente não faziam parte da Rede Social inicial do indivíduo, família, grupo e comunidade.

As funções da Rede Social estabelecem-se, portanto, na interação entre os diversos membros que a formam. Conhecer alguém num contexto da rede possibilitará conhecer outros e assim ampliar a rede e conseqüentemente as probabilidades de exercer e solicitar as funções sociais. Quando pensamos o acesso a novos contatos, podemos pensar também acesso a novas formas de olhar para si próprios, de ampliar sentidos, desnaturalizar pelo estranhamento de si e do outro, práticas culturais não questionadas. Este efeito permite a tomada de consciência de si e do contexto sócio-cultural do qual se participa.

A Intervenção em Redes

O objetivo da intervenção em redes sociais é proporcionar recursos e serviços a pessoas que têm dificuldades em diferentes esferas ou dimensões de suas vidas como saúde, moradia, educação e trabalho, para que consigam auto-organizar-se (Castel 1995).

Três condições básicas propostas por Primavera (1995), para o efetivo funcionamento das redes sociais, são: a) não esperar ansiosamente que aconteça o que o pesquisador quer, mas aceitar que cada membro eleja como participar; b) na intervenção, o profissional deve também decidir o lugar de sua intervenção e a maneira como a fará; c) evitar as brigas com outras formas epistemológicas de abordagem em redes sociais, e se responsabilizar pela maneira como participa o outro: ou seja, se fazer responsável em oferecer-lhe alternativas, negociar, ser flexível, e aceitar que a intervenção em redes sociais seja uma (co)construção para um mundo diferente.

Kliksberg (1992) apresenta uma série de condições que facilitam a intervenção em rede, a partir do gerenciamento social: a) administrar a complexidade, no sentido de estar consciente da multiplicidade de fatores comprometidos na ação social e a incerteza derivada desta multiplicidade; b) promover a articulação social entre diferentes “tribos” de atores sociais, facilitando a coordenação de ações entre elas; c) ter capacidade de concentração permanente para aceitar a legitimidade do outro; d) utilizar tecnologias adequadas para cada caso, sem comprar posturas ideológicas. Ou seja, permitir a utilização de recursos dentro das comunidades, mesmo que definidos por outras comunidades como

recursos desatualizados, já que são esses com os quais a tribo sabe lidar; e) atuar considerando o compromisso com os resultados, ou seja, fazer o necessário acima do planejado, para obter resultados relevantes.

A estas condições para a intervenção em Rede Social podem acrescentar-se as propostas por Ravazzola (1995): a) buscar possibilidades para autocorriger ações; b) valorizar a palavra e testemunhos de cada participante; c) ter contato pessoal direto; d) dar valor às perguntas; e) valorizar o imprevisto, que dará possibilidade à criatividade; f) enxergar as diferenças como possibilidade de enriquecimento; g) atender aos direitos próprios e alheios, respeitando os limites; h) ver tanto a forma como o conteúdo; i) buscar novas integrações e articulações; j) aceitar a multiplicidade; l) apreciar o valor dos erros.

Pelo referido, posso extrair que a intervenção em Rede Social é como um trabalho artesanal, em que devem ser tecidos elos provindos do microssistema, os quais estarão tingidos pelas características pessoais, tanto da pesquisadora social, quanto das pessoas e grupos que participamos dela; das provindas do mesossistema, já que as diversas pessoas e grupos estão conectados através das interações criadas entre seus membros e organizações; e, finalmente, do exo e macrossistemas que nos trazem elementos culturais, políticos e macrosociais, quanto o respeito à diferença das crenças e das epistemologias para intervir em, e com, as redes sociais.

O Apoio Social como Função da Rede Social

O apoio social é considerado uma função das redes sociais. Porém amplio este conceito reconhecendo a sua importância no trabalho com as comunidades.

López-Cabanas e Chacón (1997) e Gracia (1998), fazem uma retrospectiva histórica do apoio social, referenciando autores que situam os trabalhos de Darwin e Durkheim como os pioneiros nessa temática de estudo. Mas somente até a década de 30, quando começa a considerar-se o efeito do apoio social na saúde do indivíduo.

Os mesmos autores definem o apoio social como a informação que fornece à pessoa a sensação de ser querida, cuidada e valorizada, e que mantém relações com outros. Destacam que, para que o apoio social seja efetivo, a pessoa deve percebê-lo; ou seja, não

é suficiente que existam, no contexto, as possibilidades de apoio; estas devem ser reconhecidas pela pessoa ou grupo.

Também propõem que toda pessoa pode servir como fonte de apoio quando: a) ajuda aos outros a mobilizar seus próprios recursos psicológicos e lidar com as tensões emocionais; b) compartilha suas tarefas e obrigações; e c) fornece recursos materiais, informação e conselho em situações concretas de *stress*. Isto porque um sistema de apoio implica num padrão duradouro de vínculos sociais que protegem a integridade física e psicológica das pessoas, e lhes oferecem o *feed-back* necessário para favorecer sua identidade e desempenho.

“O apoio social são provisões instrumentais ou expressivas, reais ou percebidas, dadas pela comunidade, redes sociais e amigos íntimos” (López-Cabanas, 1997, p.185). Para Musitu, Bejarano, Gracia, e Bueno (1993), esta definição está articulada em quatro eixos: a) dimensão objetivo/subjetiva, enquanto é dada e percebida uma ajuda determinada; b) fonte ou contexto de apoio social: no nível do macrossistema - comunitário -, gerando o sentido de pertencer a uma estrutura social ampla. No nível do mesossistema se conformam as redes sociais; e no nível do microsistema com as relações íntimas e de confiança, aparece o apoio informal; c) as funções de apoio social dão-se mediante as interações dos grupos, fornecendo apoio emocional, instrumental e informacional; e d) o apoio recebido em situações normais é diferente daquele das situações de crise.

Na década de 80, Wasseman e Danforth, (1998), definiram o apoio social como um fenômeno “familiar” e um lugar comum da interação humana, que aparece de maneira espontânea entre as pessoas. Mais tarde, na década de 90, o conceito amplia-se e são considerados aspectos estruturais e funcionais das redes sociais, sendo que os aspectos estruturais estariam dados em termos das condições objetivas que rodeiam o processo do apoio social que, sob a perspectiva ecossistêmica, seria uma das funções da rede social.

Gracia (1998), enfatiza a importância de diferenciar entre os conceitos de rede social, apoio social e rede de apoio. Assinala que a Rede Social faz referência às características estruturais das relações sociais; o apoio social refere-se às funções que presta essa rede, e o efeito sobre o bem-estar das pessoas. Finalmente, o conceito de rede de apoio é mais restringido, sendo denominado como o conjunto de relações que

desempenham funções de apoio. Como esta forma de interação aparece nas diferentes comunidades -que são unidades geográficas- este tecido poder-se-ia denominar de rede de redes.

Apesar das diferenças sobre a conceitualização de apoio social, existe um acordo entre os diferentes autores a respeito de três funções básicas fundamentais: apoio emocional, apoio instrumental e apoio de informação (Gracia, 1998).

Quando se pesquisa com comunidades e grupos a respeito de suas redes de apoio, é importante diferenciar entre o apoio percebido e o apoio recebido, devido a abrangerem dois aspectos deste construto: o cognitivo e o comportamental. O apoio social tem lugar em três contextos, a saber: o mais externo ou geral consiste nas relações estabelecidas com a comunidade; o intermédio consiste nas redes sociais através das quais se tem acesso a um número relativamente amplo de pessoas; finalmente as relações íntimas e de confiança constituem o último e mais central e significativo estrato de relação social. (Lin, 1986, citado por Gracia, 1998).

Para Martínez (1995), a intervenção comunitária implica na participação do novo sistema criado, cujas características são: a) especificidade, pois se desenvolve ao redor de questões concretas e imediatas da vida cotidiana; b) orientação cognitiva, porque implica o uso permanente de análises e compreensões do contexto; c) circunstanciada, na medida em que está convocada por objetivos concretos e direcionada a promover mudanças na auto-organização do sistema; e) estratégica, através da consecução de acordos, estabelecer alianças e compartilhar interesses.

Mas esta intervenção é limitada, porquanto a ação se localiza em níveis do microsistema. Destaca o autor anteriormente citado, que um enfoque “comunitarista” sublinha o valor da identidade como uma forma de fragmentação e que os laços emocionais que se geram em seu interior podem entorpecer as ações mais relevantes para a comunidade como um todo. A fragmentação está entre as relações comunitárias e sociais devido ao fechamento deste mesossistema com o macrossistema.

Outra das razões para argumentar que as intervenções em Rede Social têm cobrado importância na intervenção dos trabalhadores dos grupos sociais, deve-se ao esgotamento do estado para garantir o bem-estar da população e os altos custos para mantê-lo. Assim,

uma alternativa de intervenção, o trabalho em redes sociais favorece compreender que a pessoa não pertence unicamente a uma comunidade, mas a várias comunidades.

Nas sociedades atuais, principalmente ocidentais e desenvolvidas ou em processo de desenvolvimento, o Estado, cada vez mais, tem um papel de proteção às comunidades, dando passo à exclusão no sentido em que as pessoas perdem a capacidade de enxergar seus recursos o que produz uma incapacidade para ir em busca de nós da rede através dos quais possam encontrar subsídios para resolver seus problemas. Pode observar-se que, nos países mais desenvolvidos, os serviços de saúde, educação e seguro contra o desemprego mantêm uma sociedade do bem-estar tal que faz que as famílias e pessoas precisem manter pouco contato com seus vizinhos, suas famílias extensas e seus conhecidos; grupos ou pessoas que antes lhes ofereciam uma rica possibilidade de apoio quando estavam em dificuldades.

O lado positivo desta ação social é a possibilidade de acesso de todos os cidadãos a estes serviços que favorecem o desenvolvimento individual e coletivo; o outro lado, o negativo, é o isolamento progressivo destes sistemas humanos e a dificuldade para se relacionar quando privados de algum destes serviços oferecidos pelos governos, dificuldade decorrente do crescente individualismo (Castel, 1995). O individualismo faz com que as ações de solidariedade não ocorram, e se debilitem as relações políticas, emocionais e sociais dos membros de um determinado sistema social.

Nas comunidades em que o Estado vem exercendo um papel menos protecionista, seus integrantes desenvolvem faculdades para se auto-organizar e criar diversas estratégias de ajuda. Não quer dizer que as comunidades carentes onde existe a carência da presença do Estado estejam mais bem organizadas civicamente. É necessária, diz Castel (1995), a intervenção deste, mas uma intervenção participativa, que facilite a inserção social de todos os cidadãos, a participação ativa e autogestora das diferentes comunidades.

A temática das redes sociais, então, tem sido utilizada como orientação teórica, e como orientação para a intervenção psicossocial em diversos contextos. As diferenças mais importantes que podem ser marcadas fazem referência às funções prestadas pelas redes sociais, e a rede de apoio. Observo que é uma diferença de pontuação, já que o conceito é similar e a compreensão das funções está direcionada às interações de colaboração,

integração e estabelecimento das normas, pautas; em outras palavras, as funções da Rede Social têm o papel importante de favorecer a auto-organização dos sistemas em que acontece o desenvolvimento pessoal, grupal, comunitário e social.

Referências

- Atneave, R., & Ross, S. (1982). *Redes familiares*. Argentina: Amorrortu editores.
- Balcani, G., Ferraris, S. & Marano, G. (1995). Centros educativos para la producción total. In Dabas, E. & Najmanovich, D. (comps.) (1995). *La red social el lenguaje de los vínculos*. Argentina: Paidós.
- Castel, R. (1995). Qué significa estar protegido? In Dabas, E. & Najmanovich, D. (comps.) (1995). *La red social el lenguaje de los vínculos*. Argentina: Paidós.
- Elkaïm, M. (1988). *Las Prácticas de la terapia de red*. España: Gedisa.
- Gadotti, M. (1983). *Concepção dialética da educação*. São Paulo: Autores Associados.
- Gracia, E. (1998). *El apoyo social en la intervención comunitaria*. Barcelona: Paidós.
- Gould, P. (1980). Q-analysis or language of structure: an introduction for social scientists, geographers and planners. In Ibáñez, J. (Coord.), (1998). *Nuevos avances en la investigación social II*. Barcelona: Proyecto A Ediciones.
- Kliksberg, B. (1992). *Como enfrentar la pobreza: aportes para la acción*. Caracas: Grupo Editor Latinoamericano.
- López-Cabanas, M. & Chacón, F. (1997). Apoyo social, redes sociales e grupos de autoayuda. In López-Cabanas, M. & Chacón, F. (1997). *Intervención Psicosocial y servicios sociales. Un enfoque participativo*. Madrid: Síntesis Psicológica.
- Martínez, R. (1995). Redes sociales. Más allá del individualismo y del comunitarismo. In Dabas, E. & Najmanovich, D. (comps.) (1995). *La red social el lenguaje de los vínculos*. Argentina: Paidós.
- Musitu, G., Bejarano, E., Gracia, E. & Bueno, J. R. (1993). *Intervención psicosocial*. Madrid: Editorial Popular.
- Primavera, E. (1995). Todo/nada, siempre/nunca, distinto/igual: acerca de las redes sociales e participación. In Dabas, E. & Najmanovich, D. (comps.) (1995). *La red social el lenguaje de los vínculos*. Argentina: Paidós.
- Ravazzola, M. C. (1995). Las mujeres y las redes sociales. Una mirada sobre las redes sociales teniendo en cuenta las diferencias de género. In Dabas, E. & Najmanovich, D. (comps.) (1995). *La red social el lenguaje de los vínculos*. Argentina: Paidós.

Sluzki, C. (1996). *La red social: Fronteras de la práctica sistémica*. Barcelona: Gedisa.

Transição ecológica da rede social-pessoal de uma família imigrante em Porto Alegre

María Piedad Rangel M.²

Resumo

O presente artigo estuda o movimento, ao longo de 24 meses, das redes sociais de uma família imigrante em Porto Alegre e sua relação com a estrutura e o funcionamento familiar, com o objetivo de compreender como se constroem e reconstroem durante os primeiros três anos de ingresso numa cultura majoritária e o efeito de este processo nas relações do casal. Para isto foi acompanhada uma família procedente de um país sul-americano, desde o primeiro mês de ingresso na cidade e, a cada seis meses se realizou uma visita formal para entrevistas e avaliações de rede. Os instrumentos utilizados foram: o Mapa de Redes; espaços conversacionais; o FACES III, escala que avalia a estrutura e o funcionamento familiar, nas dimensões de adaptação e coesão familiar; e o genograma transgeracional. Durante estes dois anos a rede social sofreu modificações, assim como o modo do funcionamento familiar. Foi possível acompanhar várias crises culturais no microsistema familiar e avaliar como aspectos contextuais do macrosistema cultural e político impactam e dificultam aos imigrantes a inserção no país de acolhida. Por fim evidenciam-se fortalezas da família quanto à ativação da rede, o qual tem propiciado espaços para a inclusão na cultura majoritária.

Palavras chave: Redes social-pessoais; Famílias imigrantes; Inserção social.

Abstract

Ecological transition of the social-personal network of an immigrant family in Porto Alegre

The present article studies the movement of the social nets of an immigrant family in Porto Alegre throughout 24 months and its relation with the family structure and functioning, with the objective to understand how they build and rebuild during first the

² María Piedad Rangel mestre em Psicologia pela PUC-RS. Doutoranda em Psicologia na PUC-RS. Professora da Universidade Regional do Alto Uruguai e das Missões e da Universidade Luterana do Brasil. Endereço correspondência: Rua Castro Alves, 19/201 Porto Alegre, RS. CEP 90430-131. Telefone: 51-33124200 ou 51-92936530. e-mail: piarangelm@gmail.com

three years of ingression in a major culture and the effect of this process in the relations of the couple. For this a family originating in a South American country was followed, since the first month of arrival in the city, and every six months a formal visit for interviews and net evaluations was carried. The used instruments were: the Map of Nets; conversational spaces; FACES III, a scale that evaluates the structure and the family functioning, in the dimensions of adaptation and familiar cohesion; and the trasgenerational genogram. During these two years the social net suffered modifications, as well as the family functioning. It was possible to follow some cultural crises in the family microsystem and to evaluate as contextual aspects of the cultural and political macrosystem impact and make difficult the insertion of the immigrants in the receiving country. Finally the family strengths regarding the activation of the net are proven, propitiating spaces for the inclusion in the major culture.

Words key: Nets social-staffs; Immigrant families; Social insertion.

Resumen

Transición ecológica de la red social-personal de una familia inmigrante en Porto Alegre

El presente artículo estudia el movimiento a lo largo de 24 meses, de las redes sociales de una familia latino-americana, inmigrante en Porto Alegre y su relación con la estructura y funcionamiento familiar, con el objetivo de comprender cómo se constituyen e re-constituyen éstas durante los primeros tres años de ingreso en una cultura mayoritaria y el efecto de este proceso en las relaciones de la pareja. Para esto fue acompañada una familia procedente de un país suramericano, desde el primer mes de ingreso en la ciudad y, cada seis meses se realizó una visita formal para entrevistas y evaluaciones de red. Los instrumentos utilizados fueron, el Mapa de Redes; espacios conversacionales; el FACES III, escala que evalúa la estructura y el funcionamiento familiar, en las dimensiones de adaptación y cohesión familiar; y el genograma trasgeracional. Durante estos dos años la red social sufrió modificaciones, así como el modo de funcionamiento familiar. Fue posible acompañar varias crisis culturales en el microsystema familiar y evaluar como aspectos contextuales del macrosistema cultural y político impactan y dificultan a los inmigrantes la inserción en el país de acogida. Finalmente, se evidenciaron fortalezas de la familia cuanto a la activación de la red, lo cual ha propiciado espacios para la inclusión en la cultura mayoritaria.

Palabras clave: Redes social-personales; Familias inmigrantes; Inclusión social.

Introdução

As migrações são eventos que, desde o princípio da humanidade, acontecem por diversas razões. Esta temática é abordada na história, na literatura, na sociologia, na antropologia e mais recentemente na psicologia, que estuda as migrações acontecidas em pequenos e grandes grupos humanos.

Mudar é uma condição indispensável para o desenvolvimento humano, mas mudar quase sempre implica em uma crise e por vezes uma não aceitação do acontecer. Exemplo disso são as mudanças ou transições ecológicas do desenvolvimento humano, ocorridas geralmente dentro de momentos temporais de crises, que envolvem tanto a pessoa que a está atravessando, quanto ao seu entorno.

Maturana e Varela (1996), ao tratar dos fenômenos sociais, fazem referência a vários estilos de acoplamento que se produzem entre diversas comunidades e sociedades sendo estes importantes para se encaixar numa Rede Social de interações recíprocas. Desta maneira, cada vez que ocorre um fenômeno social de migração, “aparece um acoplamento estrutural entre indivíduos e, portanto, ao observar essa sociedade poder-se-ia descrever uma conduta de relação recíproca entre eles” (p.165).

Ampliando este conceito dos acoplamentos individuais para os acoplamentos entre sistemas, é possível dizer que o acoplamento estrutural entre grupos envolve a cultura que ingressa num determinado grupo social e à cultura que o recebe. Em termos mais precisos, deve dar-se um acoplamento entre os grupos imigrantes e as comunidades nas que se inserem (vizinhos, sala de aula, escritório de trabalho, etc.). Uma leitura ecológica nos levará a pensar nas migrações como eventos que impactam os mesossistemas.

Migrações

Klein citado por Fausto (1999), assinala três aspectos dominantes no processo migratório: a) o acesso a terra e conseqüentemente ao alimento; b) a variação da produtividade da terra e c) o número de membros da família que precisam ser mantidos. Na atualidade as migrações já não mais acontecem em grandes grupos que permitiriam caracterizar as culturas de modo grupal Eisler (1995), porém no decorrer do tempo, esse evento tem-se tornado um acontecer em grupos pequenos, como o da família, ou de forma individual. Se bem hoje estas condições estudadas por Klein não se mantêm do mesmo modo, no início do século XXI estas continuam.

Nos dias atuais, as contínuas guerras, a pobreza, a perseguição política ou os desastres ecológicos, a intolerância da diferença aguça este processo. Em 1989, a ONU estimava em 50 milhões o número de pessoas (emigrantes, asilados, refugiados, etc.) que viviam fora de suas fronteiras de origem. Assim, a imigração internacional está se convertendo em um dos desafios mais importantes para os sistemas políticos, econômicos e sociais do mundo (García, Martínez, & Santolaya, 2002).

Migração e família

O processo de migração envolve tarefas concretas para a adaptação que levam a criar e modificar redes sociais-pessoais e de apoio. Implica deixar para trás família nuclear no caso da migração individual; e extensa, no caso da migração familiar. Afastar-se das amizades, deixarem o trabalho, as atividades sociais e recreativas. A isto acrescentasse o *stress* produzido pelo conhecimento dos costumes e cultura de um país estrangeiro (Falicov, 1991).

O processo de migração envolve várias gerações familiares (Breunlin, Schwartz e Kune-Karrer, 2000), estabelecendo-se uma tradição transgeracional na qual o processo migratório é facilitado ou dificultado. Depende do grau de reciprocidade e do conflito que resulta da interação entre a comunidade de acolhida e os recursos do sistema imigrante para afrontamento destas situações produtoras de *stress*. Se pensarmos que é estabelecida uma interação entre os sistemas imigrante e o de acolhida, é necessário pensar que o

processo de aculturação³ ocorre em ambos os sistemas, devido a que os sistemas de crenças, costumes e cultura vão ser compartilhados em dupla mão.

No lugar comum encontramos que o grupo majoritário será o que tenha mais influência sobre o grupo minoritário, e em consequência disto o que aparecerá com maior relevância será a mudança no sistema imigrante. Porém as migrações em grande número influenciam fortemente as comunidades receptoras, devido a que seus sistemas de crenças e costumes se fortalecem nos pequenos grupos étnicos, nos quais as fronteiras do sistema se estreitam para proteger a identidade de origem. Também ocorre que apesar da migração ser, por exemplo, individual, o caráter e as qualidades da pessoa que migra farão que seja fortemente influente dentro da cultura de recepção. Este seria o caso de pessoas que provocam um forte impacto cultural, como cientistas, pensadores, escritores e artistas (Falicov, 2001).

As migrações, na atualidade, podem ser diferenciadas em três tipos: a) As circulares, em que as pessoas vão e vem de um país para outro, deixando sempre âncoras e pontes entre as culturas de adoção e de origem. Nestes casos o processo de aculturação é lento, mantendo-se geralmente as duas culturas por igual; b) As definitivas cujo objetivo é se estabelecer permanentemente em outro país. O desarraigamento cultural deste tipo de migração é alto, já que a saída se constitui como definitiva, sem possibilidades de regressar; e c) As “caramujo”: quando as pessoas levam consigo sua própria casa e viajam de um país para outro. Seria o caso de trabalhadores de multinacionais. Nestes casos o processo de aculturação começa antes da saída do país de origem ou de estada, com o aprendizado da nova língua. Geralmente este grupo é formado por pessoas de classe média a alta e a migração ocorre por motivos laborais e não pessoais ou psicológicos (Falicov, 2001).

Uma pesquisa realizada por Karrer e Burgoyne (1987), citada por Breunlin *et al.* (2000), sugere que as fases da aculturação em diferentes grupos de imigrantes são previsíveis, independentemente da origem étnica. Dentre as dificuldades sofridas por famílias imigrantes, encontram-se o sentimento de perda da família extensa, amigos, colegas e grupos que constituíam as redes sociais e de apoio. Por outro lado, ao chegarem

³ Utilizo o termo de aculturação para referir um processo no qual as pessoas passam a se inserir e incluir dentro de uma cultura majoritária sem perder a cultura de origem e sem rejeitar a do grupo de acolhida.

ao país de acolhida, encontram dificuldades para construir ou reconstruir suas redes sociais, fazer amizades e aprender uma nova língua. Também enfrentam mudanças nos sistemas de crenças relacionados principalmente com a educação dos filhos.

As condições econômicas das famílias imigrantes influenciam a transição migracional, facilitando-a ou, pelo contrario fazendo deste processo um evento lento e produtor de sofrimento adicional à perda inicial. Falicov (2001), diz que as expectativas migratórias das famílias com escassos recursos econômicos, geralmente são maiores que as das famílias de classe média. Isto porque as famílias econômicas não têm a possibilidade de regressar a seus países de origem, o que pode acontecer com as famílias de classe média.

Devido à imigração, assim como ao contato com os *mass-mídia*, cada vez mais estamos expostos a culturas com os mais diversos significados e estilos de vida. Acontecimento que leva a uma mudança para os países como um conjunto, obrigando as sociedades a serem pluralistas e a valorizar a diversidade (Nichols e Schwartz, 1998). Este fenômeno possivelmente será maior em países que recebem maior número de sistemas imigrantes, de um lado, e imigrantes com forte influência educativa e cultural, por outro. Na grande Porto Alegre, por exemplo, esta última pode ser uma característica necessária devido ao Mercosul.

McGoldrik, Pearce e Giordano (1982), citados por Nichols e Schwartz (1998), recomendam desenvolver a sensibilidade frente às famílias imigrantes, no sentido de reconhecer que existem características étnicas que não devem ser lidas como dificuldade, problema e inclusive patologias. Entre as características diferentes que até agora têm encontrado, eles referem a diferença no conceito de lealdades familiares; as díades dominantes na família que não são constituídas sempre por pai e mãe, mas por pai-filho, esposa-filho; estilo de educação autocrático e autonomia dos filhos. Na intervenção com as famílias o importante é ajudá-las a reconhecerem quanto diferem suas crenças, valores, costumes e comportamentos, das de seu contexto atual. Este conceito é crucial para o entendimento do modo em que funciona uma família durante o período de ajuste na cultura de inserção.

A situação das famílias imigrantes está vulnerável devido à ruptura de suas redes sociais e de apoio, fato frequentemente agravado pela diminuição do nível sócio-econômico, que em muitos casos leva à marginalização, além de que estas condições podem ter compromissos com a situação das pessoas frente à lei. A intervenção nestes casos implica olhar o contexto todo, para facilitar primeiro o desligamento com o passado e depois facilitar ou dinamizar a construção do presente (Dabas, 1998a).

Em nível familiar, uma das dificuldades que enfrentam os imigrantes são os sintomas que aparecem em diversos membros. A difícil situação trabalhista de um ou de ambos os pais pode provocar nos filhos dificuldades de aprendizagem. Ao interior das famílias, uma das maiores dificuldades que se vivencia é a necessidade de modificar as relações frente à responsabilidade econômica, sendo que esta redistribuição afeta diretamente o sistema de crenças familiar, seus valores e ideais (Dabas, 1998b).

Um estudo realizado pela autora anteriormente citada, com famílias pobres imigrantes do Brasil para Argentina, reporta que as mulheres em geral estão mais atentas a esta nova situação, ocupando um papel mais ativo na consecução de recursos econômicos. Provavelmente as mulheres, em função de um maior “treinamento social”, conseguem estabelecer relações de mais alta qualidade, com mais variadas funções, um grau maior de intimidade e duração do que os homens (Sluzki, 1995). Como estas situações acumulam um alto teor de *stress* para toda a família, as crianças geralmente têm comprometida sua atitude frente a aprender; por outro lado, os pais apresentam altas expectativas no aprendizado dos filhos, devido ao fato de que em ocasiões eles acreditam ser a única responsabilidade das crianças e adolescentes e tentam poupá-los da tensão familiar, fazendo que voltem toda sua atenção para a escola. Deste modo, apesar da boa intenção dos pais, os filhos acabam por receber o estresse de duas fontes: a família e a escola.

Nas famílias com frequência as relações do casal estão sobrecarregadas já que um ou ambos os cônjuges espera que o outro satisfaça as funções que antes tinham diversos membros de sua rede social. Esta sobrecarga às vezes é sentida como incompetência, traição ou abandono. As crianças e adolescentes por sua vez perdem sua maior fonte de segurança da Rede Social que principalmente está constituída pela escola e a vizinhança. Assim o sistema familiar é insuficiente para atender as demandas de todos, podendo

aparecer insatisfação conjugal e sentimento de perda e abandono por parte dos filhos incrementando a sobrecarga em quem já está saturado de solicitações de apoio (Sluzki, 1997).

Migração e cultura

Os conhecimentos dos homens dentro de uma cultura a produzem, mas, ao mesmo tempo, essa cultura produz seu conhecimento. Quando se encontram várias culturas em um mesmo momento histórico se dá uma negociação que leva ao surgimento de um hibridismo cultural, produto da transformação histórica (Bhabha, 1998).

Falicov (2001) acrescenta que a cultura geralmente está associada à etnicidade e sublinha que está atravessada por ideologias e valores, que permitem organizar as visões do mundo compartilhadas por um grupo. Assim como a cultura permite o desenvolvimento dos povos e grupos sociais, também é inibidora deles mediante as regras, normas e tabus, constituindo-se num sistema semi-aberto, que troca informação com outras culturas, mas que mantém suas características próprias, pelas quais será reconhecida sua identidade cultural.

A cultura é o meio natural de desenvolvimento humano e o viver dos sujeitos. Ela é produtora da consciência do homem e é constituída por estes (Bajtin e Vygotsky, 1993) Deste modo podemos entender a cultura como o lugar onde se desenvolvem diversos *selves* (McGoldrick, 2003), o de estudante, amigo, filho-filha, pai-mãe, trabalhador-estudante, vizinho – morador – cidadão. Estes *selves* são constituídos nos diversos contextos da rede social-pessoal que co-constroem cultura e identidade.

Quando duas culturas se encontram, seja através de indivíduos ou de grupos, é inevitável que ocorra um processo de adaptação entre elas. A adaptação cultural pode ser definida como a forma pela qual indivíduos processam a transação com o viver em uma cultura dominante, diferente de sua própria. Nesse sentido, a adaptação cultural pode ser categorizada como unidirecional, bidirecional ou multidirecional (Gushue e Sciarra, 1995).

Adaptação unidirecional implica que alguém se adapte, movimentando-se em uma única direção, de uma cultura para a outra. Em contraponto a adaptação bidirecional provoca movimentos de ida e volta entre duas culturas, acarretando um sentimento de

familiaridade do indivíduo entre as duas culturas. Já a adaptação multidirecional é a concepção que apresenta maior sintonia com os pressupostos epistemológicos do paradigma ecológico. Ela sugere indivíduos que mantenham uma identidade positiva com sua cultura de origem, são capazes de participar em várias e complexas estruturas da sociedade, relacionando-se em diversos níveis, formando agrupamentos relacionais múltiplos em termos de cultura (Gushue e Sciarra, 1995).

Rede social-pessoal

Rede social é uma organização de pessoas que em princípio teriam interesses em comum. Conjunto de participantes que compartilham idéias, valores, conhecimentos e compromissos dentro da sociedade onde vivem. As redes possibilitam uma série de relações, familiares, de trabalho, escolares, de amizades que proporcionam novas interações, novos contatos, e assim novas informações, conhecimentos. Estas interações podem ocorrer face a face ou por meio de um veículo mediador, como internet ou telefone.

Através do avanço dos meios de comunicação, desenvolvimento da internet, as relações entre as pessoas não ficam mais restritas somente ao espaço físico e geográfico. Mas mesmo assim, por meio das relações pessoais poderemos ter uma noção da realidade em que estes estão inseridos, sendo que esta realidade irá influenciar a rede social das pessoas (Tomael, Alcara, Di Chiara, 2005).

Para Rangel e Sarriera (2005), a rede é um sistema aberto, na qual existe uma troca mútua entre os participantes, que possibilita o benefício das relações estabelecidas dentro da rede e o seu crescimento. Remete os participantes ao sentimento de identidade, de ação, competência, trabalho e obrigação. Cada pessoa dentro de sua rede social é também percebida e reconhecida por sua singularidade, pelo seu papel individual dentro dela, pelo que faz dentro e fora de seu grupo, podendo assim manter uma imagem própria.

Silva (2006) discute a rede social como uma estrutura de relações interconexas e ativas, na qual existe o trabalho participativo e colaborativo. Essas relações se constroem através da vontade e das afinidades de seus participantes.

O ser humano tem uma necessidade intrínseca no sentido de fazer parte de uma rede social que satisfaça seus anseios. Por isso é através de suas teias de relações

interpessoais que se estabelecem a construção das redes sociais (Kern, 2003). Segundo o autor, na família acontece o nascimento da rede, pois a pessoa já nasce fazendo parte de um grupo, no qual será educada de acordo com valores e princípios que mais tarde ela passara para sua comunidade. É através dos vínculos familiares que o novo integrante dela ingressa na rede social, esta abre possibilidades para a entrada em uma rede. É a família que incentiva ou não seus integrantes a participarem de uma instituição religiosa, de uma escola, assim como a formarem vínculos com a comunidade e a sociedade.

Essas relações são uma porta de entrada para a vida social e estão marcadas por correntes de ajuda, de apoio, de auxílio nas necessidades, na partilha de alegrias, nas festividades nas quais todos os membros participam ativamente (Kern, 2003). Segundo o autor podem-se conceituar as redes em primárias e secundárias:

- As primárias são grupos de pessoas que se conhecem e que estão unidas por vínculos familiares, de amizade, vizinhança, trabalho, estudo e lazer. São relações de natureza afetiva, positiva ou negativa.

- Já as secundárias são redes de caráter mais normativo, formadas por profissionais e funcionários de instituições públicas ou privadas (escola, empresa, comércio, hospital), organizações sociais, são pessoas capacitadas para fornecer atenção, orientação e informação.

Referente às funções das redes, Sluzki, (1997), López-Cabanas (1997) e (Dessen, Braz, 2000) citam as seguintes: *Companhia social*: relacionada à companhia familiar; pessoas – membros da própria família, amigos, vizinhos, profissionais - que dão suporte à família promovendo assim qualidade de vida; relacionamento entre as pessoas. *Apoio emocional*: dentro da rede se estabelecem vínculos que dão suporte emocional – afeição, simpatia, aprovação e preocupação – caracterizam-se aqui as amizades mais íntimas. *Guia cognitivo e conselheiro*: troca de informações de nível pessoal e social. *Regulação social*: Ajuda na resolução de conflitos, estabelece princípios para guiar os comportamentos e reafirmar as responsabilidades. *Ajuda material e de serviços*: fornecimento de auxílio em conhecimentos especializados como serviços de saúde, apoio material e financeiro. *Acesso a novos contatos*: Possibilidade para conhecer novas pessoas e redes sociais, troca de experiências.

Para melhor explicar uma rede social, os autores acima mencionados sugerem analisar sua estrutura conforme seu *tamanho*, número de participantes ou instituições. *Densidade* é a ligação e o vínculo existente entre os diferentes membros da rede. *Composição e distribuição* que consiste no número de instituições e pessoas que tecem a rede social. *Dispersão* a distância geográfica entre os membros da rede e *Homogeneidade ou heterogeneidade* onde se leva em consideração as semelhanças e diferenças sociodemográficas: idade, sexo, cultura, nível socioeconômico e reconhecimento das pessoas e das instituições que compõe a rede social.

A estrutura de uma rede vai se modificando conforme ocorrem as relações e interações entre os participantes mediante as trocas de informações nessas relações (Tomael, Alcara, Di Chiara, 2005). As mudanças que podemos perceber são as relacionadas com as informações trocadas no ambiente que cerca as redes, com os participantes das mesmas, porque quanto maior a bagagem de conhecimento, maior será o estoque de informações.

Método

O método de pesquisa foi baseado na Metodologia da Socioanálise Cibernética (Delgado e Gutiérrez, 1995) proposta para estudar as redes sociais. Para efeitos da pesquisa, a Rede Social se comporta de uma estrutura física, ontológica e uma função que ocorre, principalmente, através da comunicação; ou seja, as redes sociais também têm uma dimensão lingüística, comunicacional.

O modelo metodológico da Socioanálise Cibernética (Delgado e Gutiérrez, 1995), permite compreender as configurações das redes sociais da família imigrante e as organizações com que se relaciona, conhecer as funções desta Rede Social e o processo de inserção cultural, assim como compreender as mudanças que acontecem no modo em que funciona a família, a transgeracionalidade migracional e o efeito das relações com o mesossistema e o macrossistema.

Participou desta pesquisa um casal latino-americano, sem filhos. O motivo da vinda para o Brasil teve como propósito a qualificação profissional do marido e a mulher veio como acompanhante. O primeiro contato com a família deu-se durante as duas primeiras semanas de ingresso no país. Estabelecidos os acordos e esclarecidos o objeto, objetivos e

duração da pesquisa foi assinado pelos participantes do estudo o termo de aceitação após ser lido e esclarecido (Apêndice E).

Os instrumentos para o levantamento dos dados foram o Mapa de Redes; espaços conversacionais; o FACES III, escala que avalia a estrutura e o funcionamento familiar, nas dimensões de adaptação e coesão familiar; e o genograma transgeracional.

Resultados e discussão

Por se tratar de uma pesquisa longitudinal foi necessário manter contato permanente com a família de duas formas, a primeira, formal, semestral na qual se levantavam os dados para sua análise utilizando os mesmos instrumentos: mapa de redes (Sluzki, 1997), FACES III: Versão para casais de David Olson, Joyce, Portner, e Yoav Lavee (1987). E criou-se sempre um espaço conversacional (Echeverría, 1995), no qual se discutiram aspectos relacionados ao modo que a rede estava sendo ativada e modificada e assuntos relacionados com a vivência e processo migracional. A segunda, de caráter informal, mensal, para manter o vínculo se realizou telefônica ou pessoalmente.

O Genograma Familiar de Três Gerações

Apresenta-se os genogramas realizados no mês de abril de 2004 e no mês de novembro de 2006. Na elaboração destes foi focalizada na migração, com o intuito de reconhecer pautas migracionais na família extensa de ambos os membros do casal.

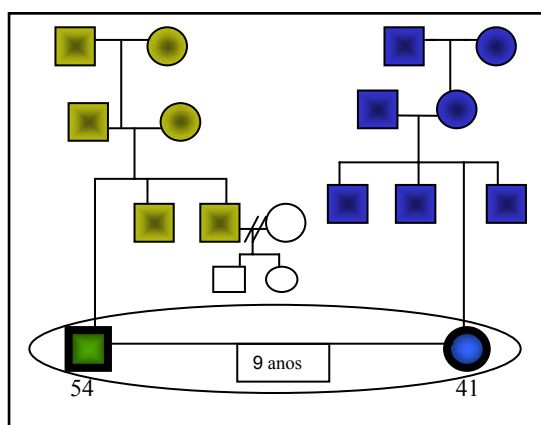


Ilustração 1 Genograma à chegada

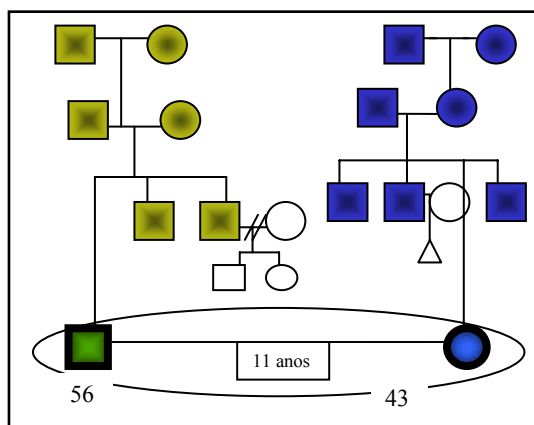


Ilustração 2 Genograma 24 meses depois

Encontrou-se que desde os casamentos dos avôs, de ambos os cônjuges, existiu uma tendência migracional interna, ou externa. Os avôs do esposo migraram do campo para a cidade. Os pais, ao se casarem voltaram para morar no interior e dedicaram-se a lavoras do

campo. Aquele casal teve três filhos homens, todos os quais tiveram experiências migracionais internacionais, sendo que o terceiro filho voltou ao país de origem e os dois mais velhos moram no exterior. O filho mais velho foi quem migrou ao Brasil.

A família da esposa, por sua vez, conta, também, com migrações nacionais e internacionais. Esta narra que sua avó materna somente teve uma filha e que sempre se deslocou de uma cidade a outra no interior do país de origem, buscando trabalho e/ou trabalhando no interior em atividades do campo. Deste modo, nesta família encontramos claramente uma das circunstâncias das migrações que é a procura de emprego e aumento de território (Fausto, 1999).

Ao crescer aquela filha, ela morou durante um tempo numa cidade capital do país de origem. Conheceu o marido, que estava também morando na mesma cidade e ao se casarem migraram nacionalmente, indo morar numa cidade do interior. Tiveram quatro filhos, três homens e uma mulher, três deles com experiência de migração, sendo esta a primeira migração da mulher.

O casal atual se conhece na Europa, estando o marido morando lá e ela foi para passeio. Ao se casar, regressam ao país de origem, e ambos vão morar na cidade em que trabalha o marido. Após nove anos de matrimônio, migram para o Brasil. Assim, o casal por ambas as famílias, tem uma história de migrações tanto nacionais como internacionais.

Ao serem entrevistados, depois de desenhado o genograma, encontra-se que o casal percebe que a saída de casa deu-se desde cedo. Ela relata que já no ensino básico fundamental, todos os dias os quatro irmãos tinham que viajar do interior até a cidade mais próxima para assistir à escola. Ele, por sua vez, comenta como todos os irmãos saíram da casa paterna, na idade de 10 anos, para o internato no seminário de uma cidade maior. Desta forma, eles percebem que foram motivados para sair de casa.

Porém, o fato de sair de casa não constituiu afastamento emocional e desligamento familiar, como se observa nas palavras da esposa: ... *Por un lado de estar juntas emocionalmente, pero no necesitan estar juntas físicamente*, e também, do esposo: *exactamente y se acepta con una cierta facilidad eso que haya distanciamiento geográfico*.

Vinte e quatro meses depois um dos irmãos da esposa casa-se e vai morar junto com a esposa na Europa, indicando que a tendência migracional se mantém na família estendida materna.

Faces III: Family Adaptability & Cohesion Evaluation Scales

Junto com o genograma, no primeiro encontro, foi aplicado a escala de Adaptabilidade e Coesão Familiar, de Olson *et ali.* (1987). Repete-se a medição seis e dezoito meses depois da migração.

A adaptabilidade refere-se à capacidade familiar para mudar tanto na hierarquia interna quanto na distribuição e re-distribuição de papéis e relações, resposta ao estresse situacional e redefinição de regras (Olson *et ali.*1987).

A coesão avalia o grau em que os membros da família estão separados ou conectados. Define-se como o vínculo emocional e se organiza em torno a limites, coalizões, estruturação do tempo, espaço, amigos, tomada de decisões, interesses e recreação. (Olson *et ali.* 1987).

Dimensões	1ª aplicação – 2 sem				2ª aplicação – 6 meses				3ª aplicação – 18 meses			
	E ^a	E ^o	Méd.	DP	E ^a	E ^o	Méd.	DP	E ^a	E ^o	Méd.	DP
Coesão	41	43	42	1,41	48	48	48	0	42	44	43	1,41
Adaptabilidade	20	22	21	1,41	41	42	41,5	0,71	27	29	28	1,41
Tipologia	Conectada/estruturada				Aglutinada/caótica				Conectada/flexível			

Tabela 1 Resultado das três aplicações do FACES III. E^a: esposa. E^o: esposo. Méd: média. DP: desvio padrão

De acordo com os parâmetros de avaliação de Olson (1985) e Hernández (1989), na primeira aplicação encontramos a família está conectada e estruturada. Na segunda, aglutinada em quanto sua coesão e caótica na sua adaptabilidade e na terceira conectada e flexível. A interpretação clínica para o funcionamento familiar indica uma família balanceada na primeira e terceira aplicações e uma família disfuncional na segunda. Ao ser qualificado pela segunda vez observou-se que se este casal estava relacionando do mesmo modo como o fazem as famílias extremas. Porém estes dados foram lidos com cuidado atendendo as observações de Nicola (1998), McGoldrick et ali. (1982) e Mc Goldrick (2003) em relação a entender o funcionamento familiar a partir da cultura de origem, sem

patologizar o modo de funcionar deste sistema sem antes compreender as circunstâncias deste.

Para compreender esses valores disfuncionais na segunda aplicação, durante o espaço conversacional foi avaliado, junto com a família o porquê desta situação. Pode-se então entender que as circunstâncias contextuais principalmente do macrosistema estavam intervindo no funcionamento do casal. Devido a que o esposo iniciou atividades na segunda semana de chegar ao país tarefas como a de procura de moradia, regulação de documentos na polícia federal, organização e distribuição do dinheiro e as atividades cotidianas, ficaram ao encargo da esposa. Por causa disto, o casal teve que redefinir os papéis no sentido em que no país de origem era o esposo quem se encarregava de assuntos relacionados com contratos, era o provedor, enquanto que a mulher se dedicava ao lar. Reestruturar então passa pelo aprendizado do casal e fica refletido na segunda avaliação aos seis meses observa-se que os papéis e regras para o funcionamento familiar geraram estresse suficiente para produzir momentos caóticos.

O casal passa ter a característica de aglutinado em que se estreitam os vínculos. Isto se pode compreender pelo fato que no país de acolhida, seis meses após a chegada, o casal vivencia um sentimento de perda, solidão, como aparece nas primeiras falas nesse segundo encontro e que a mulher explicita *Dios mío como nos estamos quedando solitos (E^a)*. Esta fala aparece durante o desenho do Mapa de Redes.

Na terceira avaliação do funcionamento familiar os escores da escala FACES III retornam ao patamar de famílias balanceadas, indicando que o choque cultural sofrido pelo casal no primeiro ano, tem diminuído e consegue se inserir na cultura de acolhida.

Interessa-me aqui ressaltar a importância do tempo que este casal precisou para se acoplar ao processo migracional e da prudência ao dar “diagnóstico” antes de se passar o choque cultural inicial.

As redes sociais

As redes sociais do casal foram avaliadas pelo Mapa de Redes de Sluzki (1997) em três ocasiões. Duas semanas, seis meses e doze meses após a chegada em Porto Alegre. Os resultados se apresentam nas seguintes três tabelas

Primeira Aplicação	FAMÍLIA			AMIGOS			COMUNIDADE			UNIV/TRAB		
	Hs.	Ms.	Inst.	Hs.	Ms.	Inst.	Hs.	Ms.	Inst.	Hs.	Ms.	Inst.
Próximo	8	4	0	5	7	0	1	0	1	2	0	0
Intermediário	13	5	0	5	9	0	0	5	2	4	0	0
Distante	6	6	0	1	1	0	0	0	0	3	3	0
Sub-Total	27	15	0	11	17	0	1	5	3	9	3	0
Total	42			28			9			12		
Densidade	46,15%			30,76%			9,9%			13,18%		
Distribuição e composição	100%		0%	100%		0%	66,6%		33,3%	100%		0%

Tabela 2 Mapa da rede social-pessoal do casal, duas semanas após a migração

Primeira Aplicação	FAMÍLIA			AMIGOS			COMUNIDADE			UNIV/TRAB		
	Hs.	Ms.	Inst.	Hs.	Ms.	Inst.	Hs.	Ms.	Inst.	Hs.	Ms.	Inst.
Próximo	8	4	0	3	3	0	0	0	0	0	0	0
Intermediário	8	4	0	4	5	0	0	2	0	2	0	0
Distante	5	5	0	1	1	0	0	0	1	2	2	0
Sub-Total	21	13	0	8	9	0	0	2	1	4	2	0
Total	34			17			3			6		
Densidade	56,66%			28,33%			5%			10%		
Distribuição e composição	100%		0%	100%		0%	0%		100%	100%		0%

Tabela 3 Mapa da rede social-pessoal do casal, seis meses após a migração

Primeira Aplicação	FAMÍLIA			AMIGOS			COMUNIDADE			UNIV/TRAB		
	Hs.	Ms.	Inst.	Hs.	Ms.	Inst.	Hs.	Ms.	Inst.	Hs.	Ms.	Inst.
Próximo	4	5	0	4	5	0	0	0	0	8	2	0
Intermediário	11	3	0	12	7	0	4	2	2	10	0	0
Distante	5	2	0	2	4	0	0	2	2	0	0	0
Sub-Total	20	10	0	18	16	0	4	4	4	18	2	0
Total	30			34			12			20		
Densidade	31,25%			35,41%			12,5%			20,83%		
Distribuição e composição	100%		0%	100%		0%	66,6%		33,3%	100%		0%

Tabela 4 Mapa da rede social-pessoal do casal, dezoito meses após a migração

Na segunda aplicação do Mapa de Redes observa-se conforme a tabela 3 um esvaziamento em todos os quadrantes. Como hipótese pode-se pensar que a família se fecha em si mesma para conseguir processar as informações novas que provêm do macrosistema cultural. Por outro lado o contato direto é perdido e possivelmente se faz mais esporádico levando a que as relações fiquem mais distantes. Luckman e Berger

(1985) referem como é importante na relação o contato cotidiano. O contexto familiar, na segunda aplicação fica mais relevante, vindo ao encontro com pesquisas realizadas (Rangel, 2003; Breulin Shuwartz e Mac Kune-Karrer, 2000 e Nicola, 1998) com famílias imigrantes, nas quais a família é o contexto da rede que oferece mais suporte e satisfaz as necessidades emocionais, de companhia e de recursos.

Interessante notar, conforme a tabela 4, que o número total de membros pertencentes à rede social-pessoal deste casal aumentou após 18 meses de imigrados. Exceto o quadrante da família que ainda está diminuído comparado com a primeira aplicação (tabela 2), todos os outros quadrantes ficaram mais cheios, principalmente o do trabalho/estudo e comunidade. Este ganho de pessoas nos quadrantes amigos, estudos e comunidade, parece concordar com o perceber aceitação pela cultura de acolhida, o que foi achado por Sarriera, Pizzinato e Rangel (2005).

Aspectos macrosistêmicos da migração

Econômico

No processo migratório desta família encontraram-se vários aspectos que contribuíram para produzir o choque cultural e outros eventos macrosistêmicos que ajudaram na inserção cultural.

Relacionado com as dificuldades a família se esbarrou com a burocracia e exigências relacionadas com documentos necessários para a permanência no país, para aluguel de moradia e para deslocamentos a outros países, os quais foram necessários em função das atividades do esposo.

Políticas migracionais tornam a inserção cultural mais difícil. No primeiro semestre de chegada no país os imigrantes se deparam com o problema de onde morarão. Isto se torna difícil porque de um lado eles não têm conhecidos, parentes nem amigos no Brasil e as corretoras imobiliárias exigem de avalista com propriedade para assinar junto com os imigrantes o contrato de arrendamento. Esta é uma das situações que mais estressou este casal e aparece em verbalizações como: *pero es que nadie se da cuenta? Nosotros vinimos para vivir aquí, con el dinero contado para los primeros meses y se nos está evaporando, tememos que pagar hotel, que sale mucho más caro, y además salir a comer porque en el*

cuarto no podemos preparar los alimentos. De seguir así, no sabemos como vamos a hacer.

Alguns dos entraves que o estrangeiro sofre resultam das leis impostas a ele como, por exemplo, “Art. 3º A concessão do visto, a sua prorrogação ou transformação ficarão sempre condicionadas aos interesses nacionais” (LEI Nº. 6.815, DE 19 DE AGOSTO DE 1980), aplicada indistintamente leva os imigrantes a um permanente gasto econômico trimestral, que é o tempo no qual o visto permanece vigente.

Para o imigrante temporal, por estudo ou contrato de trabalho, a possibilidade de adquirir um bem próprio não reduziria o gasto trimestral de renovação do visto, como consta no “Art. 6º A posse ou a propriedade de bens no Brasil não confere ao estrangeiro o direito de obter visto de qualquer natureza, ou autorização de permanência no território nacional”.

Alem de o imigrante estar permanentemente onerando gastos de aluguel, a este se soma o gasto mencionado no “Art. 20. Pela concessão de visto cobrar-se-ão emolumentos consulares, ressalvados:

I - os regulados por acordos que concedam gratuidade;

II - os vistos de cortesia, oficial ou diplomático;

III - os vistos de trânsito, temporário ou de turista, se concedidos a titulares de passaporte diplomático ou de serviço.

Parágrafo único. A validade para a utilização de qualquer dos vistos é de 90 (noventa) dias, contados da data de sua concessão, podendo ser prorrogada pela autoridade consular uma só vez, por igual prazo, cobrando-se os emolumentos devidos” (LEI Nº 6.815, DE 19 DE AGOSTO DE 1980).

Adicionalmente se agrega um valor alto quando o imigrante não conta com consulado na cidade, devendo-se deslocar até São Paulo para regularizar algumas situações. Este foi o caso da família que devido a viagens de estudo teve que tirar visto fora de Porto Alegre.

A cotidianidade

Outro evento estressor para a família imigrante foi a língua. A afinidade dos idiomas em varias ocasiões se apresenta como fator de dificuldade e não como facilitador. Isto porque muitas palavras escutam-se muito parecido, tem grafia similar ou igual, mas o sentido e significado são totalmente diferentes. Esta situação provoca no imigrante uma situação de confusão e de estranhamento (Arfuch, 2002). Para resolver este impasse a família passou a falar dentro de casa *portunhol* utilizando termos em português o que causou preocupação na esposa em função de muitas vezes usar este linguajar ao se comunicar com a família e amigos do país de origem.

Aspectos ressaltados como positivos no macrossistema são os serviços de saúde, transporte, a alimentação e o acolhimento das pessoas. Estes aspectos já foram notados percebidos por outras famílias imigrantes (Sarriera, *et ali.* 2005). Ao longo do tempo pode ser constatado como a família imigrante ganhou nós na rede principalmente nos quadrantes de comunidade e trabalho-estudo. Pensa-se que se esta família teve mais recursos para se inserir na cultura de acolhida, aumentando no Brasil o número de amigos, de instituições e pessoas participantes no seu contexto comunitário e no de trabalho e estudo.

Reflexões sobre as vivências da migração

A migração inicia com a emigração, sair de um país para ingressar em outro (Nicola, 1998). Com este sentir emergem as vivências de perda, o temor do desconhecido, mas, também, a esperança por um futuro melhor ou ao menos diferente e junto a este sentir é necessária a preparação para a viagem. Pode-se observar que nesta família as encomendas para a migração ficaram ao encargo da esposa *entonces a mi... Como él trabajaba todo el día a mi me correspondía hacer todo el resto! vueltas que son miles de vueltas que hay que hacer! Pensar con quien íbamos a dejar que cosas, cuales traeríamos.* A incerteza da chegada, o medo da novidade (Arfuch, 2002; McGoldrick, 2003) ... *sentarnos horas y horas para echar cabeza y planificar, por ejemplo la parte económica... fantaseando sobre eso porque no teníamos a nadie que nos orientara sobre eso.*

A vivência da perda da rede familiar: *con el asunto de la venida fue muy difícil la cuestión familiar... él (esposo) tuvo que viajar a Europa y yo me quedé sola.... yo me fui a*

la casa de mis papás como un mes..., digamos para estar los últimos momentos con ellos porque uno nunca sabe cuando vuelva a estar juntos...

A despedida e a saída se torna um estressor que envolve a rede familiar e de amigos *la familia llegó toda, y había maletas por todas partes., bueno, eso era una locura!*

Sair da pátria, se afastar da família tem sentidos diferentes para os cônjuges. A esposa com sua família ainda viva tem vivências mais fortes de perda e de saudade; já o marido refere sentir-se menos saudosos dela *mi familia esta prácticamente reducida únicamente a mis hermanos, después que mis padres murieron, mis primos y mis tíos se volvieron muy distantes.*

No movimento de manter as tradições do país de origem e de se inserir na nova cultura, cabe à esposa o cuidar dos rituais para lembrar datas do seu país. Esta assiste a eventos comemorativos na Igreja da Pompéia, assiste à missa em espanhol sempre que é celebrada nessa língua, tenta cozinhar do mesmo estilo de sempre. Já o marido gosta mais da comida brasileira, tenta se inserir mais na cultura e às vezes esquece datas que sempre foram importantes no país de origem. Aqui se encontram o tensionamento entre a integração cultural, a assimilação e o bi-culturalismo referenciados por Berry (1995).

O estresse migracional foi sentido não somente no nível emocional mais teve impacto na saúde de ambos os cônjuges. Doenças relacionadas à estresse aconteceram aos seis meses (problemas de pele, dores de cabeça e distúrbios intestinais) e se repetiram em momentos em que as condições macrosistêmicas foram difíceis, como demora para renovar o visto, gastos adicionais que saíram da previsão orçamentária. Isto vem ao encontro do relatado por Saforcada (2001), Navarro (2004) e Sluzki (1995) em que de um lado o estresse tem efeitos de diminuição do sistema imuno-endócrino e que a rede social é um fator de saúde.

No obstante as dificuldades vivenciadas por este casal, no Brasil existem organizações que se interessam pelo bem-estar do imigrante e que realizam e escrevem propostas em políticas públicas para humanizar estes processos. Podemos citar especificamente o caso da Igreja da Pompéia, que acolhe os imigrantes de todos os países do mundo, se preocupa por dar missa em diversos idiomas, festeja datas comemorativas de diversos países. Outra instituição que oferece suporte social é o Serviço Pastoral dos

Imigrantes, cujo lema é "Em Defesa da Vida e Promoção dos Migrantes". "Denunciando as violações dos direitos dos migrantes e contribuindo na construção de um mundo onde diferença e igualdade possam concretizar-se como sinais do Reino de Deus" <http://www.migracoes.com.br/quemsomos.html>. O Centro de estudos Migratórios, da Congregação dos Missionários de São Carlos / Escalabrinianos, cuja finalidade é atuar junto aos migrantes (<http://www.cemsp.com.br/>). Estas e outras instituições religiosas prestam serviços de rede aos imigrantes, e realizam propostas sobre leis.

Por fim, pesquisar esta família imigrante no que tange à configuração familiar, redes sociais ao longo do tempo permitiu compreender que esta passou por um processo de ajuste e crise e que a rede vai se modificando. A rede é migrante; perderam-se contatos principalmente com a família estendida e ganharem-se amigos, colegas, vizinhos, e ativaram-se serviços de saúde e lazer com mais frequência que no país de origem, por considerar-los de mais qualidade no país de acolhida.

Referências

- Arfuch, L. Comp. (2002). *Identidades, sujetos y subjetividades*. Buenos Aires: Prometeo libros.
- Bajtin, M. & Vygotsky, L. (1993). *La organización semiótica de la conciencia*. Barcelona: Anthopos.
- Berger, P. & Luckman, T. (1985). *A construção social da realidade*. Petrópolis: Vozes.
- Berry, J. (2001). A Psychology of Immigration. *Journal of Social Issues*, 57(3), 615-631.
- Berry, J. W. (1995). Psychology of aculturation. Em N. R. Goldberger & J. B. Veroff (Eds.), *The Culture and Psychology Reader* (pp. 457-488). New York: New York University Press.
- Bhabha, H. (1998). *O local da cultura*. Belo Horizonte: Ed. UFMG.
- Breunlin, D., Schwartz, R. & Mac Kune-Karrer, B. (2000). *Metaconceitos. Transcendendo os modelos de terapia familiar*. Porto Alegre: Artes Médicas Sul.
- Dabas, E. (1998 a). *Red de redes. Las prácticas de la intervención en redes sociales*. Argentina: Paidós.
- Dabas, E. (1998b). *Redes sociales, familias y escuela*. Argentina: Paidós.

- Delgado J. & Gutiérrez J. (1995). *Métodos y técnicas cualitativas de investigación en ciencias sociales*. España: Síntesis Psicología.
- Dessen, M. A. & Braz, M. P. (2000). Rede social de apoio durante transições familiares decorrentes do nascimento de filhos. *Psic.: Teoria e Pesquisa, Brasília*, v. 16, n. 3, p. 221-231.
- Echeverría, R. (1995). *Ontología del lenguaje*. Santiago de Chile: Dolmen Estudio.
- Eisler, R. (1995). *El cáliz y la espada*. Santiago de Chile: Editorial Cuatro Vientos.
- Falicov, C. (1991). *Transiciones de la familia*. Buenos Aires: Amorrortu Editores.
- Falicov, C. (2001). Clínica de las familias migratorias. *Perspectivas Sistémicas* 64, 3-4.
- Fausto, B, (org.) (1999). *Fazer América: a imigração em massa para América Latina*. São Paulo: Edusp. Editorial Universitária.
- García, Martínez, & Santolaya, (2002). *Inmigración, intervención social e interculturalidad en el ámbito comunitario*. Universidad de Granada, España: Laboratorio de Estudios Interculturales.
- Gushue, G.V. & Sciarra, D.T. (1995). Culture and families: A multidimensional approach (1995). In J.G. Ponterotto, J.M. Casas, L.A. Suzuki & C.M. Alexander (Eds.), *Handbook of multicultural counseling* (pp. 586-606). Newbury Park, CA: Sage.
- Hernández, A. (1989). *Inventarios sobre familia*. Bogotá: Universidad Santo Tomás. s.p.
- Kern, F. A. (2003). *As Mediações em redes como estratégia metodológica do serviço social*. Porto Alegre: EDIPUCRS.
- López-Cabanas, M. e Chacón, F. (1997). *Intervención Psicosocial y servicios sociales. Un enfoque participativo*. Madrid: Síntesis Psicológica.
- Maturana, H; Varela, F. (1996). *El árbol del conocimiento*. Madrid: Editorial Debate, S.A.
- McGoldrick, M. (2003). *Novas abordagens da terapia familiar: raça, cultura e gênero na prática clínica*. São Paulo: Roca.
- McGoldrick, M., Pearce, J. K. & Giordano, J. (1982). Ethnicity and family therapy. New York: Guilford Press. In Nichols, M. & Schwartz. R. (1998). *Terapia familiar. Conceitos e métodos*. Porto Alegre: Artmed.
- Ministério de Justiça do Brasil LEI Nº 6.815, DE 19 DE AGOSTO DE 1980. Acesso em outubro de 2006. Disponível em <http://www.mj.gov.br/Estrangeiros/Estatuto.htm>
- Navarro, J. (2004). *Enfermedad y familia. Manual de intervención psicosocial*. Barcelona: Paidós.

- Nichols, M. & Schwartz, R. (1998). *Terapia familiar. Conceitos e métodos*. Porto Alegre: Artmed.
- Nicola, V. Di (1998). *Um estranho na família. Cultura, famílias e terapia*. Porto Alegre: Artmed.
- Olson, D., Portner, J. & Lavee (1985). *Family scales*. Family Social Science. Minnesota: St. Paul University of Minnesota.
- Rangel, M. P. (2003). Família imigrante: estrutura e funcionamento da rede social. Porto Alegre. *Dissertação (Mestrado)* – Faculdade de Psicologia, PUCRS .
- Rangel, M. P. & Sarriera, J. (2005). Redes sociais na investigação psicossocial. Canoas: Aletheia (21). jan./jun. p. 53-67.
- Saforcada, E. (2001). *El factor humano en la salud pública. Una mirada psicológica dirigida hacia la salud colectiva*. Buenos Aires: Proa XXI.
- Sarriera, J.Castellá, Pizzinato^I A. & Rangel, M. P. (2005). Aspectos psicossociais da imigração familiar na grande Porto Alegre *Estud. Psicol Natal. Vol 10 N° 1. natal, jan/apr. 2005*.
- Silva, A.C. (2006). O que são redes? Visitado em novembro de 2006. Disponível em http://www.rits.org.br/redes_teste/rd_oqredes.cfm.
- Sluzki, C. (1995). De cómo la red social afecta a la salud del individuo y la salud del individuo afecta a la red social. In Dabas, E. & Najmanovich, D. (1995). (comp). *Redes. El lenguaje de los vínculos. Hacia la reconstrucción y el fortalecimiento de la sociedad civil*. Buenos Aires: Paidós.
- Sluzki, C. (1997). *A rede social na prática sistêmica*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Tomael, M. I.; Alcara, A., Di Chiara, I. (2005). Das redes sociais à inovação. *Ci. Inf., Brasília, (.34): 2, . p3-104. maio/ago*.

A rede social-pessoal em transição: mudanças no tempo

María Piedad Rangel M.⁴

Resumo

Este artigo apresenta o processo de mudança, durante o primeiro ano de curso universitário, na rede social-pessoal de estudantes de três cursos universitários, dois das ciências da saúde e um das ciências humanas. Foi aplicado o mapa de redes pessoal-social de Sluzki (1997). A metodologia utilizada foi a Socioanálise Cibernética proposta por Delgado e Gutiérrez (1995), que permite analisar o lugar que ocupam os nós da rede e também estudar as diferenças entre os mesmos, decorrentes das características dos acadêmicos. Foram observadas mudanças estruturais e funcionais do mapa e observou-se a importância de espaços de reflexão para facilitar nos acadêmicos a inserção ao contexto universitário.

Palavras-chave: Rede social-pessoal; Transição ecológica; Estudantes universitários.

The social-personal net in transition: changes in time

Abstract

This article presents the change process, during the first year of university course, in the social-personal net of students of three university courses, two of the health and one of the human sciences. The personal-social map of nets of Sluzki was applied (1997). The used methodology was the Cybernetic Socioanalysis proposal from Delgado and Gutiérrez (1995), that allows to analyze the place the nodes occupy in the net and also to study the differences between them, decurrently of the students characteristics. Structural and functional changes of the map had been observed as well as the importance of reflection spaces to facilitate the students insertion to the university context.

⁴ María Piedad Rangel mestre em Psicologia pela PUC-RS. Doutoranda em Psicologia na PUC-RS. Professora da Universidade Regional do Alto Uruguai e das Missões e da Universidade Luterana do Brasil. Endereço correspondência: Rua Castro Alves, 19/201 Porto Alegre, RS. CEP 90430-131. Telefone: 51-33124200 ou 51-92936530. e-mail: piarangelm@gmail.com

Key- Words: Social network; Ecological transition; University students.

La red social personal en transición: cambios en el tiempo

Resumen

Este artículo presenta el proceso de cambio, durante el primer año de curso universitario, en la red social-personal de estudiantes de tres cursos diurnos; dos de ciencias de la salud y uno de ciencias humanas. Fue aplicado el mapa de redes personal-social propuesto por Sluzki (1997). La metodología utilizada fue el Socioanálisis Cibernético de Delgado y Gutiérrez (1995), que permite analizar el lugar que ocupan los nodos de red y también estudiar las diferencias entre los mismos, derivados de las características de los estudiantes. Fueron observados cambios estructurales y funcionales en el mapa y se observó la importancia de crear espacios de reflexión para facilitar en los estudiantes la inserción al contexto universitario.

Palabras clave: Redes sociales-personales; Transición ecológica; Estudiantes universitarios.

Introdução

Ingressar na universidade implica em uma série de mudanças, não só para os calouros como para todos aqueles com que ele se relaciona e com quem estabelece novos relacionamentos.

A universidade se caracteriza por ser um dos microsistemas de desenvolvimento humano em que o sujeito ganha mais espaço para a tomada de decisões e para a construção da sua nova identidade: como profissional, como cidadão e como responsável de si mesmo.

Uma parcela dos alunos que ingressam nas universidades, além de experienciar mudanças na cultura escolar (transição do colégio para a universidade), passa também por um período de afastamento físico da família pela necessidade de morar em outras localidades (deslocação geográfico-cultural). Defronta-se com a reorganização e reconstrução da rede social de amizades, de colegas e de comunidade e os serviços que esta lhe oferece. Deve adaptar-se aos costumes de outras culturas (cidade) e micro-culturas (repúblicas universitárias, casas de alojamento, etc.). Esta transição ecológica e as mudanças conseqüentes levam o aluno a vivenciar situações muitas vezes desconhecidas e ele não tem ferramentas apropriadas que dêem conta das reações emocionais e comportamentais derivadas delas, influenciando a percepção sobre seu bem-estar. Os objetivos desta pesquisa foram estudar a mudança da rede social-pessoal de alunos universitários ao longo do primeiro ano do curso; verificar as diferenças nos componentes da rede social-pessoal no primeiro mês de ingresso na universidade e no último mês do primeiro ano.

Cultura e socialização

A universidade é um contexto onde os estudantes passam boa parte do seu dia a dia. Este contexto se torna organizador das ações, afazeres, pensamentos e relacionamentos. Deste modo, podemos pensar a universidade, mas principalmente a vida universitária, como produtora de cultura e espaço para a socialização. A universidade é o lugar de encontro de múltiplas referências e referentes culturais. Cada estudante e cada professor trazem uma história de vida que, nas relações permanentes e continuadas vão se impactando, vão se modificando, vão se implicando.

Pensando a cultura como o meio natural de desenvolvimento humano e do viver dos sujeitos, produtora da consciência do homem e constituída por estes (Bajtin e Vygotsky, 1993), podemos entender a cultura como o lugar onde se desenvolvem diversos *selves* (McGoldrick, 2003): o de estudante, amigo, filho-filha, pai-mãe, trabalhador-estudante, vizinho – morador – cidadão. Estes *selves* são constituídos nos diversos contextos da rede social-pessoal que co-constroem cultura e identidade.

Entender a cultura implica na compreensão do mundo sócio-histórico que está constituído de significados (Thompson, 1995) que se constroem a partir de uma variedade de fenômenos e interesses compartilhados. Assim, podemos pensar que na vida universitária se estabelecem interesses e características próprias deste contexto que poderão refletir modos particulares de organização e produção cultural.

Redes de apoio e redes social-pessoais

Diferentes autores têm escrito e trabalhado com o conceito de redes de apoio. Dentre eles, aqueles que trabalharam o conceito relacionando-o com a saúde, afirmando que relações sociais saudáveis e efetivas previnem e reduzem os efeitos negativos do estresse. Este interesse deu passo a um novo campo na pesquisa social, nos anos 70, denominado apoio social. Em meados dos anos 70, os trabalhos de Castel em 1974, Cobb em 1976 e Caplan em 1974, faziam referência ao apoio social. Castel e Cobb relataram que o apoio social protege as pessoas de influências negativas, físicas e psicológicas (Gracia, 1998).

Cobb (1997) considera o apoio social como a informação que permite a uma pessoa sentir-se querida, cuidada, estimada, valorizada e faz parte de uma rede de relações que mantêm obrigações recíprocas. Para Caplan (1974), um sistema de apoio implica um padrão duradouro de vínculos sociais que protegem a integridade física e psicológica das pessoas, e lhes oferecem o feed-back necessário para favorecer sua identidade e desempenho (Gracia, 1998).

Na década dos anos 80, Wasserman e Danforth (1988), definiram o apoio social como um fenômeno “familiar” e um lugar comum da interação humana, que aparece de maneira espontânea entre as pessoas. Mais tarde, na década dos anos 90, o conceito amplia-se e são considerados aspectos estruturais e funcionais das redes sociais, sendo que os aspectos estruturais estariam dados em termos das condições objetivas que rodeiam o processo do apoio social, que, neste caso, seria uma das funções da rede (Gracia, 1998).

Gracia (1998) enfatiza a importância de diferenciar entre os conceitos de rede social, apoio social e rede de apoio. Diz que a rede social faz referência às características estruturais das relações sociais; o apoio social refere-se às funções que presta essa rede, e o efeito sobre o bem-estar das pessoas; finalmente, o conceito de rede de apoio é mais restringido e é denominado o conjunto de relações que desempenham funções de apoio. Como esta forma de interação aparece nas diferentes comunidades, que são unidades geográficas, este tecido poder-se-ia denominar rede de redes. Dentro do conceito da função de apoio social, existe um acordo entre os diferentes autores a respeito de três funções básicas fundamentais: apoio emocional, apoio instrumental e apoio de informação.

Quando se pesquisa com comunidades e grupos sobre suas redes de apoio é importante diferenciar entre o apoio percebido e o apoio recebido, devido a que desta maneira abrangem-se dois aspectos deste construto: o cognitivo e o condutual ou comportamental. O apoio social tem lugar em três contextos, a saber, o mais externo ou geral consiste nas relações estabelecidas com a comunidade; o intermediário consiste nas redes através das quais se tem acesso a um número relativamente amplo de pessoas; finalmente, as relações íntimas e de confiança constituem o último e mais próximo ao centro e significativo contexto de relações sociais. (Lin e Ensel, 1986, citados por Gracia, 1998).

Este mesmo conceito é contemplado por Sluzki (1997) quando define a rede social como um nível de relação microscópico em que ocorrem todas as relações que uma pessoa percebe, sendo significativas e diferenciadas de massa anônima, que é a sociedade. Para este autor a rede social está formada pela família, amizades, relações de trabalho ou estudo e relações com a comunidade. No contexto microscópico, Sluzki (1997) também diferencia três níveis de relação que estão dados em termos de vínculo, de afinidade e de proximidade entre as pessoas e constituem o microssistema onde têm lugar as interações mais significativas das pessoas.

Podemos definir as redes sociais como um sistema aberto em permanente construção, que se constroem individual e coletivamente. Utilizam o conjunto de relações que possuem uma pessoa e um grupo, e são fontes de reconhecimento, de sentimento de identidade, do ser, da competência, da ação. Estão relacionadas com os papéis desempenhados nas relações com outras pessoas e grupos sociais (Montero, 2003) constituindo-se nas práticas sociais que no cotidiano não se aproveitam em sua totalidade (Rangel, 2003; Rangel e Sarriera, 2005).

A identidade é entendida aqui como o lugar em que um sujeito se reconhece a si próprio (Linares, 1996), reconhecimento de si que se dá através das narrativas e das experiências relacionais permitindo uma consciência de interação com o outro. Através da narrativa, a identidade é tudo o que pode ser falado de si mesmo, levando em consideração o que os outros dizem que é possível ser (Johnston, 1973). Deste modo, identidade é um lugar internalizado da cultura através da narrativa que sobre o sujeito produz ele mesmo e os outros na interação.

Assim, estes conceitos apresentados poderão contribuir para a compreensão do processo de inserção dos novos alunos à cultura universitária, assim como fornece modelos para investigar as características destes alunos e entender sua percepção de bem-estar psicológico.

Apresentação e discussão dos resultados

Nesta pesquisa, propôs-se a metodologia da Socioanálise Cibernética proposta por Delgado e Gutiérrez (1995), para estudar as redes sociais. Para efeitos da pesquisa, a Rede Social se comporta de uma estrutura física, ontológica e uma função que ocorre,

principalmente, através da comunicação; ou seja, as redes sociais também têm uma dimensão lingüística, comunicacional.

O modelo metodológico da Socioanálise Cibernética (Delgado e Gutiérrez, 1995), permite compreender as configurações das redes sociais dos alunos universitários e as organizações com que se relacionam, assim como as funções desta rede social e o processo de transição ecológica do colégio à universidade.

A Socioanálise Cibernética baseia-se na conjunção de uma teoria dos sistemas auto-organizados e nas pesquisas físicas sobre as estruturas dissipativas e a ordem flutuante. Delgado e Gutiérrez (1995) propõem que o foco da socioanálise cibernética seja a relação entre sistema e entorno.

Compreender as relações sociais à luz da cibernética de segunda ordem, e introduzir o conceito de desordem e caos é possível se conceituarmos como sistemas observantes, que, para efeitos de pesquisa, permitem criar um contexto investigativo, no qual todos os participantes seremos atores - ativos (aceite-se a redundância), dando passo a uma abordagem da realidade cooperativa.

Os sistemas observantes ou observadores dizem respeito à observação (do universo) que implica a quem o descreve (observa), cedendo lugar à necessidade de olhar o observador. Nesta nova perspectiva, se estabelece uma relação entre o observador e suas observações, já que suas descrições falam, em primeiro lugar, dele próprio, podendo, em conseqüência, parecer um paradoxo; tal seria o caso de dizer “eu sou um mentiroso” (Von Foerster, citado por Ibáñez, Coord. 1998a).

A partir da aplicação do mapa de redes (Sluzki, 1997) e do questionário para o levantamento das funções solicitadas aos membros da rede social-pessoal, foram realizados grupos focais com o intuito de discutir as relações dos acadêmicos com as pessoas e instituições que fazem parte da sua rede social-pessoal. E deste modo compreender como estabelecem os vínculos e as funções que solicitam dos diversos contextos da rede social-pessoal, assim como discutir sobre o bem-estar psicológico.

Deste modo, os grupos focais serviram para discutir tópicos (Romero, 2000) sobre a estruturação do tempo no curso 1–psicologia, o trote universitário no curso 3–enfermagem,

e a percepção de exclusão no curso 2–filosofia, facilitando a integração grupal permitindo novos *insights* (Guareschi, 1996) assim como compreender as percepções que os participantes possuem sobre eventos específicos de discussão (Morgan, 1988).

Ao todo participaram 61 estudantes universitários, de dois cursos das ciências humanas, psicologia e filosofia, e de um curso das ciências da saúde: enfermagem, durante o primeiro ano na Universidade.

A Instituição está localizada em um município do norte do estado, com uma população estimada pelo IBGE em 27.902 habitantes, no ano de 2005 (IBGE, 2006). A região se dedica à lavoura e à pecuária, o que caracteriza seu comércio. Nos últimos anos, assim como municípios vizinhos, esta atividade tem sido afetada pelas secas, produzindo dificuldades econômicas que se refletem em todos os aspectos, como saúde, educação e poder aquisitivo. O município conta com três instituições públicas de saúde, e 11 privadas. O ensino está concentrado no fundamental e vai diminuindo em estudantes a partir do ensino médio IBGE (2006).

A tabela a seguir mostra a distribuição destes alunos segundo características sócio-demográficas, para cada curso superior.

	Psicologia	Filosofia	Enfermagem
Total alunos	23	12	26
Media de idade	21	28,2	18,8
Desvio padrão	6,73	16	2,55
Sexo. Fem.	91,30%	50%	96,15%
Masc.	8,69%	50%	3,85%
Mora Só	4,35%	16,66%	38,46%
Mora com pais	43,50%	8,33%	26,92%
Mora família criada	8,69%	16,66%	3,85%
Mora com outros	43,50%	58,33%	30,77%
Mora na cidade	82,61%	83,34%	80,77%
Mora fora da cidade	17,39%	16,66%	19,23%
Trabalha	17,39%	33,33%	0%
Segundo curso superior	4,35%	25%	3,85%

Tabela 5 Dados sócio demográficos por cursos.

Já na coleta dos dados demográficos, foi possível estabelecer algumas características diferentes entre os grupos. É interessante ressaltar que os alunos do curso de enfermagem preferem morarem sozinhos e em segundo lugar com outros, no entanto seja o grupo que possui uma média de idade mais baixa. Enquanto que os cursos das ciências

humanas moram junto com outros. A alta porcentagem feminina em dois dos cursos reflete essa característica do exercício destas profissões: enfermagem e psicologia. Um dado interessante, que foi observado quando do levantamento destes dados é o de que 80% dos alunos que mora fora da cidade em que cursa estudos superiores, o faz com seus pais nos cursos de psicologia e filosofia, enquanto que a totalidade dos alunos do curso de enfermagem que mora fora da cidade corresponde àqueles que criaram família e, em consequência, são cabeça de família.

Sobre a percentagem de alunos que também trabalha, foi observado que nenhum do curso de enfermagem o faz. Nos cursos de psicologia e filosofia encontram-se alunos trabalhando. A diferença é que os do curso de psicologia trabalham somente nos finais de semana ou algumas horas durante a mesma e os do curso de filosofia têm trabalho permanente. Isto talvez possa ser relacionado com a idade média dos alunos deste curso, 28.2, no qual encontramos alunos com idades superiores aos 40 anos, indicando que estariam no ciclo pessoal e ou familiar em que uma das funções é o trabalho (Abengózar, Cerda e Meléndez, 1998). Também se observa, neste grupo, que 25% está estudando o segundo curso superior, o que explica também a idade média destes alunos.

Já no primeiro encontro com os as turmas foi explicado que o trabalho a ser realizado teria uma duração de um ano durante o qual pretenderíamos compreender todos, pesquisadora e estudantes, a transição ecológica que consiste num processo pelo qual passam as pessoas quando mudam de um contexto sociocultural para outro; a reorganização e reconstrução de redes sociais-pessoais, porque toda mudança contextual implica na migração de membros pertencentes a esta rede; o processo de aculturação, que consiste em aprender os costumes de outras culturas e micro culturas, sem, necessariamente, perder a de origem, mas podendo conviver com várias formas culturais; e, finalmente, como consequência destas discussões pretendia-se contribuir com esta vivência universitária enfatizando a importância do efeito da intervenção que produzem as formas diversas de pesquisa participante.

No segundo encontro foi solicitado que lessem atentamente e posteriormente assinassem o Consentimento Livre e Esclarecido para responder ao instrumento utilizado na pesquisa. Explicou-se o procedimento da atividade a ser desenvolvida, a qual consta de um instrumento chamado Mapa de Redes (Sluzki, 1997) a ser construído a partir das

relações de cada um (Apêndice 1). No mapa devem ser colocadas pessoas e instituições percebidas pelos estudantes, discriminadas em quadrantes de família, amigos, universidade/ trabalho e comunidade. O mapa, além dos quadrantes, consta de três círculos concêntricos onde se colocam as pessoas e instituições de acordo com a percepção de proximidade e afastamento dos vínculos relacionais. Em seguida, haveria um questionário a ser respondido, no qual se perguntaria para quem eram solicitadas as funções da rede. Salientou-se que rede social se refere ao conjunto de todas as relações que uma pessoa percebe como significativas ou define como diferenciadas da massa anônima da sociedade (Sluzki, 1997).

Depois de transcorridos oito meses de vida universitária, no quinto encontro, foram lembradas as instruções para responder ao mapa de redes, já que este se repetiria. Foi explicada a importância de utilizar os mesmos instrumentos para verificar as mudanças ocorridas na rede social do grupo.

A seguir apresentam-se, em tabelas, os resultados da primeira e segunda aplicação do Mapa de Redes, por cursos:

Primeira Aplicação	FAMÍLIA			AMIGOS			COMUNIDADE			UNIV/TRAB			
	Hs.	Ms.	Inst.	Hs.	Ms.	Inst.	Hs.	Ms.	Inst.	Hs.	Ms.	Inst.	
Próximo	122	86	0	131	26	0	0	1	47	83	25	11	
Intermediário	89	66	0	72	48	0	1	5	20	50	16	11	
Distante	41	56	0	40	26	0	0	0	10	36	13	5	
Sub-Total	252	208	0	243	100	0	1	6	77	169	54	27	
Total	460			343			84			250			
Média	20			14-15			3-4			10-11			
Densidade	40,60%			30,27%			7,06%			22,06%			
Distribuição e composição	100%P		0% I	100% P		0% I	8,33% P		91,66% I		89,2% P		10,8% I

Tabela 6 Psicologia. Número de membros na rede segundo os quadrantes: família, amigos, comunidade, trabalho/universidade. E a percepção de proximidade ou distanciamento. Hs: homens, Ms. Mulheres; Inst.: Instituições.

Segunda Aplicação	FAMÍLIA			AMIGOS			COMUNIDADE			UNIV/TRAB		
	Hs.	Ms.	Inst.	Hs.	Ms.	Inst.	Hs.	Ms.	Inst.	Hs.	Ms.	Inst.
Próximo	84	55	0	106	35	0	30	13	27	75	15	15
Intermediário	86	69	1	90	37	2	16	8	17	57	14	10
Distante	79	64	3	41	32	1	18	14	4	42	10	4
Sub-total	249	188	4	237	104	3	64	35	48	174	39	29
Total	371			344			147			242		
Média	16-17			14-15			6-7			10-11		
Densidade	33,60%			31,15%			13,31%			21,92%		
Distribuição e composição	98,9% P – 1,08% I			99,12% P – 0,87% I			67,34% P – 32,65% I			88,02% P- 11,98% I		

Tabela 7 Psicologia. Número de membros na rede segundo os quadrantes: família, amigos, comunidade, trabalho/universidade. E a percepção de proximidade ou distanciamento. Hs: homens, Ms. Mulheres; Inst.: Instituições.

Primeira aplicação	FAMÍLIA			AMIGOS			COMUNIDADE			UNIV/TRAB		
	Hs.	Ms.	Inst.	Hs.	Ms.	Inst.	Hs.	Ms.	Inst.	Hs.	Ms.	Inst.
Próximo	82	52	0	168	86	0	15	26	36	58	52	18
Intermédio	58	51	0	51	32	0	13	15	23	51	37	12
Distante	69	77	0	44	29	0	4	9	10	1	7	11
Subtotal	209	180	0	263	147	0	32	50	69	110	96	41
Total	389			510			151			247		
Média	32-33			42-43			12-13			20-21		
Densidade	29.22%			39.32%			11.64%			19.04%		
Distribuição e composição	100% P 0% I			100%P 0% I			54.30% P 45.69% I			83.4% P 16.60% I		

Tabela 8 Filosofia. Número de membros na rede segundo os quadrantes: família, amigos, comunidade, trabalho/universidade. E a percepção de proximidade ou distanciamento. Hs: homens, Ms. Mulheres; Inst.: Instituições.

Segunda aplicação	FAMÍLIA			AMIGOS			COMUNIDADE			UNIV/TRAB		
	Hs.	Ms.	Inst.	Hs.	Ms.	Inst.	Hs.	Ms.	Inst.	Hs.	Ms.	Inst.
Próximo	54	39	0	42	44	0	27	32	16	33	42	12
Intermédio	35	41	0	53	46	0	32	28	6	24	26	11
Distante	48	44	0	33	32	0	19	12	11	8	12	9
Subtotal	137	124	0	128	122	0	78	72	33	65	80	32
Total	261			250			183			177		
Média	21-22			20-21			15-16			14-15		
Densidade	30%			28.70%			21%			20.30%		
Distribuição e composição	100% P 0% I			100% P 0% I			82% P 18% I			82% P 18% I		

Tabela 9 Filosofia. Número de membros na rede segundo os quadrantes: família, amigos, comunidade, trabalho/universidade. E a percepção de proximidade ou distanciamento. Hs: homens, Ms. Mulheres; Inst.: Instituições.

Primeira aplicação	FAMÍLIA			AMIGOS			COMUNIDADE			UNIV/TRAB		
	Hs.	Ms.	Inst.	Hs.	Ms.	Inst.	Hs.	Ms.	Inst.	Hs.	Ms.	Inst.
Próximo	38	25	0	55	29	0	6	3	14	50	25	6
Intermédio	30	25	0	23	27	0	6	7	12	25	12	6
Distante	25	19	0	21	21	0	3	3	4	12	13	0
Sub-total	93	69	0	99	77	0	15	13	30	87	50	12
Total	162			176			58			149		
Média	6-7			6-7			2-3			5-6		
Densidade	29,72%			32,3%			10,64%			27,33%		
Distribuição e composição	100% P		0% I	100% P		0% I	48,27% P		51,72% I	91,94% P		8,05% I

Tabela 10 Enfermagem. Número de membros na rede segundo os quadrantes: família, amigos, comunidade, trabalho/universidade. E a percepção de proximidade ou distanciamento. Hs: homens, Ms. Mulheres; Inst.: Instituições.

Segunda aplicação	FAMÍLIA			AMIGOS			COMUNIDADE			UNIV/TRAB		
	Hs.	Ms.	Inst.	Hs.	Ms.	Inst.	Hs.	Ms.	Inst.	Hs.	Ms.	Inst.
Próximo	63	59	2	111	57	1	21	18	41	88	46	31
Intermediário	68	63	0	110	63	0	10	11	13	92	19	20
Distante	45	40	0	54	48	0	9	8	8	42	11	4
Sub-total	176	162	2	275	168	1	40	37	62	222	76	55
Total	340			444			139			353		
Média	13-14			17-18			5-6			13-14		
Densidade	26,64%			34,8%			10,9%			27,66%		
Distribuição e composição	99% P		1% I	99% P		1% I	55,39% P		44,6% I	84,41% P		15,58% I

Tabela 11 Enfermagem. Número de membros na rede segundo os quadrantes: família, amigos, comunidade, trabalho/universidade. E a percepção de proximidade ou distanciamento. Hs: homens, Ms. Mulheres; Inst.: Instituições.

Nas tabelas 6 a 11 se apresentam os totais de componentes da rede social-pessoal dos estudantes, por cursos, na primeira e na segunda aplicação do Mapa de Redes, dando relevância à dimensão estrutural da rede que avalia tamanho, densidade, composição e distribuição e homogeneidade e heterogeneidade.

Referente ao *tamanho* da rede, se aprecia que no curso de psicologia a média por estudante da rede social-pessoal total é de 49 a 50 membros na primeira aplicação e de 48 na segunda, não sendo observada mudança significativa (tabelas 6 e 7). Podemos apreciar como se manteve constante o número total, mas houve um deslocamento de integrantes da rede, diminuindo no quadrante da família e aumentando no da comunidade. Manteve-se estável no quadrante de amigos e de universidade/trabalho. Nas discussões com os alunos, foi explicitado que, ao longo do primeiro ano, estes redefiniram a percepção a

respeito da Comunidade, passando a perceber a importância desta nas suas vidas. Isto pode ser consequência das características do curso, o qual é voltado para trabalhar com o outro.

No curso de filosofia a média total para a rede social-pessoal foi de 108-109 membros na primeira aplicação e de 72-73 na segunda. Sendo apreciada uma diminuição considerável da média, foi discutido com os alunos e a explicação foi que um dos estudantes, quando da primeira aplicação, disse ter avaliado inadequadamente o conceito de amizade, colocando também os conhecidos e integrantes de uma congregação religiosa, mas que, na segunda aplicação, tinha deixado estes de fora. Esta situação se explica devido às características do curso avaliado. Uma vez considerada esta situação particular, se aprecia um aumento no quadrante da Comunidade o que se entende também pelo envolvimento das atividades dos alunos com a mesma.

Já no curso de enfermagem a média para a primeira aplicação foi de 20 a 21 membros e, na segunda, foi de 49 a 50 membros, observando um aumento de mais de 100% (tabelas 10 e 11). O aumento ocorreu em todos os quadrantes. Quando questionados os alunos, eles responderam que, na segunda aplicação, tinham pensado mais atentamente as suas relações e que, no primeiro mês do curso, por ocasião da aplicação, estavam assustados com o mesmo. Lembraram de novo o ingresso na universidade e especialmente o trote universitário como um estressor importante.

Segundo Sluzki (1997) e Rangel (2004), a rede social constitui-se das relações percebidas pela pessoa. Quando existem no contexto social pessoas e instituições que poderiam desempenhar alguma função, e a pessoa, apesar do conhecimento de sua existência, não pensa nela quando precisa de um suporte social, não consegue mobilizar a rede, o que é de importância fundamental para distribuir as funções e ampliar a possibilidade de obter sustentos às carências pessoais.

Em todos os cursos o número de membros por quadrante varia entre 3 a 44 integrantes. Deste modo, podemos entender que a rede social-pessoal dos alunos dos cursos estudados apresenta todas as características que Sluzki (1997) e Rangel (2004) descrevem para tamanho. Três membros para cada quadrante são considerados insuficientes e, no outro extremo, 44 membros considera-se grande. Estes autores dizem que o tamanho médio da rede é o mais aceitável já que este número permite a efetivação da

rede para dar suporte das funções que são solicitadas. Pelo contrário, uma rede de tamanho grande ou uma de tamanho pequeno produzem efeitos menos eficazes porquanto o primeiro poderá ocasionar que os membros passem o suporte para outros e no tamanho pequeno quando muitas vezes se precisa ativar a rede e os membros não conseguem dar conta.

Deste modo, observa-se que o quadrante da comunidade, nas duas aplicações, detém o menor número de integrantes ou nós da rede, enquanto os da família e amigos são os quadrantes maiores. Entendemos deste modo, que as funções serão efetivadas de modo mais eficaz quando se solicitam para amigos e familiares.

Sobre a *densidade*, observou-se a família como o quadrante mais denso nas duas aplicações no curso de psicologia, assim como um incremento no quadrante da comunidade, no qual a mesma foi quase dobrada. Manteve-se estável a densidade do quadrante universidade/trabalho e dos amigos (tabelas 6 e 7). Entendemos que, ao longo do ano acadêmico, os alunos conseguiram perceber o espaço comunitário, fazendo-o visível e, conseqüentemente, integrando nós a sua rede.

No curso de filosofia a densidade do quadrante de amizades caiu, pelas razões explicitadas antes. Porém é interessante observar que ocorreu de novo aumento importante no quadrante da comunidade; entretanto, os outros se mantiveram mais ou menos estáveis (tabelas 8 e 9).

No curso de enfermagem é o quadrante das amizades o que detém a mais alta densidade nas duas aplicações. Isto pode ser explicado pelo fato de estes morarem em alta percentagem sozinhos, o que faz que eles procurem mais vinculação (tabelas 10 e 11) com colegas e amigos. Chama a atenção que neste curso não foi observado aumento no quadrante de comunidade, como nos outros.

Sobre a *distribuição e composição*, que se refere à presença na rede de pessoas e instituições (Sluzki, 1997 e López-Cabanas 1997), observou-se nos cursos de psicologia e filosofia que no quadrante de família e amigos não aparecessem instituições (Tabela 6). No curso de enfermagem, aparece referência à instituição na segunda aplicação, contudo em proporção baixa (tabelas 10 e 11). No quadrante de trabalho-universidade, a composição e distribuição se mantiveram e no da comunidade a proporção mudou significativamente

para todos os cursos. Podemos inferir que, se num primeiro momento (primeira aplicação) a comunidade era vista principalmente através das instituições como saúde, associações, recreação e lazer, na segunda as pessoas, dentro destas instituições, cobraram visibilidade. Já não mais a comunidade é percebida como o conjunto de serviços, mas como as pessoas que os viabilizam.

Uma vez discutida a estrutura da rede, foi perguntado para os alunos sobre a percepção do número de participantes da sua rede, para cada quadrante. Os resultados se apresentam em tabelas e a seguir se realiza a discussão das funções segundo os quadrantes dos quais estas são solicitadas.

Aplicação	FAMÍLIA		AMIGOS		COMUNIDADE		UNIV/TRABALHO	
	1ª	2ª	1ª	2ª	1ª	2ª	1ª	2ª
Suficiente	88,88%	95%	59,25%	65%	33,33%	40%	29,63 %	35%
Insuficiente	11,11%	5%	40,74%	35%	66,66%	60%	70,47%	65%

Tabela 12 Psicologia. Percepção da suficiência ou insuficiência dos membros nos diversos quadrantes do mapa de redes social-pessoais.

Aplicação	FAMÍLIA		AMIGOS		COMUNIDADE		UNIV/TRABALHO	
	1ª	2ª	1ª	2ª	1ª	2ª	1ª	2ª
Suficiente	75%	55%	41,66%	18%	41,66%	27%	58,33%	46%
Insuficiente	25%	45%	58,33%	82%	58,33%	73%	41,66%	54%

Tabela 13 Filosofia. Percepção da suficiência ou insuficiência dos membros nos diversos quadrantes do mapa de redes social-pessoais.

Aplicação	FAMÍLIA		AMIGOS		COMUNIDADE		UNIV/TRABALHO	
	1ª	2ª	1ª	2ª	1ª	2ª	1ª	2ª
Suficiente	100%	86%	69%	76%	33%	38%	40%	52%
Insuficiente	0%	14%	31%	24%	67%	62%	60%	48%

Tabela 14 Enfermagem. Percepção da suficiência ou insuficiência dos membros nos diversos quadrantes do mapa de redes social-pessoal.

Aprecia-se, nas tabelas 12, 13 e 14, que a percepção do número de participantes no quadrante da *família* foi o de mais significância na primeira e na segunda aplicações nos cursos de psicologia e enfermagem. Para o curso de filosofia, a percepção deste quadrante, na segunda aplicação, foi referida como insuficiente. Isto foi explicado pelos alunos pelo fato destes permanecerem durante o ano todo longe destas, já que o curso realizado,

somado a outras atividades de trabalho e ou de formação, somente facilitam o contato físico com estas nas férias de verão. Manifestaram que, cada vez mais, sentem a distância e a saudade familiar. Isto se entende pelo fato da interação face a face ser entendida pelo sujeito como a verdadeira (Berger e Luckman, 1999). É através desta interação que se dá o reconhecimento do outro e é possível de se apreciar o afeto, o reconhecimento e o amor (Brenson, 1981). Bauman (2005) critica as formas modernas e pós-modernas das relações. Diz que a midiaticização das mesmas e o pouco tempo dedicado a estas, faz com que se produza uma *immediatez* a que falta valor. Inclusive, considera o autor que as relações, de algum modo, perderam a carga afetiva e que aparecem até divórcios sem dor, divórcios *light*. No obstante, as discussões que sobre relações na atualidade faz o autor, para este grupo de estudantes as relações familiares ainda parecem ser “antigas”. Eles procuram pela presença física e pelo olhar.

No quadrante dos *amigos*, na segunda aplicação, a percepção de suficiência diminui significativamente no curso de filosofia. Esta percepção pode ser entendida já que, ao longo do ano, foram trocando de amizades. As interações com antigos colegas de escola, do bairro, das atividades de lazer, foram sendo, ao longo do ano acadêmico, mais esporádicas e em ocasiões estas se perderam. Não que o número fosse menor. Pelo contrário, este chegou a aumentar como no caso do curso de enfermagem (tabelas 10 e 11), mas, a percepção e sensação de perda aconteceram. É o que, na migração das redes, se conhece como a perda ambígua que consiste na incerteza do retorno, do reencontro (Boss, 1999). Mas estas migrações são inevitáveis e necessárias no desenvolvimento humano. Fazem parte da mudança necessária para manter a identidade (Morin, 1994, Linares, 1996). É nesse processo que o sujeito se atualiza, se desenvolve, e paradoxalmente, se mantém invariante.

Nos cursos de psicologia e enfermagem, a percepção de suficiência dos amigos aumenta, quando comparados à primeira aplicação. Esta percepção pode se explicar como resultado da re-configuração estrutural da rede. Nas discussões para entender os mapas de redes junto às turmas, foi falado que os amigos passam a ocupar um espaço importante na vida dos acadêmicos, onde se evidencia inclusive, o aumento do peso no total da rede. Ainda que ao ingressar nos cursos superiores, muitos amigos se dispersem geograficamente, e os interesses mudem de acordo com novos conhecimentos, expectativas e relacionamentos e assim acabem após um tempo sem se comunicar e migrando da rede

peçoal do aluno, cabe pensar que os alunos destes dois cursos possuem recursos para refazer este contexto de sua rede. Por outro lado, vários alunos continuam se relacionando e talvez pessoas que inicialmente foram colegas, depois de um tempo passam a ser consideradas como amizades.

É significativo ressaltar que os quadrantes onde os alunos dos três cursos percebem maior insuficiência de número de pessoas e instituições nas suas redes social-pessoais são no da comunidade, o qual obtém o menor peso na estrutura de rede e no da universidade-trabalho. Como hipótese, apresenta-se que os alunos que foram morar na cidade devido aos estudos superiores ainda não têm conhecimentos suficientes da cidade para ingressar em espaços comunitários. Interessa questionar aqui que é precisamente nos espaços comunitários facilitam modelos de estruturar o tempo e de obter da rede a satisfação de algumas necessidades como lazer, saúde, espiritualidade e diversão (Montero, 2003).

Embora o peso relativo dos quadrantes da rede social-pessoal dos alunos de todos os cursos se manteve mais ou menos estável, pode-se apreciar como essa rede tem se ampliado, principalmente no curso de enfermagem. O fato de todos os quadrantes ganharem membros e instituições mantendo cada um deles o peso na estrutura da rede permite afirmar que durante as intervenções os alunos conseguiram ampliar o olhar para si mesmos e para as relações que constroem no seu entorno.

A rede social também avalia as funções que ela presta aos membros. A seguir apresentam-se os percentuais dessas funções e o quadrante que as presta, em cada curso.

Aplicação	FAMÍLIA		AMIGOS		COMUNIDADE		UNIV/TRAB	
	1 ^a	2 ^a	1 ^a	2 ^a	1 ^a	2 ^a	1 ^a	2 ^a
Companhia	42,85%	65%	53,57%	35%	3,57%	0%	0%	0%
Guia Cognitivo	82,14%	95%	10,71%	5%	0%	0%	0%	0%
Regulação Social	71,43%	79%	3,57%	15%	0%	0%	0%	0%
Apoio Emocional	85,71%	70%	10,71%	10%	0%	15%	0%	5%
Acesso a novos contatos	42,85%	25%	32,14%	50%	17,86%	15%	9,1%	0%

Tabela 15 Psicologia. Porcentagem de concentração de elementos por quadrante do mapa de redes social-pessoal na primeira e na segunda aplicação. Primeiro e último mês acadêmico.

Aplicação	FAMÍLIA		AMIGOS		COMUNIDADE		UNIV/TRAB	
	1ª %	2ª %	1ª %	2ª %	1ª %	2ª %	1ª %	2ª %
Companhia	86%	64%	14%	36%	0%	0%	0%	0%
Guia Cognitivo	29%	27%	57%	36%	14%	29%	0%	8%
Regulação Social	71%	64%	29%	36%	0%	0%	0%	0%
Apoio Emocional	43%	54%	57%	28%	0%	18%	0%	0%
Acesso a novos contatos	0%	27%	57%	36%	14%	19%	29%	18%

Tabela 16 Filosofia. Porcentagem de concentração de elementos por quadrante do mapa de redes social-pessoal na primeira e na segunda aplicação. Primeiro e último mês acadêmico.

Aplicação	FAMÍLIA		AMIGOS		COMUNIDADE		UNIV/TRAB	
	1ª %	2ª %	1ª %	2ª %	1ª %	2ª %	1ª %	2ª %
Companhia	62,5%	57%	37,5%	43%	0%	0 %	0 %	0 %
Guia Cognitivo	62,5%	95%	31,25%	5 %	6,25%	0 %	0 %	0 %
Regulação Social	56,25%	81%	43,75%	19%	0 %	0%	0 %	0 %
Apoio Emocional	50%	57%	25%	14%	0 %	5%	6,25%	5 %
Acesso a novos contatos	12,5%	24%	62,5%	47%	6,25%	19%	18,75%	5 %

Tabela 17 Enfermagem. Porcentagem de concentração de elementos por quadrante do mapa de redes social-pessoais na primeira e na segunda aplicação. Primeiro e último mês acadêmico.

Referente às funções da rede, estas são, segundo Sluzki (1997) e López-Cabanas (1997), *Companhia* que é quando uma pessoa precisa se sentir acompanhada para passar o tempo; *Guia Cognitivo*, cujo papel é transmitir a cultura, costumes e valores de um determinado contexto sociocultural; *Regulação Social* é a função que permite estabelecer limites e exerce o papel de mediador de conflitos; *Apoio Emocional* é característico de relações íntimas e oferece apoio emocional. Nesta forma de relação, a pessoa pode mostrar de si o que sente de mais profundo e, por último, *Acesso a Novos Contatos* refere-se à possibilidade que oferecem determinados elementos da rede para conectar com novos membros, permitindo, desta forma, ampliar a rede social-pessoal.

Companhia: esta função diminuiu no quadrante da família na segunda aplicação do mapa e incrementou-se no quadrante de amigos nos cursos de filosofia e enfermagem (tabelas 16 e 17). Pode-se entender isto pela distância geográfica da família e porque os amigos são os que passam maior tempo juntos. No entanto, no de psicologia (tabela 15), a função de companhia se fez mais solicitada no quadrante da família na segunda aplicação. Os alunos passam a entender a família de um outro modo. As expectativas sobre as

relações e o comportamento dos acadêmicos deste curso favoreceram esta mudança perceptiva e relacional, segundo foram discutidas nos grupos.

Guia cognitivo: esta função apresenta um incremento na segunda aplicação no quadrante da família e uma diminuição considerável no quadrante dos amigos nos cursos de psicologia e enfermagem, e se perde no de comunidade no curso de enfermagem, estando ausente no quadrante de universidade - trabalho e se mantendo desta forma nas duas aplicações. A hipótese construída aqui é a de que, ao se afastar fisicamente da família, esta passa a ocupar um lugar importante na rede, provavelmente porque os acadêmicos, ao se distanciar dela, percebem de outra forma suas relações familiares. Além disso, esta função não requer da presença direta do participante da rede para ser exercida, como a função anterior, que sim a demanda. Os acadêmicos recorrem à família para compreender melhor o novo contexto onde estão inseridos, aspecto que se incrementou com o transcorrer do tempo. Segundo Gimeno (1999), no ciclo de vida familiar, quando o adolescente sai de casa para se constituir em adulto jovem, começa a se relacionar com os pais de uma outra forma, considerando-os como iguais e conselheiros mais do que como uma figura à qual tem que se opor.

De outro lado, os acadêmicos do curso de filosofia distribuem a função de guia cognitivo e conselheiro em todos os quadrantes da sua rede social-pessoal, ocupando o primeiro lugar de solicitação o dos amigos, seguido pelo da família e o da comunidade. Particularmente três quartas partes dos alunos mora juntos, fato que favorece o estabelecimento de vínculos de amizade. Por outro lado as características da moradia (seminário) influenciam na percepção da comunidade como fonte de aculturação, entendida como a transmissão de cultura, costumes e valores (Sluzki, 1997; López - Cabanas, 1997).

Encontra-se esta mesma característica nas funções de *Regulação social* e *Apoio Emocional* nos quadrantes familiar, de amizades e de universidade - trabalho. Observa-se que com o passar do tempo é na família que os alunos vão solicitar estas funções da rede. É possível pensar que as explicações dadas para a função de guia cognitivo, servem também para estas outras duas funções. Porém, aparece uma diferença no quadrante de comunidade na função de Apoio Emocional, que aumenta na segunda aplicação. Pode-se pensar aqui que os alunos começam a reconhecer alguns elementos da comunidade aos quais podem

recorrer. Um caso poderia ser o do PAPU, projeto desenvolvido na Clínica Escola da universidade e ao qual têm acesso todos os alunos da instituição. De fato, foi sugerida a alguns alunos a possibilidade de entrar em contato com este projeto, já que foi observada a necessidade de um acompanhamento individual.

Acesso a novos contatos: Esta função se incrementa na família e na comunidade na segunda aplicação do Mapa de Redes e diminui nos quadrantes de amigos e universidade-trabalho. Não se têm hipóteses para explicar o que acontece no quadrante da família, mas pode se pensar que os alunos universitários se aproximam da comunidade, através da qual conhecem outras pessoas ou instituições.

Ajuda de recursos e serviços: Esta função aumenta na segunda aplicação nos quadrantes de família e universidade-trabalho, diminuindo nos quadrantes de amigos e de comunidade. A hipótese construída é que a proximidade com os colegas facilita exercer esta função, toda vez que é com eles que passam maior parte do tempo.

Desta forma pode-se observar que a família adquire para o estudante relevância no decorrer do primeiro ano de universidade. Pensa-se, também, que, segundo a psicologia do desenvolvimento, neste período evolutivo, a fase de rebeldia começa a ser superada e os valores transmitidos pela família vão sendo introjetados pelo adolescente tardio e pelo adulto jovem (Papalia, 2005), facilitando o relacionamento familiar e permitindo estabelecer relações mais adultas no contexto imediato. Por outro lado, a universidade exige dos alunos comportamentos independentes, toda vez que já não têm professores encarregados de cuidar se eles assistem às aulas, por exemplo. Cabe a eles a responsabilidade pela presença, assim como pelo estudo e relacionamentos.

Reflexões

Na discussão para compreender junto com os acadêmicos dos diversos cursos, tanto a estrutura como as funções das suas redes sociais-pessoais emergiram outras temáticas que são importantes para estes e que influenciam no processo de transição para o ingresso na universidade e seu processo de aculturação. Os acadêmicos do curso de psicologia estão preocupados pela estruturação do tempo, sentem que não dão conta e se cobram quando realizam atividades de lazer, ou quando se dedicam ao ócio no tempo livre. Esta percepção de não dar conta de uma das capacidades básicas do aluno (Buendía, 1998)

incrementa o estresse nos universitários. A discussão grupal e o dar-se conta que os colegas partilham esses pensamentos e sentimentos, possibilitou que se auto-organizassem e, durante os próprios grupos, pensassem modos de re-estruturar as atividades para dar conta das tarefas sem perder as atividades de lazer e ócio.

Um dos temas recorrentes do curso de filosofia foi a percepção de se perceberem diferentes de todos os outros estudantes da Universidade. Sentem-se excluídos e observados pelos colegas universitários. Esta percepção levou estes estudantes a se fecharem na turma, criando uma forte rede interna. A coesão poderia ser a característica principal da mesma. Esta união grupal é compartilhada no âmbito externo à universidade, principalmente pelo fato de a maioria morar juntos e de compartilhar outros espaços de formação.

Os universitários do curso de enfermagem falaram do difícil que se torna viver distante da família. Os fins de semana passam com a família e ao retornar na segunda-feira têm vontade de desistir do curso. Entre eles discutiram modos de superar esta situação.

Por outro lado, é interessante propor algumas hipóteses relacionadas com as características internas dos cursos, para pensar como estes são produtores da cultura e que poderiam caracterizar aspectos particulares de cada um deles. Pensar no tempo e sua estruturação na psicologia teria a ver com a necessidade do profissional de se ocupar? E no da filosofia se sentir diferente será um reflexo de se pensar distinto da cultura maior, voltada para o fazer e o ter, mais do que para o pensar e refletir sobre as questões dos homens? E finalmente na enfermagem, a preocupação pelo sanitarismo e a saúde em termos ainda de ausência de..., ou completa ausência da doença, levaria estes alunos a rejeitar eventos como o trote por considerá-lo perigoso?

Pode-se observar nos encontros com os universitários, que a transição que acontece durante o primeiro ano condiz com as teorias sobre aculturação (Berry, 1995), quando, ao mudar de contexto, muitas vezes as pessoas vivenciam um choque cultural, o que foi confirmado nas falas. Disseram que o ingresso na universidade é estressante porque além de experienciar mudanças na cultura escolar (transição do colégio para a universidade), passam, também, por um período de afastamento físico de suas famílias pela obrigatoriedade de morar em outra cidade; se defrontam com a necessidade de

reorganização e reconstrução da rede social-pessoal, tendo que se adaptar aos costumes de outras micro-culturas (o que acontece ao ter que conhecer outra cidade). Esta transição ecológica e as mudanças conseqüentes dela levam o aluno a vivenciar situações muitas vezes desconhecidas e ele, não tendo ferramentas apropriadas que dêem conta das reações emocionais e comportamentais derivadas, muitas vezes é prejudicado em sua vida acadêmica.

Percebeu-se que o apoio social permite que uma pessoa construa sua rede de relações e favoreça sua identidade e desempenho. Comprova-se através de suas falas: *o grupo todo está mais aliviado, estamos mais calmos, menos tensos, a turma está mais colaborativa (...). Estão sinalizando com os professores o que é prioridade, organizam-se junto com os professores sobre a leitura dos textos, maior liberdade, os professores também estão mais colaborativos com a turma, a turma percebeu o amadurecimento de cada um dos colegas do início do curso comparando com o momento atual* (Psicologia).

Percebeu-se, nos grupos de discussão, que os universitários fizeram várias reflexões a partir das atividades propostas. Acredita-se que, suas expressões, verbalizações e participações na atividade, tenham sido produtivas e reflexivas para cada um deles, pois obtiveram a oportunidade de expressar suas satisfações e insatisfações no que se refere à instituição, ao acolhimento insatisfatório dos colegas veteranos e eles enquanto turma.

Isto pode ser corroborado quando foram questionados sobre: você mudou? E o que mudou em relação ao primeiro semestre na rede família/ universidade/ amigos e comunidade? Responderam que mudaram bastante, pois no começo estavam mais acuados, menos críticos, aceitavam o que era imposto sem questionar. Hoje se sentem mais fortalecidos para discutir situações ou fatos que ocorrem. Perguntados sobre o que eles poderiam fazer para perceber melhor esta rede nos quatro quadrantes?, disseram que as atividades desenvolvidas para instigar as discussões fizeram com que eles se detivessem para pensar sobre seu processo de transição ecológica, que, ao construir o instrumento de Mapa de Redes, ao finalizar o ano letivo, pensando sobre os relacionamentos em todos os quadrantes, eles percebem que ampliaram sua rede.

A universidade, quando cria espaços extra-acadêmicos a seus estudantes facilita o processo de aculturação, abre espaços para a discussão e propostas de alternativas diferentes às da cultura estabelecida, como foi o caso de re-pensar o trote.

Apesar de que todos os alunos do primeiro e segundo semestres dos cursos pesquisados não participarem de todos os encontros, entende-se a importância destes serem propostos como optativos e não obrigatórios já que, se fosse dessa forma, descaracterizaria a liberdade da participação e da co-criação de conhecimento.

Pode ser afirmado que a pesquisa, pelo do relato das turmas, durante os diversos momentos de encontro, contribuiu com a inserção, inclusão e adaptação sociocultural destes. Proporcionou espaços para a reflexão constante de si mesmos, levando-os a ser mais reflexivos como sujeitos sociais, cidadãos responsáveis e conscientes de suas ações. Considero que, desta forma, a pesquisa se torna uma ferramenta de emancipação e espaço para o desenvolvimento pessoal. A pesquisa ativa, na qual todos somos atores, dá conta das necessidades de cada uma das partes envolvidas no ato de pesquisar e da construção do conhecimento, ao mesmo tempo em que os participantes dão retorno imediato pela sua colaboração com o pesquisador.

Sobre a pesquisa é necessário continuar realizando as aplicações do mapa para observar e avaliar como se comporta a rede dos estudantes e se estas variações aparecem em várias turmas. É por isto que durante este semestre continua-se desenvolvendo este mesmo projeto e espera-se que, segundo as avaliações realizadas a mesma possa ser continuada.

Referências

- Abengózar, M. C.; Cerdá, C. & Meléndez, J. C. (1998). *Desarrollo familiar*. Aspectos teóricos y prácticos. Valencia: Promolibro.
- Bajtin, M. & Vygotsky, L. S. (1993). *La organización semiótica de la conciencia*. Barcelona: Anthropos.
- Bauman, Z. (2005). *El amor líquido*. Acerca de la fragilidad de los vínculos humanos. México: Fondo de Cultura Económica.
- Berger, P. & Luckman, T. (1998). *A construção social da realidade*. Petrópolis: editora Vozes.

- Berry, J. W. (1995). Psychology of aculturation. Em N. R. Goldberger & J. B. Veroff (Eds.), *The Culture and Psychology Reader* (pp. 457-488). New York: New York University Press.
- Boss, P. (1999). *Ambiguous loss: learning to live with unresolved grief*. Cambridge: Harvard University Press.
- Brenson, G. (1980). *El reino de lo nuestro*. Bogotá: Tercer Mundo Editores.
- Buendía, H. (1998). *Educación. La agenda del siglo XXI*. Bogotá: Tercer Mundo Editores.
- Caplan, (1974). In López-Cabanas, M. & Chacón, F. (1997). *Intervención psicosocial y servicios sociales*. Madrid: Síntesis Psicológica.
- Castel, R. (1995). ¿Qué significa estar protegido? In Dabas, E. & Najmanovich, D. (comps.) (1995). *Redes. El lenguaje de los vínculos*. (pp. 151-158). Argentina: Paidós.
- Cobb (1997). Em López-Cabanas, M. & Chacón, F. (1997). *Intervención psicosocial y servicios sociales – Un enfoque participativo*. Madrid: Síntesis Psicológica.
- Delgado J. & Gutiérrez J. (1995). *Métodos y técnicas cualitativas de investigación en ciencias sociales*. España: Síntesis Psicología.
- Foerster, L. Von (1960). Self-Organizing Systems. Yovitz and Cameron. In Ibáñez, J. (1998). *Nuevos avances en la investigación social II*. España: Proyecto a
- Gimeno, A. (1999). *La familia: el desafío de la diversidad*. Barcelona: Editorial Ariel.
- Gracia, E. (1998). *El apoyo social en la intervención comunitaria*. Barcelona: Paidós.
- Guareschi, P. (1996). A Técnica dos Grupos Focais. *Pós-Graduação em Psicologia*, PUCRS, Porto Alegre.
- Ibáñez, J. (1998). *Nuevos avances en la investigación social II*. España: Proyecto a
- IBGE (2006). Instituto Brasileiro de Pesquisa. Acessado em outubro de 2006. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/default.php>
- Johnston, J. (1973). *Lesbian Nation: the feminist solution*. New York: Simon and Schuster.
- Lin, Dean & Ensel, (1986). In López-Cabanas, M. & Chacón, F. (1997). *Intervención Psicosocial y servicios sociales*. Madrid: Síntesis Psicológica.
- Linares, J. L. (1996). *Identidad y narrativa*. Barcelona: Paidós.
- López-Cabanas, M. & Chacón, F. (1997). Apoyo social, redes sociales e grupos de autoayuda. In López-Cabanas, M. & Chacón, F. (1997). *Intervención Psicosocial y servicios sociales*. Madrid: Síntesis Psicológica.

- McGoldrick, M. (2003). *Novas abordagens em terapia familiar. Raça cultura e gênero na prática clínica*. São Paulo: Roca.
- Montero, M. (2003). *Teoría y práctica de la psicología comunitaria: la tensión entre la sociedad y la comunidad*. Buenos Aires: Paidós.
- Morgan, D. L. (1988). *Focus groups as qualitative research*. Newbury Park CA: Sage Publication.
- Morin, E. (1994). La noción del sujeto. In Fried, D. (1994). *Nuevos paradigmas, cultura y subjetividad*. Buenos Aires: Paidós.
- Papalia, D. (2005). *Desenvolvimento humano*. Porto Alegre: Artmed.
- Rangel, M. P. (2003). Família imigrante: estrutura e funcionamento da rede social. *Dissertação de mestrado. Faculdade de Psicologia, PUCRS*.
- Rangel, M. P. (2004). *A construção das redes sócio-familiares e a orientação aculturativa de famílias imigrantes hispano-americanas*. Projeto para seleção de doutorado PUC-RS.
- Rangel, M. P. & Sarriera, J. (2005). Redes Sociais na Investigação Psicossocial. *Aletheia*, 21: jan-jun. p. 53-68.
- Romero, S. M. (2000). A Utilização da Metodologia dos Grupos Focais na Pesquisa em Psicologia. Em Scarparo, H. (2000). *Psicologia e Pesquisa – Perspectivas Metodológicas*. Porto Alegre: Sulina.
- Sluzki, C. (1997). *A rede social na prática sistêmica. Alternativas terapêuticas*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Thompson, J. B. (1995). *Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa*. Petrópolis: Vozes
- Wasserman, H. & H. Danforth. (1988). *The Human Bond: Support Groups and Mutual Aid*. New York: Springer Publishing Company.

O tecido social de uma instituição de cuidados à criança e ao adolescente vulneráveis

María Piedad Rangel M.⁵

Resumo

Estudou-se o tecido social de uma instituição filantrópica que procura atender a criança e o adolescente desamparados. Foi utilizado o paradigma ecossistêmico de redes sociais e mapeada a rede institucional nas dimensões da estrutura e função. Os achados mostram uma rede de redes, isomórfica desde o microsistema até o exossistema e constituída por 69 instituições com 263 conexões entre elas. As características estruturais facilitam o funcionamento da rede. Por outro lado, esta mesma estrutura dificulta a autonomia institucional, mantendo o caráter assistencialista. A respeito das funções encontramos dificuldade para promover o bem-estar da criança já que as necessidades demandadas pela comunidade, as famílias e as crianças e adolescentes não tem satisfação por sobreposição de tarefas desde diversas organizações, o que produz dificuldade na manutenção da identidade institucional.

Palavras chave: Redes sociais; Instituições filantrópicas; Vulnerabilidade social.

The social tissue of a vulnerable children and teenagers care institution

Abstract

The social tissue of a philanthropic institution that looks to attend the abandoned children and teenagers was studied. The eco-systemic paradigm of social nets was used and the institutional net was mapped regarding the structure and function dimensions. The findings showed a net of nets, isomorphic from microsystem to exosystem and constituted by 69 institutions with 263 connections between them. The structural characteristics allow the net's function. On the other hand, this same structure makes it difficult for the institutional autonomy, keeping its attending character. Regarding the functions we find difficulty to give account of the promotion of the children and teenagers well-being since their necessities, like those of the community and the families are not satisfied due to

⁵ Psicóloga, Mestre em Psicologia Social e da Personalidade pela PUC-RS, doutoranda em Psicologia na PUC-RS. Professora da Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões - FW e da Universidade Luterana do Brasil - Canoas. piarangelm@gmail.com

overlapping of tasks of several organizations, which produces difficulty in the maintenance of the institutional identity.

Key-words: Social networks; Philanthropic institutions; Social vulnerability.

El tejido social de una institución de cuidados al niño y al adolescente vulnerables

Resumen

Se estudió el tejido social de una institución filantrópica, que busca atender al niño y al adolescente desamparados. Fue utilizado el paradigma ecosistémico de redes sociales y mapeada la red institucional en las dimensiones de estructura y función. Los resultados muestran una red de redes, isomórfica, desde el microsistema hasta el exosistema y constituida por 69 instituciones con 263 conexiones entre ellas. Las características estructurales permiten el funcionamiento de la red. Por otro lado esta misma estructura dificulta la autonomía institucional, manteniendo su carácter asistencialista. Con respecto a las funciones, encontramos dificultad para promover el bienestar del niño y del adolescente ya que sus necesidades, como aquellas de la comunidad y las familias, no encuentran satisfacción debido a la sobreposición de tareas en diversas organizaciones, lo que produce dificultad para mantener la identidad institucional.

Palabras clave: Redes Sociales; Instituciones filantrópicas; Vulnerabilidad social.

Introdução

Neste artigo apresentamos a discussão realizada sobre a rede social de uma instituição que proporciona atenção a meninos e meninas em vulnerabilidade social. A Instituição está localizada em um município do norte do estado, com uma população estimada pelo IBGE em 27.902 mil habitantes no ano de 2005 (IBGE, 2006). A região se dedica à lavoura e à pecuária, o que caracteriza seu comércio. Nos últimos anos, estas atividades na região têm sido afetadas pelas secas, produzindo dificuldades econômicas que se refletem em todos os aspectos como saúde, educação e poder aquisitivo. O município conta com três instituições públicas de saúde e 11 privadas; o ensino está concentrado no fundamental e vai diminuindo em número de estudantes a partir do segundo grau IBGE (2006).

Estudar os tecidos sociais faz parte da compreensão das relações municipais e da possibilidade de criar estratégias para a intervenção psicossocial que vise o desenvolvimento regional e o bem-estar populacional desde o indivíduo, a família e os grupos sociais. Estudos sobre este tema podem ser encontrados em vários contextos psicossociais, como saúde, educação e desenvolvimento regional. Todos estes estudos têm o intuito de compreender com a rede social, seja pessoal, ou municipal afeta as relações e incide sobre o bem-estar e qualidade de vida (Rangel e Sarriera 2005).

O mapeamento da rede social do município considera a temática das redes sociais nas dimensões de estrutura e funcionamento para, a partir destas, avaliar as implicações das redes, de forma direta ou indireta, no desenvolvimento da instituição e das pessoas que nela convivem.

Por meio do estudo da rede social municipal podem se mapear as relações entre as instituições pesquisadas. Avaliam-se duas dimensões: A estrutura, que diz respeito ao

tamanho, densidade, composição e distribuição, dispersão, reciprocidade e homogeneidade – heterogeneidade (Sluzki, 1997). Para isto utilizamos referenciais próprios da Socioanálise para Redes Sociais (SARS) (Barnes 1966, citado por Ibáñez, 1998). Na segunda dimensão consideram-se as funções das redes as quais segundo López-Cabanas (1997), Sluzki (1997), Montero (2003) são companhia social, guia cognitivo e conselheiro, regulação social, ajuda de serviços e recursos, acesso a novos contatos e apóio emocional. Para realizar esta análise tomamos como base as análises discursivas (Spink, 2000) e das conversações (Echeverría, 1995).

O objetivo de pesquisa foi mapear a rede social da Instituição, dando visibilidade às conexões que estabelece com outras instituições dentro do Município, assim como o caráter dos vínculos estabelecidos entre si, e compreender as funções que esta oferece aos usuários do serviço. Desta forma podemos problematizar as relações e o impacto que estas exercem na Instituição e seus participantes.

Para realizar o levantamento de dados partimos do conceito de redes sociais. Estas representam o conjunto de todas as relações que uma pessoa possui e que são percebidas de forma significativa por ela, definindo, assim, o nicho social próprio e produzindo características para o seu reconhecimento (Sluzki, 1997). Também podemos defini-las como um sistema semi-aberto em permanente construção, que se constrói individual e coletivamente. Elas iniciam com o vínculo entre uma díade, seja ela de pessoas ou instituições, constituem um conjunto de relações que possuem uma pessoa e um grupo, e são fontes de reconhecimento, de sentimento de identidade, do ser, da competência, da ação. Estão relacionadas com os papéis desempenhados nas relações com outras pessoas e grupos sociais constituindo-se nas práticas sociais que no cotidiano não se aproveitam em sua totalidade (Rangel, 2003; Rangel e Sarriera, 2005).

Ampliado este conceito às instituições, criamos instrumentos (Apêndice C) que guardassem os mesmos conceitos de Sluzki (1997) e López-Cabanas (1997) para entender a estrutura e o funcionamento das redes sociais. O primeiro buscou avaliar a dimensão estrutural e consistiu em uma série de questões para coletar dados que permitissem conhecer o lugar que instituições da rede têm no Município; o caráter das relações entre uma instituição e outra; a proximidade e afastamento geográfico; a reciprocidade do vínculo e, finalmente o tamanho e dispersão da rede. Tendo interesse em avaliar a

composição que as redes sociais adquirem por meio das instituições que fazem parte dela, parte-se do entendimento dos elementos estruturais das redes. Esses elementos foram descritos por López-Cabanas (1997) e Sluzki (1997), assim: o tamanho de uma rede refere-se ao número de pessoas ou instituições que fazem parte dela; a densidade trata da conexão e vínculo entre os diferentes membros; e a composição e a distribuição às características das instituições ou órgãos com que se tece a rede social, como por exemplo, ser públicas, privadas ou do terceiro setor. A dispersão permite conhecer a distância geográfica entre os membros, assim como a acessibilidade aos membros e instituições componentes da rede. A homogeneidade ou heterogeneidade considera as semelhanças e diferenças sócio-demográficas, tais como idade, cultura, nível sócio-econômico e reconhecimento das pessoas e instituições que formam a rede social.

Um segundo instrumento consistiu num questionário que nos possibilitou coletar informações referentes ao caráter da organização: missão, visão, área de cobertura, usuários, ações que realiza assim como a pertença a um fórum ou rede e parcerias com outras instituições. Este instrumento facilitou conhecer as funções da rede explícitas para a instituição e sondar a existência de outras funções não referenciadas na bibliografia consultada. Deste modo distinguimos quais funções as instituições têm capacidade de exercer. As possíveis funções a serem ativadas, segundo as necessidades manifestadas pelos usuários da rede, são direcionadas de acordo com missão, objetivos e programas e projetos das instituições que prestam diversos serviços às comunidades.

No mesmo instrumento procuramos caracterizar o tipo de vínculo existente entre as instituições da rede. O tecido da rede foi levantado diretamente sobre o mapa urbano municipal e para identificar o caráter do vínculo conector entre os nós utilizamos linhas de cores. Azul: adequada, verde: dependência, salmão: em construção, marrom: interrompida, vermelha: em conflito e finalmente branca: relação fraca ou distante.

Para iniciar a coleta dos dados para o levantamento da rede social da Instituição realizamos um primeiro encontro com a diretora, explicamos os objetivos da pesquisa, entregamos e esclarecemos o termo de compromisso e solicitamos um encontro para a aplicação do questionário. A partir das informações fornecidas pela diretora dessa Instituição, entramos em contato com diretores ou representantes das outras instituições

que ela percebeu como parte de sua rede, sendo administrado o mesmo instrumento para coletar os dados de cada uma delas.

O procedimento de entrevistar outros diretores de instituições percebidas como nós da rede, foi realizado até que não obtivemos menção de novas instituições, dentro do município. Uma vez coletados todos os questionários procedemos à confecção do Mapa de Rede, que na sua versão final teve a seguinte configuração:



Mapa 1 Mapa total da rede social comunitária da instituição. Exossistema

É importante salientar que realizamos um estudo piloto para todos os instrumentos e também utilizamos a validação por co-juizes que consiste na avaliação de *experts* sobre redes sociais. Desta forma foram avaliados por cinco co-avaliadores. Após a análise foram realizados os ajustes necessários.

Para compreender as redes municipais, utilizamos o paradigma ecossistêmico. A partir deste, uma instituição é considerada como um microsistema (Bronfenbrenner, 1987) toda vez que no seu interior acontece o desenvolvimento de todos seus participantes e as relações estabelecidas de maneira direta. Deu-se passo à visualização do mesossistema, que para o mesmo autor, consiste nas relações que estabelecem várias instituições ou grupos humanos. Por fim pudemos chegar ao exossistema, que é o lugar onde acontecem

relações entre grupos e nós dos quais as pessoas e instituições não participam diretamente, mas que recebem a influência dessas relações. Desta forma entendemos que a rede se estende além das relações diretas e que as relações entre instituições conectam instituições, o que Sluzki (1997) denominou rede de redes.

Para a avaliação da dimensão funcional criamos espaços conversacionais semi-estruturados, com trabalhadores da Instituição, funcionários, estagiárias, supervisores acadêmicos, crianças e moradores das redondezas.

Para a análise das conversações nos orientamos pela análise conversacional, a partir da teoria de Echeverría (1995) para a investigação e intervenção psicossocial. Esta consiste na possibilidade de compreender juntos, pesquisador e pesquisado, o sentido dos tópicos principais colocados em questão ao longo da conversação. O autor refere que uma conversação que produz uma mudança tenta sempre estar isenta de juízos de valor, já que deste modo poderá se entender e compreender todo o sistema conversacional permitindo serem escutadas as polifonias que são trazidas pelos atores do diálogo. Outro aspecto que salienta é a possibilidade de ir introduzindo na fala um espaço de reflexão que favoreça a mudança. Desta forma tanto pesquisador como pesquisado atingem, no final da conversação, um olhar mais abrangente sobre o fenômeno estudado. Utilizando a análise das práticas discursivas de Spink (2000) pudemos estabelecer categorias que nortearam a conversação-entrevista. Consideramos que na medida em que instituições e pessoas fazem parte da pesquisa, é um compromisso social e ético que o pesquisador introduza a possibilidade de se (re)pensar e se auto-avaliar com o intuito de instigar a mudança individual, grupal, institucional e finalmente, cidadã.

Análise dos resultados

Análise estrutural

A partir dos instrumentos utilizados para o mapeamento da rede social da Instituição de proteção à criança e ao adolescente em condições de vulnerabilidade social, foi possível identificar 69 instituições conectadas entre si de forma direta e indireta, estabelecendo em total 263 conexões formando o tecido da rede de relações municipais e que constituem o exossistema da Instituição. Essas instituições como percebemos na análise dos questionários, possuem vínculos de diversas características, desde em

dependência até em conflito, e interações relativamente freqüentes. Coletadas informações referentes ao caráter das mesmas e que se explicita na missão, visão, área de cobertura, usuários, ações que realiza, pertença a um fórum ou rede e parcerias com outras instituições ou pessoas, foi possível estabelecer que as instituições que fazem parte da rede em questão são: saúde, educação, associações comunitárias, jurídicas, laborais, religião, segurança, cultura e lazer e economia. No Mapa utilizamos alfinetes para representar o caráter das instituições dos diversos nós da rede: saúde (rosa), educação (laranja), religião (bege), associação comunitária (vermelho), segurança (verde), cultura e lazer (lilás), comunicação (amarelo), programas à comunidade (azul), órgãos de governo (roxo) e da economia (marrom), a partir da percepção que o diretor tinha da mesma e a resposta a esta questão durante a entrevista-conversação.

Caráter da instituição	Cor do alfinete
Saúde	Rosa
Educação	Laranja
Religião	Bege
Associação comunitária	Vermelho
Cultura e lazer	Lilás
Comunicação	Amarelo
Programas à comunidade	Azul
Órgãos de governo	Roxo
Economia	Marrom

Tabela 18 Cores dos alfinetes que identificam o caráter das instituições

Portanto dez tipos de instituições formam o tecido social que dá suporte à comunidade. Evidencia-se, dessa forma, que a rede que emerge nesta pesquisa é caracteristicamente Comunitária, já que as instituições com que se fazem relações e conexões sociais formam parte do mesossistema denominado Comunidade (Montero, 2003).

Entendemos o vínculo entre as instituições que compõem a Rede Social Municipal como a qualidade da relação que se estabelece entre os nós da rede do exossistema, a percepção de proximidade ou distanciamento percebido entre si. Foi constatado, destarte, que 72% dos vínculos são percebidos próximos, 18,2% médios, enquanto foram considerados distantes 8,8% (Tabela 19). A proximidade pode ter efeitos positivos e também negativos. De um lado esperamos que quando as instituições precisem ativar as funções da rede, estas possam ser rapidamente efetivadas, mas por outro a alta

proximidade impediria o distanciamento necessário para adquirir autonomia institucional. A proximidade pode estar relacionada com a dependência.

	Próximo	Médio	Distante
Percepção do vínculo	72%	18,2%	8,8%

Tabela 19 Percepção do vínculo entre as diversas instituições

Na rede constatamos que as instituições percebem as relações deste modo: dependência 18%, adequada 64%, distante 9%, em construção 6%, interrompida 0% e relação conflituosa 3% (Tabela 20). Se bem as instituições percebem na sua maioria possuir relações adequadas, o efeito da dependência de algumas instituições, principalmente quando não existe reciprocidade, produz dificuldades para realizar as funções que oferece à comunidade.

Este é o caso da Instituição estudada. A dependência que esta tem com outras instituições produziu efeitos tanto na capacidade de dar conta dos objetivos institucionais como de manter a identidade, como discutimos mais detidamente na análise funcional. Portanto a dependência sem reciprocidade que estabelece com outras instituições favorece um vínculo assistencialista.

Das 263 conexões, que formam o tecido total da rede, existe reciprocidade em 14% delas. Além de a reciprocidade ser entre a minoria das instituições, podemos observar que esta se dá entre instituições que se percebem numa mesma posição social. Ou seja, de instituição assistida para instituição assistida. Queremos ressaltar aqui que quanto mais reconhecimento social da instituição dentro do município menor reciprocidade e estas instituições percebem geralmente que suas relações são com outras instituições numa hierarquia social e institucional de forma ascendente. Parece que o olhar é para cima mais do que horizontais ou para baixo do status da mesma.

Entendemos que o tecido total da rede é o exossistema da Instituição foco desta pesquisa, suas relações não são diretas, mas vão influenciar no desenvolvimento desse microsistema. Observamos que várias instituições tomam decisões que afetam o funcionamento interno e estabelecem formas de atenção aos meninos e meninas em condições de vulnerabilidade social, como é o caso de programas de governo municipal e

federal que são “impostos” à instituição sem que as crianças, funcionários, famílias e gestores possam discutir as atividades, procedimentos e momentos para levá-las a cabo.

O mesossistema está formado por 10 instituições percebidas pela diretora da Instituição como pertencentes à rede. Duas delas ocupam o mesmo espaço físico. Observamos que existe reciprocidade em 40% destas (tabela 20) e que mantém o isomorfismo observado na rede do exossistema. Ou seja, são percebidas como nós da rede do mesossistema instituições que tem como objetivo o cuidado à criança e ao adolescente em condição de dificuldade social e/ou portador de necessidades especiais.



Mapa 2 Primeira rede institucional. Mesossistema

Esta observação da reciprocidade nos leva a pensar nas pautas de relação comunitárias já que é nesse contexto onde as pessoas se conhecem pelo próprio nome, se reconhecem como parte do seu próprio território sócio-relacional (Bauman, 2003; Marchioni, 1999).

Podemos entender que o microsistema é a rede central do estudo, que se conecta com outras redes, e que a maior rede percebida está tecida por redes de redes vão além do município conectando cidades do estado, a capital do mesmo e se estende até cidades de outros estados próximos ao Rio Grande do Sul.

Instituição	Vínculo	Reciprocidade
COMDICA	1	x
APAE	3	x
Conselho Tutelar	2	-
AABB	6	x
Auxiliadora	2	-
URI	4	-
Prefeitura	1.2	-
Fórum	1	-
Banco do Brasil	2	-
Centro de Práticas Sociais	4	x

Tabela 20 Indicação de reciprocidade a vínculos percebidos pela Instituição

Independente do caráter das instituições que compõem os nós da rede social que se deseja avaliar sabe-se que a forma de organização em rede constitui um tipo alternativo de estruturação da sociedade, diferentemente da organização tradicional, em pirâmide, em que responsabilidades e poder de decisão vão afunilando-se (Whitaker, 2001). Pelo arranjo em pirâmide o poder é vertical, havendo hierarquia entre os nós que a compõem, tendo cada um desses membros, suas funções designadas e onde existe uma chefia mais ou menos permanente que centraliza as informações. No entanto o fenômeno piramidal foi observado na rede do mesossistema tanto na sua composição, quanto na hierarquia estabelecida por uma das instituições, a qual pauta a organização de cuidado à criança e ao adolescente seguindo objetivos de um programa do governo federal.

Por outro lado, a estruturação da sociedade na forma de rede permite a existência de relações horizontais, onde a informação é mais fluida. Esse tipo de estruturação permite uma determinada autonomia aos membros que compõem as redes, à medida que eles podem influenciar-se mutuamente. Trabalhar em rede permite às instituições um intercambio direto de serviços, diálogos e exercício de funções. Pensamos que a possibilidade desta forma relacional diminuiria a tramitação burocrática em tanto que as relações horizontais criariam fluxos comunicacionais diretos, fortalecendo os vínculos interinstitucionais e incentivando o desenvolvimento dos recursos institucionais, toda vez que cada nó participante estaria obrigado a se auto-observar e criar estratégias de auto-gestão e colaboração.

Sobre a composição da rede do exossistema, as instituições são de vários tipos. 72% das relações são estabelecidas entre instituições públicas; 9,4% das relações se dão com organizações não-governamentais (ONGs); e 18,5% das relações ocorrem com

instituições privadas. Esses dados nos mostram que existe diversidade de instituições, às quais se apela para solicitar recursos. Porém, podemos apreciar que esta rede se caracteriza pela homogeneidade já que a maioria das instituições é do mesmo tipo. Esta composição pode dificultar a efetivação das funções toda vez que as instituições de caráter público se deparam com processos burocráticos de longa duração impedindo que possam ser exercidas funções que dêem conta das necessidades de outras instituições no momento que são precisadas. Pode ser o caso das conexões com órgãos de governo sediados fora do município, as quais chegam a 24,63%.

Por ser órgãos de governo e de poder público, elas por sua vez estão conectadas de forma homogênea e sofrem os mesmos problemas burocráticos e de distanciamento para prestar ajuda e apoio de forma autônoma.

As relações percebidas pelo microssistema é 80% com entidades públicas e 20% com entidades privadas e nenhuma ONG. Evidentemente estas instituições também têm trâmites burocráticos a serem cumpridos, mas eles às vezes são diferentes. O que se discute aqui, não é necessariamente a efetividade das ações, mas a homogeneidade das instituições com que se estabelecem as relações. Segundo Sluzki (1997) é necessária a presença da heterogeneidade para uma mais efetiva administração de recursos e de serviços da rede. A observação do caráter das instituições da rede do mesossistema mostra que ele é também isomórfico ao do exossistema. Podemos de este modo pensar que a estrutura das redes municipais que estabelece esta Instituição de cuidado à criança e ao adolescente em vulnerabilidade social é pouco diversa dadas as características das relações e das instituições que formam os nós do tecido social-comunitário.

Sobre a dispersão da rede entendida como a distância geográfica, observamos que a Instituição ocupa um local distante do centro da cidade, é mais periférica. Para dar conta da atenção ao menor a Prefeitura do município oferece transporte às crianças, mas esta distância dificulta a visitação por parte das famílias.

Por outro lado, constituir-se como sede de um programa de governo acarretou problemas já que a estruturação do tempo da Instituição ficou diretamente afetada pelas atividades programadas. O distanciamento necessário para oferecer diversidade de funções às crianças é precário, ao ponto de, tanto a diretora como funcionários e estagiários

entrevistados, sentiram que a Instituição teve um processo de perda identitária institucional. Isto ocorreu porque os objetivos e serviços que pretendia oferecer às crianças deram passo exclusivamente aos objetivos do programa do governo.

Deste modo, podemos pensar que uma distância média pode ser mais efetiva para oferecer as funções da rede. Tanto as distâncias maiores, quanto a ocupação simultânea do mesmo espaço por várias instituições, dificultam à Instituição a mobilidade suficiente para dar conta das ações necessárias à efetiva funcionalidade do nó.

Análise funcional

A segunda dimensão para a análise trata das funções que uma instituição tem capacidade de exercer como um nó da rede. Estas funções podem ser diretamente oferecidas à comunidade, ou podem ser solicitadas. Para serem solicitadas elas precisam ser percebidas pela comunidade, pelas pessoas, pelos grupos, que se constituirão em usuários dos serviços, de forma esporádica, única, ou permanente.

As possíveis funções a serem ativadas, segundo as necessidades manifestadas pelos usuários da rede, são direcionadas de acordo com missão, objetivos, programas e projetos das instituições que prestam serviços às comunidades. Em outras palavras, as instituições oferecem bens ou serviços e exercem várias funções em momentos diferentes e respondendo a solicitações específicas dos usuários das redes.

Pela organização em rede, instituições têm um alcance maior sobre o indivíduo nos mais variados aspectos, sendo eles: saúde, família, escola, trabalho e religião ou, dentre outros. As redes são, com frequência, a única possibilidade de ajuda com que famílias carentes podem contar, além de serem o único suporte para ajudar nas cargas da vida cotidiana, e contribuir para dar sentido à vida, favorecendo a organização da identidade através dos olhos e ações dos outros (Andrade e Vaitsman, s/d).

Analizamos, segundo Sluzki (1997) e Lopez- Cabanas (1997), as funções de: companhia social, apoio emocional, guia cognitivo e conselheiro, regulação social, ajuda material e de serviços e acessos a novos contatos. Cabe ressaltar que, segundo estes autores, as funções das redes podem ser exercidas reciprocamente e sincrônica ou diacronicamente.

A Instituição de atenção à criança e ao adolescente em vulnerabilidade social oferece à comunidade um espaço em turno inverso à escola. A finalidade é promover ações na área social. Tem um caráter assistencial, educativo, cultural e recreativo, visando à recuperação social do “menor” desamparado do município, procurando garantir-lhe um futuro sólido, digno e humano (Estatuto da Instituição, 1969).

Oferece três refeições diárias, serviços de assistência médica e atividades que são realizadas no turno inverso àquele em que as crianças frequentam a escola. A Instituição assiste a crianças de 0 a 14 anos, e para algumas daquelas que completaram a idade de 14 anos são proporcionadas possibilidades de trabalho formal, quando demonstrem ter certo grau de habilidade durante o período em que passaram por esta.

Para o trabalho de caráter assistencial, educativo, cultural e recreativo que a Instituição se propõe a fazer, conta com o auxílio de voluntários, monitores, funcionários contratados e cedidos pela prefeitura da cidade, que atendem a uma média de 150 crianças por dia. Além desses funcionários conta, ainda, com uma série de estagiários provindos de instituições pertencentes à sua rede social, sendo elas, a Universidade da cidade e um programa de governo federal o qual está sediado nela.

A Universidade insere acadêmicos de vários cursos de graduação na Instituição, tais como estagiários de Psicologia, Farmácia, Enfermagem e Serviço Social, ao passo que o projeto do governo federal realiza um trabalho que requer 40 horas semanais, nas quais se desenvolvem diversas atividades. Esta sobreposição de programas, por um lado o de governo e por outro o da Instituição, nem sempre acontece de modo tranquilo, principalmente devido à distribuição do tempo que cada um deles requer para ser levado a cabo e à dificuldade de propor um objetivo comum para desenvolvimento e promoção do bem-estar da criança e do adolescente.

As crianças são consideradas pelos funcionários, gestores, voluntários, estagiários e pela comunidade em geral em situação de risco, mais do que em vulnerabilidade. Isto por se tratar de pessoas pobres, sem suficientes condições de higiene e salubridade nos locais de residência, com problemas de saúde conseqüência da situação de pobreza, desemprego dos pais, e que estão em risco de uso de drogas e cometer diversos tipos de infrações. Um trecho da entrevista realizada com uma estagiária do Curso de Psicologia evidencia a idéia

naturalizada no município que pobreza é concomitante com problemas sociais: *a Instituição tem como objetivo principal, atender às crianças de famílias carentes, especialmente... assim... aquelas famílias que no dia a dia não têm condições de oferecer uma alimentação saudável, não têm condições, também, de possibilitar que as crianças tenham uma boa escola, ou especialmente que essas crianças sejam ajudadas no aprendizado, enfim...*

Uma premissa fundamental é que as redes não se constituem de nós igualitários, sendo passíveis de ter o mesmo número de conexões. Ao contrário, as redes podem possuir um grande número de nós com poucas conexões ou apresentar muitos nós altamente conectados (Recuero, 2004). Dizemos que há saturação da rede quando um de seus nós é tão altamente conectado que isso acaba interferindo no cumprimento de suas funções.

Partimos do pressuposto de que a Instituição em questão se constitui de um nó altamente conectado, possuindo 15 conexões e sendo considerada a segunda que mais percebe vínculos com outros nós da rede à que pertence. A instituição mais conectada se trata da Prefeitura, com 19 vínculos estabelecidos.

A Instituição, através da diretora, percebe que a qualidade da relação com seis nós da rede no mesossistema é adequada (no mapa indicada em verde). Dentre as outras conexões realizadas por esta, apenas uma delas é caracterizada como uma relação conflituosa (vermelho), uma em dependência (azul), três relações fracas ou distantes (branco) e quatro relações em construção (salmão). Esta percepção evidencia a constante mobilização da rede social, indicando que membros e instituições migram constantemente e isto ocasionará a permanente negociação relacional.

Características do vínculo	Percepção da qualidade da relação	Cor da linha no mapa
Dependência	18%	Azul
Adequada	64%	Verde
Distante	9%	Branco
Em construção	6%	Salmão
Interrompida	0%	Preto
Conflituosa	3%	Vermelho

Tabela 21 Identificação da percepção da qualidade da relação

A possibilidade de contar com diversas formas de relação influencia este nó da rede no exercício eficaz de funções, por realizar conexões com várias outras instituições. Em tanto que as relações percebidas como adequadas podem lhe servir de suporte nas atividades que a mesma não consegue realizar sozinha, o que é uma característica da organização em rede, as relações distantes, conflituosas, fracas serão um fator dificultador.

Podemos perceber este fenômeno já que o espaço para dar conta dos objetivos institucionais foi perdido, não somente na identidade institucional quanto na estruturação do tempo para o desenvolvimento das ações e atividades necessárias para a promoção do menor. *Um dos aspectos assim... que a gente observou e sentiu forte, é que os projetos que eram realizados lá dentro eram um tanto individualistas, assim... o projeto de cada curso da universidade nem sabia o que outro curso fazia... eram independentes aos dos voluntários... (...). O problema piorou quando entrou na Instituição o programa de governo, porque ele funcionava na cidade, e as crianças da Instituição participavam umas quatro horas por semana. Mas agora esta o tempo todo na Instituição e... já vem com os objetivos prontos, vem e se implanta na comunidade sem levar em conta as necessidades dela* (Diretora).

Não contar com a instituição para o diálogo e a negociação dos objetivos, faz pensar na hierarquia e nas relações de poder, onde um decide e os outros não têm voz; na hierarquia vertical de cima para baixo, que aqui se estabeleceu, de encontro com uma das pretensões da psicologia social comunitária que é o fortalecimento da comunidade (Montero, 2003) que promove a auto-gestão e desenvolvimento da autonomia.

A seguir, tentamos relacionar as funções da rede descritas por López-Cabanas (1997) e Sluzki (1997) e os discursos das pessoas, obtidos por meio das entrevistas-conversa com o objetivo de investigar como exerce as funções a que se propõe fazendo uso das conexões que refere que possui.

A primeira função que López-Cabanas (1997) e Sluzki (1997) descrevem é Companhia Social que é transmissora de cultura e promoção da adaptação. De acordo com os objetivos deste estudo, no que se refere à análise da dimensão funcional da rede, pretende-se conhecer se a Instituição em questão é capaz de transmitir a cultura, os valores, a adaptação social, tanto para o usuário interno (funcionários das diversas instituições)

como externo (aqueles que utilizam os serviços da Instituição, ou seja, os pais de família e as próprias crianças): *na verdade (...) o trabalho realizado... ele não era contextualizado à realidade que a criança estava descuadada. (...) Um dos aspectos que a gente também observou e sentiu forte é que os projetos que eram realizados lá dentro da Instituição eram um tanto individualistas.*

Pensamos aqui num paradoxo, numa ambivalência como forma de transmitir cultura e promover a adaptação. Impossível ser transmissora de cultura e promover adaptação quando o trabalho realizado não condiz com a demanda da comunidade. Mais do que um processo de adaptação cultural, pensamos num processo de controle social descontextualizado. Isto se reveste de um significado especial quando observamos estruturalmente que vários nós da rede institucional que visa à promoção de bem-estar da criança e do adolescente, no mesossistema e exossistema são a brigada militar, o poder judiciário, e o presídio. O questionamento que nos fazemos é quais sentidos estão sendo passados a estas crianças através do discurso? Como elas constituem a sua identidade, se as narrativas sobre si mesmas são negativas, e sabemos que as narrativas constroem o sujeito (Linares, 1996; Ramos, 2001). As crenças que sobre este setor da comunidade se constroem as comunidades, os sujeitos, as instituições correspondem à nominação do sujeito (Balbi, 2004). Deste modo a identidade transcende o espaço pessoal, atravessa grupos e instituições e se instaura nas diversas categorias sociais. Isto podemos vê-lo refletido em falas como: *Coitados, não fosse nós, eles estariam na rua, marginais... claro são poucas coisas as que podemos fazer, resgatar... só um ou dois; os outros crescerão delinquentes. Uma pena.* (Professora)

Quando questionadas as funcionárias e funcionários sobre seu papel como educadores, com possibilidade de oferecer espaços para transmissão cultural e de valores, encontramos o deslocamento do seu papel: *após que chegou o projeto (plano de governo) começamos a questionar qual era o nosso lugar na Instituição (estagiárias) e percebíamos que todos os funcionários estavam perdendo-o. Eles foram fisicamente para a cozinha da Instituição (funcionarias se referendo aos professores). Porém, as palavras que marcavam as crianças como diferentes, palavras que estigmatizam, que, excluem, continuavam sendo escutadas. E nos tínhamos muita dificuldade para ajudar porque todos os adultos falavam desse modo para eles, era coisas como 'tu é o pior, tu é a sobra da sociedade'.*

Destarte compreendemos que as relações são dolorosas toda vez que parece que já não se espera das crianças e dos adolescentes por nada positivo. Tanto funcionários como crianças estão presos numa relação de perdas. O funcionário perde a possibilidade de ser agente de mudança e a criança a possibilidade de tornar-se um cidadão trabalhador e de sucesso. Somente resta o estranhamento e resistência de algumas estagiárias e professores.

O processo de socialização pelo qual a criança institucionalizada passa a partir do momento que faz parte da instituição inclui aprendizagem, apreensão de padrões, valores e sentimentos próprios da sociedade.

Ve-se, dessa forma, a importância de a instituição ser provedora de companhia social, transmissora de cultura, uma vez que, como afirma Elkin (1968), pela perspectiva da socialização não se consideram as particularidades dos indivíduos, mas, os aspectos adaptativos à cultura majoritária e a sociedade. Sendo assim, a forma como a cultura (que não corresponde à demanda da comunidade) acaba sendo imposta à criança (a assimilação cultural), tem precedência sobre as características individuais de cada criança (Berry, 1995).

Pensamos que a diversidade de características de nós da rede do microsistema, possibilite às crianças outros modos de subjetivação, a partir do reconhecimento do ser por parte dos adultos que conseguem vê-las com recursos para desenvolver-se de modo diferente àquele preestabelecido socialmente. Segundo Bronfenbrenner (1987) quando uma criança estabelece relações consistentes no microsistema, pode levar estes para outros contextos. Para isto é necessária a intervenção na rede de modo que as conexões e as diversas instâncias da rede adquiram visibilidade e se tornem eficazes.

A função Apoio Emocional refere-se aos intercâmbios que conotam atitude emocional positiva, clima de compreensão, simpatia, estímulo e apoio. Esta função não pudemos encontrá-la evidente nas das falas de nenhum dos entrevistados. Pelo contrario aparece uma conotação negativa a respeito do ser da criança que frequenta este local: *...algo que transparece da comunidade em relação à Instituição é que é o lugar em que vão os marginais. É a visão que se tem deles aqui na cidade. Eu acredito que essa visão está instituída porque a própria Instituição mostra isso* (diretora, vizinhos). Sabemos que o apoio emocional é necessário para a reconstituição do sujeito. Nos casos em que pessoas

têm conseguido ir para frente, ser resilientes, elas contavam com vínculos positivos de afeto e de identidade. Os modelos propiciaram nelas a possibilidade de mudança, de sair do lugar (Cyrulnik, 1989; Cyrulnik et al., 2004).

Podemos dizer que uma organização exerce a função de Guia Cognitivo e Conselheiro quando compartilha informações pessoais e sociais, esclarecendo expectativas e oferecendo modelos de papéis (López-Cabanas, 1997, Sluzki, 1997). Sendo a Instituição de cuidado à criança e ao adolescente um agente de socialização, à medida que exerce, ou não, a função de Guia Cognitivo e Conselheiro, fica incumbida de definir o mundo para a criança, servindo como modelo para suas atitudes e comportamentos, ensinando pela distribuição de recompensas e punições e pela instrução direta do comportamento apropriado (Elkin, 1968). Os papéis que a criança tem como referência na Instituição são de diversas índoles. Esta variedade facilita a apropriação de modelos adequados a seu desenvolvimento e bem-estar.

Segundo o mesmo autor, os modelos podem servir de fontes simples de imitações ou estabelecer fortes liames emocionais com a criança tornando-se protótipo de características psicológicas relativamente permanentes: *parece que essa coisa de 'ser referência' eu via mais nos voluntários. Eu consigo percebê-los como pessoas que podem ser uma referência para as crianças. Não sei se é porque eles vinham pouco durante a semana, não estavam institucionalizados. (...) Neles sim, eu percebia realmente uma preocupação maior em relação àquela criança, como ser humano, como alguém que pode estudar, que pode ser alguém na vida.* (Estagiárias).

Uma função de grande importância a ser exercida quando se trata de uma instituição de cuidado da criança e do adolescente que compõe a rede social do município, constitui-se na Regulação Social. Essa função visa regular socialmente o comportamento, reafirmando as responsabilidades e permitindo conhecer e reconhecer os limites do comportamento aceito socialmente. Essa função permite ajudar o outro a encontrar a responsabilidade social, aprender a lidar com a violência, a tolerar a frustração e a resolver conflitos.

Exercendo a função de regulador social de forma adequada, a criança institucionalizada é tomada por um senso de objetivos, valores e satisfação interior que faz

com que se sinta sustentada mesmo na ausência de figuras de autoridade. Quando esse tipo de modelo está presente, segundo Brazelton (2002), elas podem estar em uma variedade de situações e fazer julgamentos sensatos sobre a adequação de seus comportamentos, pois estão adicionando aos seus próprios sentimentos interiores, valores e objetivos.

Quanto à possibilidade de ser regulador social uma funcionária diz *eu acho que ele* poderia. Mas não faz. Partindo da proposta inicial de fundação. (...) Isso de tirar a criança da situação de risco, mostrar coisas, oferecer coisas, caminhos diferentes, oportunidades diferentes, mostrar que pode ser diferente, que eles não precisam se submeter a vender picolé, a roubar, a matar, enfim... Na verdade, quando a gente lê o estatuto a idéia é que fosse. Mas não foi isso que eles construíram ali dentro até hoje.* Esta fala de uma funcionária nos leva à reflexão da necessidade de intervir na rede oferecendo alternativas de relacionamentos e provocando as mudanças de pautas de relação que possam contribuir à regulação social. Encontramos pelas falas das funcionárias e estagiárias, assim como pelas conexões da rede com instituições de controle social que uma função mais forte aparece, a de Controle Social e Punição social.

Cabe aqui questionar o papel do Conselho Tutelar (CT), toda vez que este se constitui como órgão de controle social e punição, perdendo o seu caráter que é de velar pelas políticas públicas de proteção à criança e ao adolescente. Este papel é desconhecido pela Instituição de cuidado à criança e ao adolescente e solicita deste nó da rede as funções que podemos apreciar na fala seguinte: *quando as crianças se comportam mal, chamamos o CT... ai as conselheiras vem até aqui e tomam as providências necessárias para as crianças se comportarem, só assim conseguimos às vezes controlá-las.* Compreendemos, pela fala, que a Instituição perdeu o espaço para ser educadora, para colocar e estabelecer os limites de comportamento, dando esta “responsabilidade” a uma outra instância.

A possibilidade de ser regulador social, segundo as entrevistadas, se desfaz: *Eles pensam assim: ‘essas crianças vêm aqui, pra ganhar comida e... ah, a Instituição tá alimentando os futuros marginais’.* Na verdade é isso. *‘Ah, porque tão ali, mas tu sabe que amanhã ou depois tão maior, tão alimentando ali, vão ser os futuros marginais..’.* (...) *Nisso que a gente diz do que eles mesmos têm pra eles do quê que é a Instituição. É um lugar que vem esse tipo de pessoas assim. (...) O conceito da Instituição.* (Vizinha).

* Refere o nome da instituição

Sendo capaz de fornecer colaboração eficaz com base em conhecimentos especializados, de ajuda física e serviços de saúde, a instituição exerce a quinta função das Redes Sociais, descrita como Ajuda Material e de Serviços. *A partir do momento que o programa de governo chegou, não era questionado se a criança queria fazer a dança, se ela queria jogar capoeira, se ela queria fazer grafite. Tu entrava no grupo da dança, tu ia fazer a dança. Se a A. entrava no grafite ela ia fazer o grafite. E tinha dias que eu não queria fazer o bordado, eu queria fazer a dança. E aí, problema meu. (...) Eles ofereciam outras coisas, atividades, tinha lanche, talvez que eles nem comiam em casa, mas depois, de noite, eles voltavam pra realidade deles, né?* (Professora). Evidencia-se através da fala que a Instituição oferece as crianças recursos materiais e que os programas são impostos. As crianças não participam da discussão sobre o tipo nem o modo de realizar atividades dentro da mesma. Desta forma, as ações que ali se desenvolvem ficam descontextualizadas e dessa forma se perde o sentido.

Por fim, a função Acesso a Novos Contatos abre a possibilidade de conexão com outros nós que, até então, não faziam parte da Rede Social Municipal. A Instituição, em algumas ocasiões, consegue que ex-alunos ingressem no mercado de trabalho. Apesar da falta de esperança e credibilidade generalizada nas crianças que transitam por ela. *Muito poucas vezes a gente consegue recomendar algum dos nossos ex-alunos para fazer algum trabalho, mas a gente não tem como garantir o bom comportamento deles, porque você sabe... eles têm muitos problemas.* (Diretora)

Reflexões e considerações

Foi possível perceber na análise das entrevistas que a Instituição percebe que faz parte de uma rede social, que faz conexões e possui vínculos com outras instituições do município, mas não faz uso dos serviços de rede que ela pode oferecer. *Essa coisa separada. Cada um faz a sua coisa e daí ninguém faz nada, na verdade. Oferece alguma coisa de ajuda material, mas não passa por isso de conhecimento, né, porque eles distribuem às vezes alguma coisa, né? Mas é assistencialismo* (Estagiárias). Aqui pensamos na importância de se perceber como parte ativa da rede, como promotora de bem-estar. Corroboramos a percepção realizada em outro estudo, em que se constatou que a não visibilidade da rede faz com que elas não se aproveitem na sua totalidade (Rangel e Sarriera, 2005).

Numa rede social em que as conexões são feitas de forma adequada, de modo que permita que elas possam encontrar em outros nós recursos que no momento estão incapacitadas de resolverem sozinhas, os encaminhamentos podem ser soluções eficazes. Isso se percebe no momento em que *a instituição está ligada ao posto de saúde, então qualquer coisa que acontece com a criança, é mandado pra lá. Ou prefeitura, essas coisas, serviço social, essa questão de moradia, da criança não ter onde ficar, daí já vai pro Conselho Tutelar, que já dá conta.*

O exemplo dado ilustra uma situação em que, por meio dos encaminhamentos realizados, é possível que a Instituição se beneficie dos serviços que outras instituições, com as quais possui vínculo. Em outros casos, entretanto, pode-se perceber que o vínculo percebido com o Posto de Saúde não é capaz de possibilitar ajuda eficaz: *Aquele dia que uma menina tava tendo uma crise enlouquecida de dor de ouvido ninguém fazia nada daí a gente teve que tomar uma iniciativa de sugerir que ela fosse pro Posto, lembra? Eu acho que ainda foi tu que sugeriu que levasse ela pro Posto (Estagiárias).*

Por fim, pesquisar as redes sociais me facilitou ser mais consciente do meu papel e minha função nela. Pensar sobre o lugar que ocupo na condição de professora, co-formadora dos futuros profissionais que estarão inseridos nesses contextos sociais e comunitários. Mobilizar neles a reflexão sobre as relações que estabelecem e como pensam as instituições e principalmente questioná-los no sentido de desnaturalizar o sentido que os diversos grupos e coletivos sociais impõem.

Referências

- Andrade e Vaistman (s.f.) Organização em rede. Capturado in: RITS- organização em rede. Visitado em 2006 http://www.rits.org.br/redes_teste/rd_home_intro.cfm
- Andrade, G. R. B. & Vaitsman, J. (2002). Apoio social e redes: conectando solidariedade e saúde. *Saúde coletiva*, vol.7, no.4, p.925-934. ISSN 1413-8123.
- Balbi, J. (2004). *La mente narrativa. Hacia una concepción posracionalista de la identidad personal*. Buenos Aires: Paidós.
- Bauman, Z. (2003). *Comunidade a busca por segurança no mundo atual*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

- Berry, J. W. (1995). Psychology of aculturation. Em N. R. Goldberger & J. B. Veroff (Eds.), *The Culture and Psychology Reader* (pp. 457-488). New York: New York University Press.
- Brazelton, T. B. (2002). *As necessidades essenciais das crianças: O que toda criança precisa para crescer, aprender e se desenvolver*. Porto Alegre: Artmed.
- Bronfenbrenner, U. (1987). *La ecología del desarrollo humano*. Barcelona: Paidós.
- Cyrułnik, B. (1989). *Sob o signo do afeto*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Cyrułnik, B. et al. (2003). *El realismo de la esperanza*. Testimonios de experiencias profesionales en torno a la resiliencia. Barcelona: Editorial Gedisa.
- Echeverría, R. (1995). *La ontología del lenguaje*. Santiago de Chile: Dolmen
- Elkaïm, M. et al. (1989). *Las prácticas de la terapia de red*. Barcelona: Editorial Gedisa.
- Elkin, F. (1968). *A criança e a sociedade*. Rio de Janeiro: Edições Bloch.
- Estatuto da Instituição (1969). Documento interno da Instituição foco de este estudo.
- Ibáñez, J. (1998). *Nuevos avances en la investigación social II*. España: Proyecto A Ediciones.
- IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. <http://www.ibge.gov.br/>
- Linares, J. L. (1996). *Identidad y Narrativa*. Buenos Aires: Paidós.
- López-Cabanas, M. (1997). *Intervención Psicossocial y servicios sociales*. Un enfoque participativo. Madrid: Síntesis Psicológica.
- López-Cabanas, M. y Chacón, F. (1997). Apoyo social, redes sociales y grupos de autoayuda. In: López-Cabanas, M. y Chacón, F. (1997). *Intervención Psicossocial y servicios sociales. Un enfoque participativo*. Madrid: Síntesis Psicológica.
- Marchioni, M. (1999). *Comunidad, participación y desarrollo*. Teoría de la intervención comunitaria. Madrid: Editorial Popular.
- Montero, M. (2003). *Teoría y práctica de la psicología comunitaria: la tensión entre la sociedad y la comunidad*. Buenos Aires: Paidós.
- Ramos, R. (2001). *Narrativas contadas, narraciones vividas*. Buenos Aires: Paidós.
- Rangel, M. P. (2003). Família imigrante: estrutura e funcionamento da rede social. *Dissertação de mestrado*. Faculdade de Psicologia, PUCRS, 2003.
- Rangel, M.P, e Sarreira, J. (2005). Redes sociais na investigação psicossocial. *Aletheia*, 21: jan-jun. pp. 53-68.

Recuero, R. C. (2004). *Teoria das Redes e Redes Sociais na Internet: considerações sobre o Orkut, as Weblogs e Fotologs*. Trabalho enviado para o núcleo de pesquisa de tecnologias da comunicação e informação do IV encontro dos núcleos de pesquisa da XXVII INTERCOM. Porto Alegre.

Sluzki, C. (1997). *A rede social na prática sistêmica*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Spink, M. J. org. (2000). *Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano. Aproximações teóricas e metodológicas*. São Paulo: Cortez.

Whitaker, F. (2001). Redes. Capturado in: RITS- organização em rede. Visitado em 2006 http://www.rits.org.br/redes_teste/rd_home_intro.cfm

Transversalidades e atravessamentos metodológicos na pesquisa de redes sociais

María Piedad Rangel M.⁶

O presente capítulo visa atingir dois objetivos: o primeiro pretende estabelecer as relações entre a Cibernética e a Socioanálise e o segundo é discutir os procedimentos efetuados nas pesquisas sobre redes sociais e pessoais, na importância desta junção metodológica, na compreensão das mesmas.

Para atingir estes objetivos, apresento alguns dos conceitos mais importantes da Socioanálise, continuo com origem da cibernética, quando denominada de primeira ordem, até o momento em que se constitui em uma ferramenta de relevância para a compreensão das relações e interações sociais, atingindo um patamar de cibernética de segunda ordem. A partir daí, pretendo fazer uma discussão que permita a conexão entre estas duas maneiras de analisar dados de pesquisa, e finalizo mostrando a função que cabe a esta metodologia para o estudo das redes sociais.

Socioanálise

A socioanálise é uma proposta metodológica para o estudo das estruturas sociais que consiste em traçar e medir relacionamentos que se estabelecem entre povos, grupos, organizações, computadores ou outra forma de interação e comunicação. O lugar de encontro de cada pessoa, grupo ou organização, são os nós os quais estão conectados pelas ligações, relações e comunicações que se criam entre eles. De modo geral a socioanálise fornece uma análise visual e matemática de relacionamentos humanos e sociais.

⁶ Psicóloga, Mestre em Psicologia Social e da Personalidade pela PUC-RS, doutoranda em Psicologia na PUC-RS. Professora da Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões - FW e da Universidade Luterana do Brasil - Canoas. piarangelm@gmail.com

Através das análises estruturais é possível conhecer o lugar que ocupa um nó dentro de uma rede de relações, assim como as características desta, em termos de tamanho, densidade, dispersão e distribuição dos elementos ou nós da rede.

Na atualidade existem vários programas computadorizados para análises estruturais como o *Mathemática*, o *InFlow 3.1* e o *q-analysis*, que realizam com precisão e alta qualidade visual os gráficos (modelos aparecem nos mapas 4 e 5). Estes programas realizam outras funções como, por exemplo, identificar os lugares mais centrais da rede, que consiste no número de relações que cada nó possui, bem como mensura a distância geodésica e geográfica.

No entanto, pesamos que utilizar somente ferramentas matemáticas para avaliar a rede é limitado, já que, apesar de dar uma clara noção da estrutura quando estudamos redes sociais, não possibilitam obter informações sobre as funções que presta essa rede, nem a compreensão da percepção que cada elemento tem sobre o lugar que ocupa nesse tecido, e os efeitos destas duas dimensões (estrutura e função) na constituição da identidade e da subjetividade.

Para entender a dimensão funcional da rede, partimos, então, do entendimento da cibernética.

Cibernética

Sistemas Mecânicos, Biológicos e Sociais

O desenvolvimento da cibernética teve suas origens na década dos anos 40 e Wiener, estudioso da educação, da filosofia, da lógica e da matemática, quem trabalhou com diversos tópicos como neurologia, psicologia e computadores (Geyer e Van Der Zouwen, 2002), é considerado o criador desta proposta. O objetivo principal da cibernética era entender, através de modelos computacionais, o comportamento humano e para isto foi criada uma classificação de como se organizam os sistemas vivos e não vivos.

Krieger (2002) diz que existem três níveis com organizações diferentes que correspondem por sua vez a três tipos de sistemas diferentes: mecânicos, biológicos e semióticos, e cada tipo de sistema deve estudar-se sob suas próprias ciências e regras.

As ciências físicas e biológicas fazem referência a sistemas mecânicos e orgânicos, enquanto que as ciências sociais estudam sistemas semióticos ou significantes.

Na pesquisa nas ciências sociais, Krieger (2002) propõe a teoria da auto-organização, e especificamente a análise da produção da informação, distribuição e aplicação de redes. Por sua vez, para compreender e explicar a auto-organização, ele se utiliza do conceito de auto-referência.

Para o autor, o princípio de organização cumpre três funções: seleção, relação e controle do sistema, que está composto de elementos. Cada sistema tem seus próprios limites que o diferenciam do meio em que funciona, e essa distinção entre meio e sistema é constitutivo de todos os sistemas; assim, quando um sistema seleciona seus componentes ou elementos, cria um código e tudo o que não pertence ao código, o sistema o considera como meio ambiente. Os elementos que conformam o sistema, por si só não constituem rede social; são as relações que constroem sob o código específico, que os diferencia do ambiente. Nos sistemas orgânicos, o código genético está construído e constrói seus próprios elementos.

Todos os sistemas, de uma ou outra maneira, são auto-referenciais; o seja, suas operações estão referidas a si mesmos, e esta manifestação leva a suportar mudanças e transformações. A auto-referência emerge do controle ou direcionamento que vem do código. Isto foi observado nas conexões realizadas entre os nós das redes nas diversas pesquisas. Entre os cursos foi interessante perceber que as preferências por morar sozinho o em companhia foi característica de grupos diferentes. No tecido municipal, por exemplo, instituições de educação percebem instituições educativas e as de controle social se lembram entre si.

Isto vem ao encontro do referido por Krieger (2002) sobre sistemas semióticos em quanto que são sistemas auto-referenciais em que eles mesmos se constituem em sentido. Eles conferem significado às coisas, adjudicando nomes, designações, são código semiótico. Os elementos do sistema semiótico são mais do que signos. Incluem a pragmática (da comunicação). O sistema semiótico pode referir suas operações para designar-se a si próprio somente se consegue autodesignar-se; desta maneira ele é autoconsciente e adquire identidade própria. Ou seja, cada rede da rede tem uma identidade

própria que a distingue das outras redes dessa macro-rede social. E nos sistemas semióticos ou significantes e linguagem, é mediante ela que se criam os limites da rede. A percepção do outro aparece na nomeação do outro. O exercício de pensar quem faz o que para outro em diversas situações, no caso das redes sociais-pessoais e municipais cria as fronteiras da rede. Mas outros dessa rede lembram de outros que conectam indiretamente os primeiros nós. Tal foi o caso da rede municipal, que a partir das dez instituições percebidas pela primeira diretora entrevistada, deu lugar à visibilidade de 69 instituições e 263 conexões criando o que Sluzki (1997) denominou rede de redes.

Deste modo a partir do estudo dos sistemas semióticos se abre o caminho para a proposta da cibernética de segunda ordem.

Se bem os estudiosos da cibernética tiveram como objetivo examinar a comunicação em sistemas simulados e máquinas robóticas na cibernética de *Primeira Ordem*, na que se estudavam os processo de comunicação humana como se esta fosse uma máquina fechada, este modelo apresentava limitações quando se queria transpor para o estudo das relações sociais, que o próprio Wiener apresenta:

1. As sociedades não são máquinas fechadas, mas abertas e os dados usualmente estão afetados por condições do meio ambiente.
2. Nas ciências sociais o observador é por sua vez observado e isto produz uma (co)dependência porque o observador inevitavelmente vai sofrer influências das pessoas, sistemas e contextos que estuda.

Esta forma de estudar os seres vivos e as sociedades é linear, já que sendo concebidos como sistemas fechados, teriam um funcionamento causal, o *input* produz o *output* produzido e dificilmente poderiam se auto-regular por causa da predeterminação da informação recebida. Ou seja, sempre que uma informação ingresse num sistema, a resposta, a produção será a mesma.

A partir destas limitações, novos avanços foram aparecendo nas discussões de pesquisadores e teóricos interessados neste tipo de assuntos tais como Walter Buckley, Karl Deutsh, Ashby, Buckley e Bradford Kenney, e Von Foester começaram a re-pensar cibernética, dando passo, assim, à cibernética de *Segunda Ordem*. Esta consiste em introduzir, para a compreensão das sociedades e das relações e comunicações que

acontecem e se geram nela, os conceitos de circulariedade, não previsibilidade, e a condição de sistemas observantes, em tanto que: a. Todo o que é dito, é dito por um observador (Maturana, 1995); b. Todo o que é dito é dito para um observador (Von Foerster, 1993).

Para compreender as diferenças principais entre a cibernética de primeira e segunda ordem, apresento a seguinte tabela (Rangel, 1996).

Cibernética de primeira ordem	Cibernética de segunda ordem
<ul style="list-style-type: none"> ○ Abstrai o aspecto da ação e a formaliza mediante a eleição. ○ Controla para manter as condições que sustentam objetivos concretos dentro de um esquema dado. ○ Especifica sua própria objetividade. ○ Pressupõe objetividades científicas, e esta objetividade é igual a uma máquina especificada, fiável e auto-sustentável. ○ Pressupõe e depende das objetividades dadas pela ciência clássica, a priori aos sistemas sociais. ○ As objetividades não mudam ao serem efetivadas. 	<ul style="list-style-type: none"> ○ Abstrai o aspecto e o formaliza mediante um fato de distinção. ○ Delimita e distingue produções de relação: emergência de um meta-objetivo que consiste na possibilidade de realizar um novo sistema de objetivos-relações particulares. ○ Estuda as relações entre ação e seus efeitos finais. ○ Os processos objetivantes são concebidos como produtivos e reflexivos. ○ Reflexão epistêmica entre diferentes sujeitos atuantes. ○ Constrói as objetividades. A validade aparece no consenso. As objetividades interagem entre os sistemas observantes.

Tabela 22 Cibernética de primeira e segunda ordem

Vou me deter nos tópicos abordados na segunda coluna, Cibernética de segunda ordem, articulando esta com a socioanálise, na relação com o percurso da minha pesquisa sobre redes sociais, pessoais. Deste modo, a análise é auto-referencial e auto-reflexiva, na tentativa de me colocar no foco da observação do meu próprio processo como pesquisadora e leituras que desde esse lugar fiz dos diversos participantes.

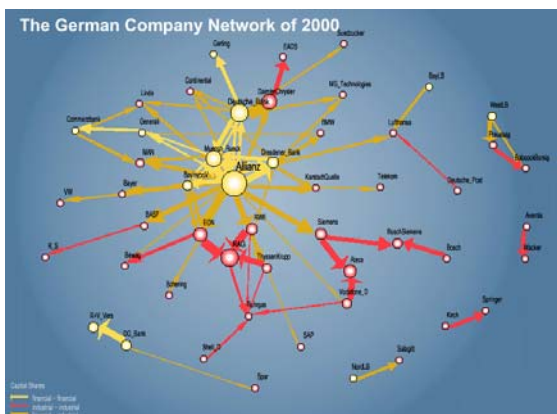
Socioanálise Cibernética no estudo das redes sociais

Abstrai o aspecto e o formaliza mediante um fato de distinção. Penso que foram dois os fios que conectaram as três pesquisas realizadas. O primeiro foi aprender sobre as redes sociais utilizando-me do enfoque ecossistêmico. E o segundo, entender a identidade que essas redes produzem. A Socioanálise Cibernética proposta por Delgado e Gutiérrez (1995), estuda as redes sociais como uma estrutura física, ontológica que adquire sentido social pela função, que ocorre principalmente através da comunicação; o seja as redes sociais têm uma dimensão lingüística, comunicacional. Deparei-me com que os

referenciais teóricos sobre redes, nesta abordagem, assim como as pesquisas, tinham como foco a pessoa, não grupos ou instituições. Portanto, tive que fazer fatos de distinção. E para distinguir tive que enxergar primeiro o semelhante. Pessoa, grupo, família, município são sistemas e como tais tecem relações entre seus elementos. Esses tecidos internos produzem a identidade do sistema. Deste modo, o semelhante é que todos são sistemas comunicacionais, cujos elementos são produtores e produtos de sentidos e de significados. As distinções foram encontradas nos modos de solicitar e oferecer as funções das redes. Nas instituições estas estão formalizadas na visão, na missão e nos objetivos, enquanto que nas redes pessoais estas funções aparecem informalmente.

Delimita e distingue produções de relação: emergência de um meta-objetivo que consiste na possibilidade de realizar um novo sistema de objetivos/relações particulares. Pensar deste modo me ajudou a refletir sobre o uso dos instrumentos para mapear as redes municipais a partir do instrumento proposto por Sluzki, em 1997, para o estudo da rede social-pessoal. Se o instrumento se chama Mapa de Redes, como mapear a rede de uma instituição? Foi desse modo que cheguei à proposta de utilizar o mapa geofísico do município para traçar sobre ele as relações. A distinção entre os dois instrumentos resultou interessante, principalmente no que tem a ver com a percepção de proximidade e distância da relação.

No instrumento da rede pessoal social, os círculos concêntricos indicam esta percepção. No mapa do município representei essa percepção com linhas de cores. Se bem num primeiro momento pensei que seria uma idéia inovadora, vários sistemas de representações de redes utilizam as cores, de modo bem mais sofisticado que a minha forma artesanal de apresentar ele. Exemplos são o *Mathematica* e o InFlow 3.1 que integram representativamente um motor computacional numérico e simbólico, um sistema de gráficos, uma linguagem de programação, um sistema de documentação, e um modelo de conectividade avançado a outras aplicações. As ferramentas destes programas permitem também traçar as linhas coloridas (<http://www.wolfram.com/products/mathematica/introduction.html>), de tal modo que podem se estabelecer códigos para a leitura dos mapas.



Mapa 3 Modelo gerado com o programa InFlow 3.1 - Social Network Mapping Software



Mapa 4 Modelo gerado com o programa Mathemática

Não obstante conhecer estes programas, mantive a proposta do tecido artesanal por várias razões. A primeira delas é que podia manipular diretamente as linhas, e os participantes da pesquisa também podiam fazê-lo, o que me deu uma sensação de pertencer e criar redes. A segunda, porque pelo número de instituições dessa rede foi possível realizar de forma concreta. E a terceira, colocar no mapa da cidade os alfinetes das instituições no endereço exato, dá precisão à percepção da distancia geográfica, da distribuição dentro do município e dos cruzamentos destas linhas, assim como do emaranhado e do isolamento geográficos.



Mapa 5 Detalhes de setores geográficos do mapa de Redes Municipal

Estuda as relações entre ação e seus efeitos finais. Pensar as relações das minhas ações e os efeitos finais delas me permite pensar várias dimensões da relação e da pesquisa. Pesquisar, sem dúvida alguma é possível pela cooperação e não pelo isolamento.

Destarte, as pesquisas foram co-produto de uma equipe que colaboramos para estas se produzirem. Perguntar ao casal, discutir com os calouros, perguntar para os diretores das diversas instituições que emergiram a partir da instituição foco no município deu o sentido à rede e as funções que estas solicitam, oferecem e mobilizam. Pensar constantemente no efeito da pesquisa na relação e na vida destes participantes, mobilizou minha rede social pessoal e também a rede social pessoal de alguns deles. Assim, o casal passou a me incluir no seu mapa e depois de mim à minha família. Constituímos-nos em partes da rede. Com certeza este casal de imigrantes, também faz parte da minha rede social pessoal. Na Universidade, alunos se aproximaram de mim para solicitar apoio, orientação e ajuda. Tive que encaminhá-los a colegas e instituições que dessem conta das necessidades que emergiram quando os acadêmicos se depararam com suas redes sociais-pessoais. Levantar o mapa de redes municipal levou a dar suporte, por meio de programas de extensão universitária e de estágios profissionalizantes, à instituição pesquisada.

Os processos objetivantes são concebidos como produtivos e reflexivos. Observar o número de componentes da rede, o número de conexões, o número de linhas, a qualidade da relação, produziu reflexões em todos os sistemas pesquisados. O perceber *como estamos ficando sozinhos*, da esposa do casal imigrante; a preocupação de alguns estudantes ao observar que não tinham nenhuma instituição ou pessoa no quadrante da comunidade na primeira vez que desenharam o mapa e a aparição destas no segundo momento da realização do mapa. A instituição se dar conta da trama social e relacional da sua rede, sem dúvida produziu efeitos sobre esta. Portanto podemos afirmar que pesquisar é intervir; não podemos questionar sem mobilizar e produzir interferências no outro.

Law (2002), propõe o estudo da semiótica das redes sociais, que é a relação dos contrastes; as pessoas não têm a possibilidade de comportamento totalmente diferenciado já que os atributos dos elementos particulares no sistema, em um nó particular da rede, podem ser definidos unicamente em relação com outros elementos do sistema e outros nós da rede. Os elementos da rede só terão significado se consideramos a estrutura do sistema como um todo. Os sistemas se criam nas e pelas relações que eles geram.

Também a Socioanálise cibernética baseia-se na conjunção de uma teoria dos sistemas auto-organizados e nas pesquisas físicas sobre as estruturas dissipativas e a ordem

flutuante. Isto condiz com o modo de pensar as redes sociais como móveis, migracionais, em constante co-produção e reconstituição.

De forma geral os mapas de rede sociais-pessoais sofreram dissipações e migrações ao longo dos meses em que acompanhei estes diversos grupos. O ingresso e saída de elementos da rede modificaram os modos de produção de sentido nos estudantes universitários e no casal.

Reflexão epistêmica entre diferentes sujeitos atuantes. Ao longo destes anos de pesquisa sobre redes sociais consigo perceber como a forma de me inserir nela me modificou. O modo de pensar as instituições mudou e a minha preocupação pelo efeito que a pesquisa produz em mim e principalmente no outro me levou a momentos de oscilação. O fato de acompanhar ao longo do tempo o casal e os calouros me fez pensar permanentemente no lugar que ocupo nessas redes. Por ocasião da análise da rede municipal pensei e questioneei o lugar da Universidade no Município e a responsabilidade da ação do curso, no papel e efeito dos estagiários quando abrem as portas ao aprendizado nas diversas instituições com as quais são tecidos os nós da rede.

A reflexão sobre as redes não visíveis ou as redes secundárias da instituição que cuida da criança e do adolescente, quando os nós se conectam com instituições de controle social como a brigada militar e o presídio. E o fato de ainda as crianças serem designadas como “menores em risco social”, e não como crianças e adolescentes, me faz pensar que os modos de falar produzem identidades e com elas expectativas sobre os comportamentos futuros.

Constrói as objetividades. A validade aparece no consenso. As objetividades interagem entre os sistemas observantes. Os diversos modos em que os participantes da pesquisa entendemos os mapas, os instrumentos, os gráficos, ampliou em todos nós os sentidos de pertencer à rede. Pessoas que tiveram acesso ao mapa rede municipal, moradoras na cidade, se aproximaram a mim para falar também do seu sentir e sobre as interpretações que fizeram destas conexões. Falaram de como muitas vezes é difícil se distanciar do outro pelo fato de muitas pessoas da rede compartilhar os mesmos espaços, do modo em que se atravessam a comunicação formal e a informal, de como se produz o rumor e a comunicação dentro do município. Também da percepção que a cotidianidade

produz em relação às distâncias geográficas. O que para os moradores do município constitui longas distâncias geográficas, para mim, como moradora da grande Porto Alegre, constitui distâncias curtas. Estas objetividades construídas levam a facilitar e/ou dificultar o acesso e procura por serviços e ativação da rede social comunitária.

Tentar compreender as relações sociais à luz da cibernética de segunda ordem, e introduzir o conceito de desordem e caos é possível si conceituarmos como sistemas observantes, que para efeitos de pesquisa permite criar um contexto investigativo no qual todos os participantes dela fomos atores - ativos (aceite-se a redundância), dando passo a uma abordagem da realidade cooperativa. Foi por exemplo o caso junto ao casal, para compreender como o choque cultural modificou o funcionamento familiar e permitir entender que esses ajustes que, na avaliação “dura” do instrumento apontava para uma disfuncionalidade, mas que ao entender o como se produziu e o para que se produziu essa forma diferente de relação ganha sentido novo.

Os sistemas observantes, ou observadores, dizem respeito da observação (do universo) que implica a quem o descreve (observa), dando passo à necessidade de olhar o observador. Nesta nova perspectiva, se estabelece uma relação entre o observador e suas observações, já que suas descrições falam em primeiro lugar dele próprio, podendo em consequência, parecer um paradoxo; tal seria o caso de dizer “eu sou um mentiroso”. (Von Foerster, citado por Ibáñez, Coord. 1998a).

Assim, todos os participantes da pesquisa tivemos a mesma capacidade de comunicarmos-nos e comunicar como construímos as redes sociais e como estas influenciam nos modos de relação e de percepção do mundo.

Referências

Bateson, G. (1993). *Espíritu y naturaleza*. Buenos Aires: Amorrortu editores.

Dijkum, C., Geyer, F. & Lee, R. (2000). Sociocybernetics. In *Journal of Sociocybernetics*. (1)-2. Fall/Winter 2000. Disponível em www.unizar.es/sociocybernetics/. Visitado em 07/10/2006

Elkaïm, M. (1998). *La terapia familiar en transformación*. Buenos Aires: Paidós.

- Geyer, F. & Van der Zouwen. Norbert Wiener and the social sciences. In *Non-linear socio-dynamics*. Disponível em <http://www.tryoung.com/chaos/024Weiner.htm>. Visitado em 07/06/2006.
- Krieger, D. (2002). Operationalizing self-organization theory for social science research. Disponível em <http://platon.ee.duth.gr/~soeist/t/papers/krieger1.html>. Visitado em 10/06/2006.
- Law, L. (2002). *Networks. Relations Cyborgs. A study of technology*. Centre for Science Studies Lancaster University.
- Maturana, H. (1995). *La realidad: ¿Objetiva o construida?* Barcelona: Antrhops.
- Rangel, M. P. (1996). De la ciencia clásica a la ciencia no clásica. In *Revista para la especialización en Gerencia de Mercadeo*. Universidad Externado de Colombia. Publicação interna.

Apéndice A

Instrumentos utilizados para pesquisa sobre familia inmigrante.

FACES III

OLSON, PORTNER Y LAVEE. 1985

VERSIÓN REAL PARA PAREJAS

POR FAVOR, DESCRIBA COMO ES SU FAMILIA EN LA ACTUALIDAD:

Marque con una X encima del número que corresponda a su respuesta teniendo en cuenta que significan:

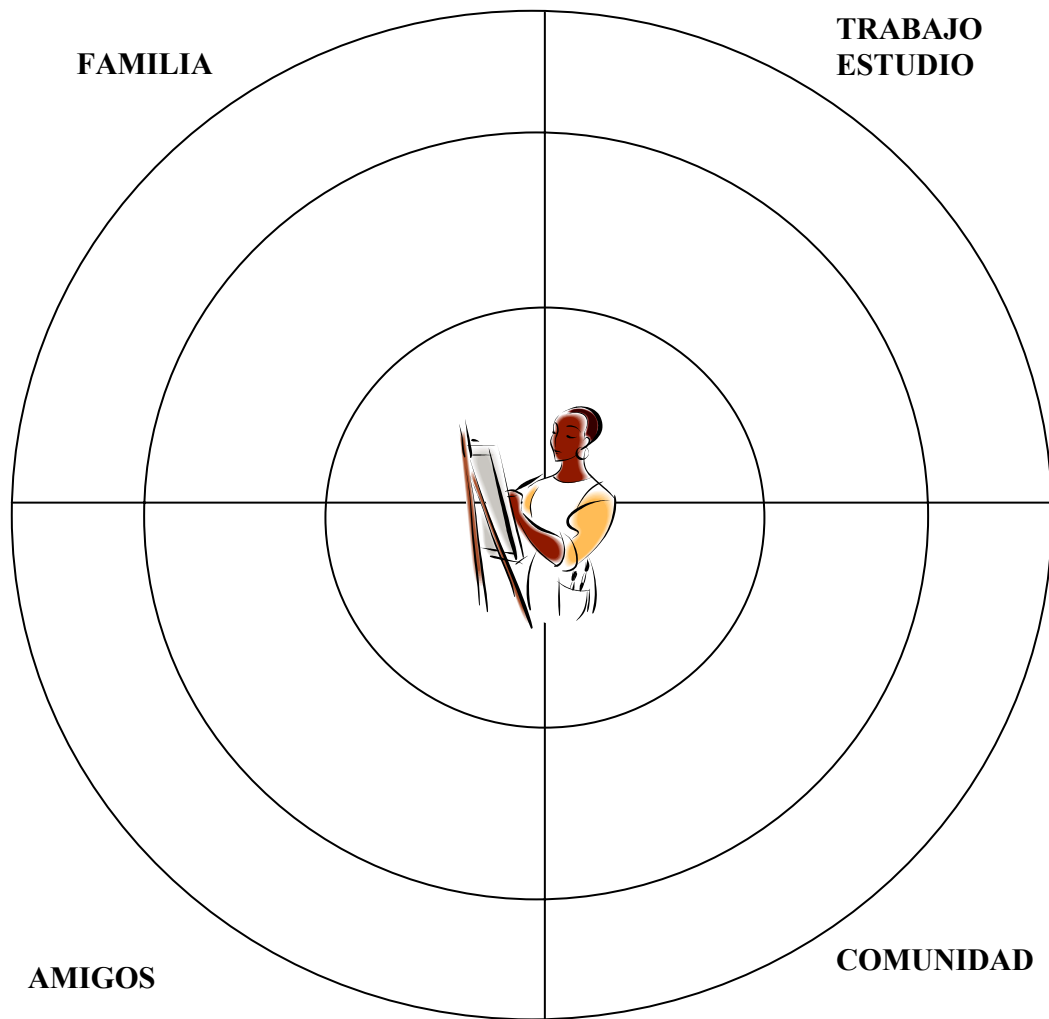
1 a casi nunca, 2 a una que otra vez, 3 a veces, 4 con frecuencia y 5 casi siempre

1. Nos pedimos ayuda uno al otro	1	2	3	4	5
2. Cuando surgen problemas, llegamos a una solución de compromiso	1	2	3	4	5
3. Aprobamos los amigos que cada uno tiene	1	2	3	4	5
4. Somos flexibles en la forma de manejar nuestras diferencias	1	2	3	4	5
5. Nos gusta hacer cosas juntos	1	2	3	4	5
6. Cualquiera de los dos actúa como líder en nuestro matrimonio	1	2	3	4	5
7. Nos sentimos más cerca el uno del otro que de personas externas a nosotros	1	2	3	4	5
8. Hacemos cambios en la forma de ejecutar los quehaceres.	1	2	3	4	5
9. Nos gusta pasar juntos su tiempo libre.	1	2	3	4	5
10. Ensayamos nuevas formas de resolver los problemas	1	2	3	4	5
11. Nos sentimos muy cerca el uno del otro	1	2	3	4	5
12. En nuestro matrimonio tomamos las decisiones conjuntamente	1	2	3	4	5
13. Compartimos juntos las aficiones e intereses	1	2	3	4	5
14. Las reglas cambian en nuestro matrimonio	1	2	3	4	5
15. Fácilmente se nos ocurren cosas que podemos hacer como pareja	1	2	3	4	5
16. Nos turnamos las responsabilidades en casa	1	2	3	4	5
17. Nos consultamos mutuamente en nuestras decisiones.	1	2	3	4	5
18. Es difícil identificar quien o quienes es el líder en nuestro matrimonio	1	2	3	4	5
19. Nuestra unión es prioritaria	1	2	3	4	5
20. Es difícil decir quien de nosotros hace cuáles labores del hogar.	1	2	3	4	5

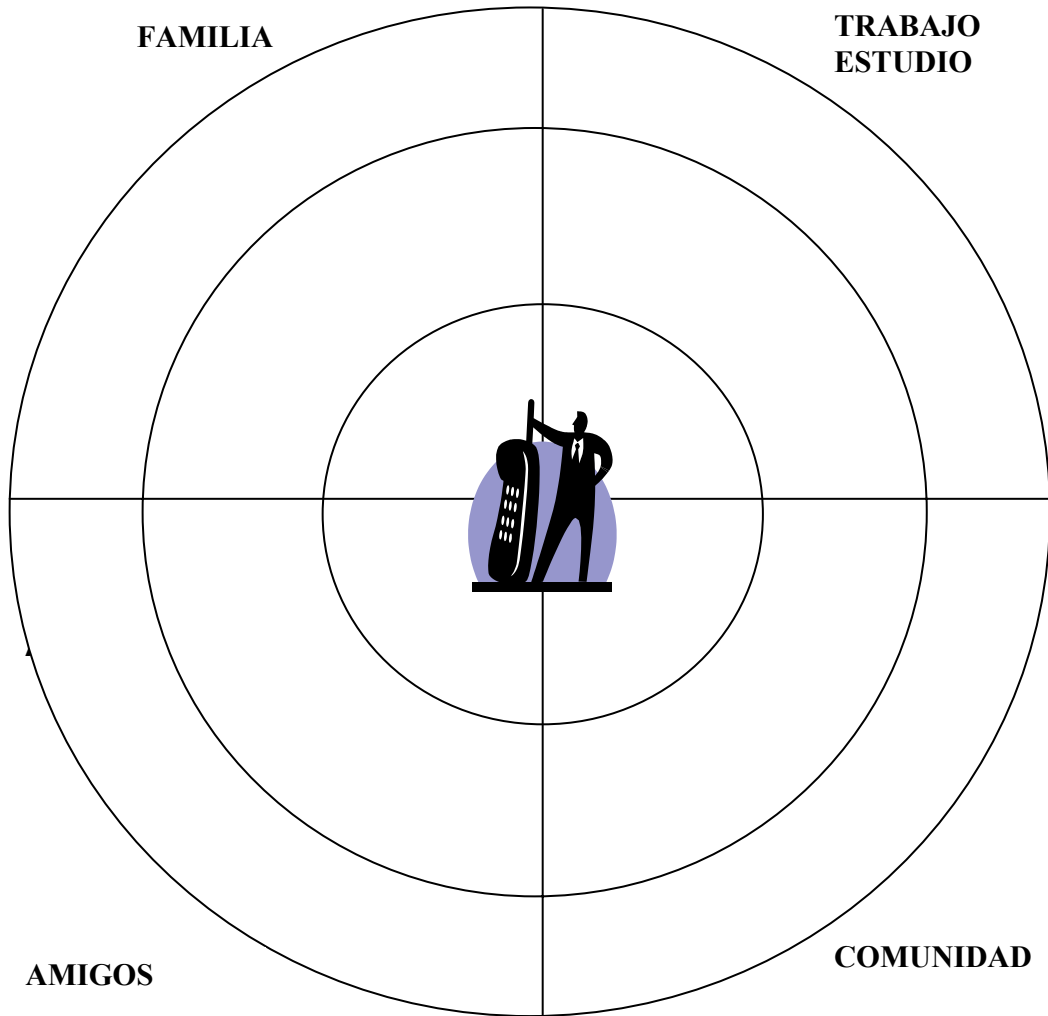
Por favor indique cual si usted es: La esposa _____
El esposo _____

Mapa de red social-personal

MAPA DE REDES FAMILIAR-PESSOAL



MAPA DE REDES FAMILIAR-PESSOAL



Cuestionario sobre red

Las preguntas generales de las entrevistas semi-estructuradas para el levantamiento del mapa de redes:

Para la dimensión estructural, los tópicos orientadores son:

1. ¿Que les parece el número de personas que componen su red social?

2. ¿les gustaría tener más o menos personas u organizaciones en su red social?

3. ¿en este momento, les gustaría agregar a alguien más en alguno de los cuadrantes de la red?

4. ¿consideran ustedes que todas las personas de su red están conectadas? Cuales si y cuales no?

5. Sería diferente si ellas estuvieran más (o menos) en contacto entre ellas? Como modificaría la posibilidad de ayudar a su familia cuando lo necesitara?

6. ¿cómo les parece que están distribuidas las personas y/o instituciones dentro de los cuadrantes amistades, amigos, familia y comunidad?

7. ¿les gustaría cambiar alguna cosa? ¿en algún cuadrante específico?

8. ¿qué tan lejos o qué tan cerca están las personas que componen su red social?

9. ¿cómo perciben ustedes la posibilidad de recibir ayuda de ellos a esa distancia? ¿los perciben muy cerca o muy lejos?

10. ¿qué tanto son parecidas ustedes y las personas que componen su red social? En qué aspectos son más parecidas y en cuales menos?

11. ¿las edades, gustos, actividades, etc. Son comunes entre ustedes y ellos?

12. ¿cuando ustedes sienten ganas de salir o de encontrarse con amigos, a quien invitan?

13. ¿qué diferencias han observado en las relaciones establecidas en el brasil, de las relaciones que tienen o tenían en su país de origen?

14. ¿cuando ustedes necesitan de alguien para “levantarles la moral”, a quien acuden?

15. ¿logran expresarles a las personas brasileñas sus necesidades de apoyo emocional? ¿y reciben ese tipo de apoyo?

16. ¿sienten que entre ustedes se comprenden las necesidades de ambos? ¿las personas o instituciones les han proporcionado elementos o recursos para que puedan adaptarse y comprender la cultura brasileña?

17. Cuando ustedes necesitan comprender mejor algún aspecto de la cultura o costumbres del brasil, ¿a quien acuden?
-
18. Cuando necesitan consejo u orientación sobre aspectos de adaptación, ¿a quien recurren?
-
19. ¿han encontrado en el brasil personas que les presten guía y consejo?
-
20. ¿en ocasiones necesitan a alguien para los ayude a poner límites, ver formas de solucionar conflictos con otros?
-
21. Si es afirmativo, ¿a quien le solicitan? ¿está representado en el mapa? ¿les gustaría incluirlo?
-
22. En caso de que necesiten ayuda material, como dinero prestado, de fiadores, etc. ¿tienen a quien solicitarles eso? ¿están en el mapa? ¿les gustaría incluirlos?
-
23. Cuando necesitan un favor, ¿a quien recurren?
-
24. ¿a través de quien o en donde, han conseguido conocer a más personas aquí en Brasil?
-
25. ¿tienen vínculo de trabajo o de estudios?
-
26. ¿han conocido o ingresado a contextos religiosos, de ocio de salud? ¿están en el mapa? ¿les gustaría incluirlos?
-

Apêndice B

Instrumentos utilizados para a pesquisa Transição ecológica: calouros

Estes questionários e mapas foram utilizados na pesquisa Transição ecológica: A rede social-pessoal em transição: mudanças no tempo

Guia para pensar o Mapa de Redes Pessoal- Social

Questionário N° _____ Curso: _____

Idade: _____ Com quem mora: _____

Cidade na qual moram seus pais: _____

A seguir encontra uma tabela contendo seis colunas com os títulos: N°, Família, Grau de parentesco, Amigos, Trabalho e Comunidade.

Faça uma lista das pessoas e instituições que você considera parte da sua rede social pessoal, em ordem decrescente assim: das relações mais próximas até as mais distantes e ocasionais. Pode escrever todos os nomes que lembre neste momento.

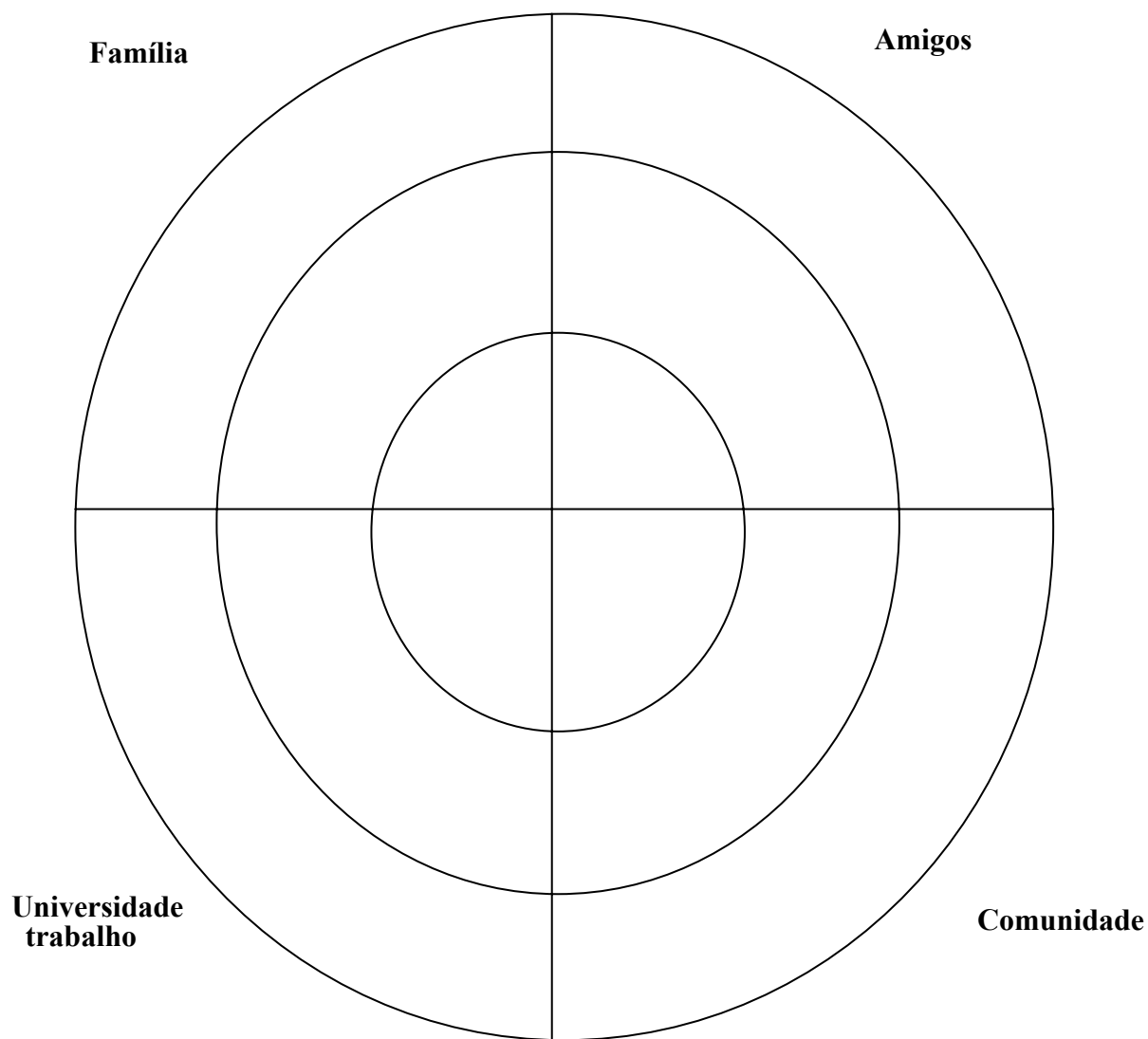
Pode escrever tantos nomes quantos forem preciso. Podem ser mais ou menos que os números da primeira coluna. Se precisar de mais espaço, por favor, continue atrás da folha, dando seqüência à numeração.

N°.	Família	Grau de Parentesco	Amigos	Universidade/ Trabalho	Comunidade
1					
2					
3					
4					
5					
6					
7					
8					
9					
10					
11					
12					
13					

Mapa de Rede social pessoal

A seguir você encontra um gráfico cujo nome é mapa de redes. Nele aparecem três círculos concêntricos e está dividido em quatro partes, chamadas quadrantes. Note que esses quadrantes correspondem aos títulos da tabela que preencheu antes. Os círculos concêntricos se referem à proximidade com que você percebe seus relacionamentos. Esta proximidade não tem a ver, necessariamente, com a proximidade geográfica. Sluzki, o autor deste instrumento, recomenda, para preenchê-lo, o seguinte; no primeiro círculo, o menor, colocar as relações mais íntimas, no intermediário as relações com menos intimidade e por fim, no externo colocar conhecidos e relações ocasionais.

Por favor, represente com um círculo as mulheres, com um quadrado os homens e com um triângulo as instituições. Coloque dentro de cada figura o número com que aparece na primeira coluna (N^o.) da sua lista.



Questionário para levantamento de dados do mapa

Você considera suficiente ou insuficiente o número de pessoas que formam seu mapa de rede? Marque sua resposta com um X dentro do parêntese.

Família () suficiente () insuficiente
 Amigos () suficiente () insuficiente
 Comunidade () suficiente () insuficiente
 Trabalho () suficiente () insuficiente

2- Quão parecidos são os elementos da rede com você? Note que as questões são as mesmas para cada quadrante do seu mapa de redes.

Família:

Sexo () muito () médio () pouco
 Idade () muito () médio () pouco
 Interesses () muito () médio () pouco

Amigos:

Sexo () muito () médio () pouco
 Idade () muito () médio () pouco
 Interesses () muito () médio () pouco

Comunidade:

Sexo () muito () médio () pouco
 Idade () muito () médio () pouco
 Interesses () muito () médio () pouco

Trabalho:

Sexo () muito () médio () pouco
 Idade () muito () médio () pouco
 Interesses () muito () médio () pouco

3- Quanto distante se encontram geograficamente estes elementos?

Família () próximo () médio () longe
 Amigos () próximo () médio () longe
 Comunidade () próximo () médio () longe
 Trabalho () próximo () médio () longe

4- Você pensa que o número de instituições com as quais você tem contato é suficiente? () Sim () Não

5- Quem você procura quando tem vontade de passar o tempo com alguém? (identifique até três pessoas pelos números). Escreva segundo a ordem da tabela que fez, e

a seguir escreva F para família, A para amizades, U/T para universidade/trabalho e C para comunidade (Por exemplo, 1A-15C-3F). _____, _____, _____.

6- Alguém que ajude a você a colocar e entender limites, que explique o funcionamento das normas, regras, etc. Alguém que lhe ajude a resolver os conflitos. _____, _____, _____.

7- Quando precisa “colo” à quem pede ajuda afetiva? _____, _____, _____.

8- Quem é o seu modelo, espelho, com quem gostaria de se parecer? _____, _____, _____.

9- Através de quem você consegue conhecer novas pessoas e instituições? _____, _____, _____.

10- Quando precisa de ajuda material (dinheiro, empréstimos, livros) ou serviços (saúde, favores e outros) a quem você recorre? _____, _____, _____.

Apêndice C

Instrumentos utilizados na pesquisa Redes Sociais Municipais

Neste apêndice apresento os instrumentos utilizados para o levantamento dos dados que permitiram mapear a rede social municipal da instituição estudada no terceiro artigo.

<i>ESTRUTURA</i>	<i>Densidade</i>		<i>Composição e distribuição</i>			<i>Dispersão</i>	
	Conexão	Vínculo	Privada	Pública	ONG's Organização da sociedade civil	No Município	Fora do Município
1							
2							
3							
4							
5							
6							
7							
8							
9							
10							

Conexão: 1. Próximo; 2. Médio; 3. Distante.
Vínculo: 1. Dependência; 2. Relação adequada; 3. Relação fraca ou distante; 4. Relação em construção; 5. Relação interrompida; 6. Relação em conflito

Homogeneidade/heterogeneidade da rede: semelhanças e diferenças sócio-demográficas (Caráter da instituição, serviços ou bens que oferece)

Funções solicitadas

a) Companhia Social:

Quando a instituição festeja datas importantes para ela, quais instituições convida?

b) Apoio Emocional:

Quando a instituição e seus trabalhadores estão passando por dificuldades que os abalam a quem recorre?

c) Guia cognitivo e conselheiro:

A quem sua instituição solicita informações, com quem esclarece expectativas e tem como modelo de funcionamento institucional?

d) Regulação Social:

Com quem sua instituição reafirma a responsabilidade e solicita ajuda para a resolução de conflitos?

e) Ajuda material e de serviços:

Para quem a instituição pede ajuda, colaboração eficaz ou ajuda física, incluindo serviços de saúde?

f) Acesso a novos contatos:

Através de que meio a instituição busca conexão com outras redes ou traz novos membros à sua rede?

Funções oferecidas

a. Que tipo de bens ou serviços esta instituição está em capacidade de prestar

b. Qual é a missão e a visão da instituição?

c. Qual a área de cobertura da instituição? (Bairros, localidades)

d. Qual a população alvo dos serviços ou bens que oferece? Mais ou menos quantas pessoas por dia, mês, ano, atende sua instituição?

e. Especificamente quais as ações, programas, projetos, serviços ou produtos esta instituição oferece?

f. A instituição pertence a alguma rede? Qual é? Como se relaciona com ela?

g. Através de que recursos a instituição se mantém? Que formas existem para obter dinheiro e outros haveres?

h. A instituição conta com assessores, voluntários, consultores, conselheiros ou outras pessoas que contribuem com ela? Quais e o quê fazem? Em quais setores da instituição?

g. A instituição tem estagiários e o que eles fazem?

Dados de identificação da instituição

1. Nome da organização ou associação: _____
2. Caráter da organização ou associação (lazer, educação): _____
3. Ações que realiza (atividades sociais, projetos): _____

Apêndice D

Cartas de aceite de pesquisa de comitê de bioética



URI - Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Reconhecida pela Portaria Ministerial nº 708 de 19/05/92 - D.O.U. de 21/05/92
Mantida pela Fundação Regional Integrada – FuRI Jane2002
<http://www.fw.uri.br>
E-mail: secgeral@fw.uri.br

Erexim, 20 de dezembro de 2004

Prezado (a) señor (a)

O Comitê de Bioética em Pesquisa da URI, aprovou o registro N° 064-2/PIH/04, intitulado como “*Redes Sociais Municipais em Frederico Westphalen*”, sob orientação da Profa. Maria Piedad Rangel Meneses.

Lembramos que um relatório anual, do projeto em andamento deverá ser apresentado ao Comitê de Bioética – COBE/URI.

Atenciosamente

Dra. Leonira M. Giacomuzzi Konosinski
Presidente do Comitê de Bioética em Pesquisa da URI

Porto Alegre, 03 de dezembro de 2003

Ofício nº 801/03-CEP

Senhor(a) Pesquisador(a):

O Comitê de Ética em Pesquisa da PUCRS apreciou e aprovou seu protocolo de pesquisa intitulado: "Aculturação em imigrantes econômicos e refugiados latino-americanos: aspectos psicossociais e estratégias de inclusão/exclusão social".

Sua investigação está autorizada a partir da presente data.

Atenciosamente,

Prof. Dr. Délio José Kipper
Coordenador do CEP-PUCRS

Ilmo(a) Sr(a)
Jorge Castellá Sarriera
N/Univeridade

Apêndice E

Termos de consentimento

O primeiro termo de consentimento foi assinado pela família imigrante e apresentado no idioma de origem. O segundo termo de consentimento foi assinado por cada acadêmico e o terceiro por cada um dos diretores das instituições mapeadas.

Término de consentimiento libre y aclarado

Usted está siendo invitado a participar de una investigación sobre las familias hispano-americanas, inmigrantes en Porto Alegre. Esta investigación es parte de la Tesis de Doctorado en Psicología, desarrollada por María Piedad Rancel Meneses, en la Pontificia Universidad Católica de Rio Grande do Sul. La participación solicitada es para responder el cuestionario **FACES III**, cuyo tiempo de respuesta aproximado es de 10 minutos. También para dibujar el **Mapa de Red Social** y responder a la **entrevista** semi-estructurada – la cual será **grabada**-, con duración aproximada de 90 minutos. Usted está libre para decidir participar y puede desistir en cualquier momento sin perjuicio alguno. Sus datos serán tratados de manera confidencial. Si usted concuerda en participar, por favor firme este documento y responda a los instrumentos.

Usted guardará una copia de este documento.

Muy agradecida,

María Piedad Rangel Meneses
Investigadora Responsable
02/05/2004

Declaro que fui informado que los instrumentos presentados a mi: Cuestionario FACES III, Mapa de Red Social y Entrevista grabada. Se que tengo total libertad para no participar, así como de desistir del proceso en cualquier momento; además fui informado de que los datos que yo ofrezco serán tratados de manera confidencial. También fui informado de la disponibilidad de la investigadora para solucionar dudas, ahora o en el futuro, sobre mi participación en este trabajo y el destino que será dado a los conocimientos que resulten de la investigación. Para esto, puedo contactar con María Piedad Rancel en el teléfono 51-33124200.

Recibí copia del presente Término de Consentimiento

Firma:
Nombre:
Fecha: